

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES E
COMUNICAÇÃO CONJUGAL**

FELIPE MATTIELLO

Brasília, DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES E
COMUNICAÇÃO CONJUGAL**

FELIPE MATTIELLO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Professora Doutora Isabela Machado da Silva.

Brasília, DF

2021

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Isabela Machado da Silva.

Banca avaliadora:

Prof. Dra Isabela Machado da Silva (Universidade de Brasília - UnB) - Presidente

Prof. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos (UnB) – Membro Interno

Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin (USP) – Membro Externo

Prof. Dr. Adriano Beiras (UFSC) – Membro Externo Suplente

Wir sind sehr fröhlich

Bitte dich, Vergissmeinnicht

Aber wer bin ich?

(Somos muito felizes

Por favor, não-me-esqueças

Mas, quem sou eu?)

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Luiz e Idete, por todo apoio nesses dois anos e meio, por estarem ao meu lado mesmo à distância, por me incentivarem a estudar, mesmo quando o cansaço tomava o melhor de mim, por me mostrarem o valor e a importância do estudo, por terem lido tantos gibis da Turma da Mônica quando eu era criança, despertando meu amor pela leitura, e por serem os melhores pais que eu poderia sonhar em ter na vida.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Isabela Machado, por ser um modelo não apenas de psicóloga, pesquisadora, professora, supervisora e orientadora, mas de pessoa amiga e compreensiva. Estendo meus agradecimentos a todos professores e professoras que contribuíram com a minha formação.

Agradeço aos meus amigos e às minhas amigas por estarem presentes nos momentos de felicidades e de dificuldades, mesmo à distância por causa da pandemia, por ouvirem três áudios de dois minutos seguidos, pelos cafés pré e pós surtos e pelos momentos de descontração que deixaram esses dois anos mais leves. Em especial, agradeço à Júlia, Priscila, Mariana, Flávia, Carolina, Rafael, Raphael e Ricardo.

Agradeço à UnB, ao Instituto de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura por me proporcionarem uma oportunidade da qual não teria acesso de outra forma que não pela universidade pública.

Agradeço a todos profissionais, terceirizados, técnicos, servidores e professores do IP e do CAEP, que são parte fundamental desse organismo vivo que é a UnB.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

Resumo

O objetivo deste trabalho é descrever a interface entre a expressão e a compreensão de sentimentos, os modelos de representações de gênero e a comunicação conjugal. Através de um estudo de caso coletivo qualitativo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três casais heterossexuais, sem filhos. As entrevistas foram analisadas utilizando a análise temática, onde foram identificados padrões e temas centrais nas falas de cada participante, dentro de cada eixo estudado. Os resultados apontaram que os homens relatam maiores dificuldades em identificar e expressar seus sentimentos, o que é corroborado pelas esposas. As mulheres relataram maior pró-atividade em relação a buscar resolver conflitos do casal, bem como a iniciar as conversas. As representações de gênero se mostraram presentes nos discursos de todos os participantes como algo que influencia a comunicação e a relação do casal. Os ideais acerca do significado de ser homem e ser mulher, bem como as funções esperadas de cada um, permearam a fala dos participantes tanto em aspectos comunicacionais quanto de convivência. Além disso, a pesquisa aponta a importância de considerarmos a masculinidade como um conceito plural, não único, que é construído de forma diferente por cada pessoa. Por fim, são sugeridas pesquisas que abordem outros arranjos conjugais, bem como que utilizem métodos que permitam acompanhar as mudanças dos eixos analisados ao longo do tempo.

Palavras-chave: identificação de sentimentos; relacionamento conjugal; comunicação conjugal; representações sociais de gênero.

Abstract

The aim of this work is to describe the interface between the expression and understanding of feelings, the gender role models and marital communication. Through a qualitative collective case study, semi-structured interviews were carried out with three heterosexual couples with no children. The interviews were analyzed using thematic analysis, where patterns and central themes were identified in the speeches of each participant, within each studied construct. The results showed that men report greater difficulties in identifying and expressing their feelings, which is corroborated by their wives. Women reported greater proactivity in relation to seeking to resolve the couple's conflicts, as well as initiating conversations. Gender representations were present in the speeches of all participants as something that influences the couple's communication and the relationship as a whole. The models about the meaning of being a man and being a woman, as well as the roles expected of each one, permeated the participants' speech both in terms of communication and coexistence. Furthermore, the research points out the importance of considering masculinity as a plural concept, not a single one, which is constructed differently by each person. Finally, researches that address other marital arrangements are suggested, as well as using methods that allow following changes in the analyzed constructs over time.

Keywords: feelings recognition; marital relationship; marital communication; social representations of gender

Sumário

Apresentação.....	14
Terapia Familiar Sistêmica.....	17
Conjugalidade.....	20
Ideais de masculinidade.....	22
Identificação e expressão de sentimentos.....	24
Etiologia da Alexitimia.....	24
Alexitimia Normativa.....	25
Masculinidade e Identificação e expressão de sentimentos.....	27
Conjugalidade e Masculinidade.....	32
Identificação e expressão de sentimentos e conjugalidade.....	35
Conjugalidade, masculinidade e identificação e expressão de sentimentos.....	36
Sintetizando.....	40
Justificativa social, científica e benefícios.....	42
Método.....	43
Delineamento.....	43
Participantes.....	44
Procedimentos.....	44
Instrumentos.....	47
Questões éticas.....	47
Análise dos dados.....	48
Resultados e discussão.....	50
Entrevista 1 – Joana e Nei.....	50
1. Conjugalidade para ela.....	50

	9
1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.....	50
1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.....	52
1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.....	56
1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal...57	
2. Conjugalidade para ele.....	59
2.1. Representações sobre a Comunicação Conjugal.....	59
2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação Conjugal.....	61
2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação do Casal.....	63
2.4. As Relações entre a Comunicação e outras Dimensões da Relação Conjugal...63	
3. Representações de gênero para ela.....	64
3.1. As Mulheres como Mais Voltadas aos Relacionamentos.....	64
3.2. O Estereótipo da Mulher Chata.....	64
4. Representações de gênero para ele.....	64
4.1. O Homem Racional e Durão X A Mulher Sentimental.....	64
4.2. O Homem que Não se Preocupa com a Aparência X As Mulheres que Cobram esse Cuidado.....	65
4.3. As Mulheres Românticas X Os Homens que Não Ligam para Isso.....	65
4.4. As Mulheres que Querem Ser Elogiadas.....	66
5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela.....	66
5.1. Dificuldade de Expressar os Sentimentos na Relação.....	66
6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele.....	67
6.1. Dificuldade em Expressar para Esposa o que Está Sentindo.....	67
6.2. Tentativa de Controlar os Próprios Sentimentos.....	67
6.3. Identificação dos Sentimentos da Esposa a partir de suas Atitudes.....	67
7. Discussão Casal 1.....	68

	10
Entrevista 2 – Fernanda e Ruan.....	74
1. Conjugalidade para ela.....	74
1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.....	74
1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.....	75
1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.....	79
1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal...80	
2. Conjugalidade para ele.....	83
2.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.....	83
2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação do Casal.....	84
2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.....	86
2.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal...88	
3. Representações de gênero para ela.....	89
3.1. Criação dos Homens Coloca um Controle Sobre os Sentimentos.....	89
3.2. Mulheres Têm uma Criação Focada na Expressividade.....	89
3.3. As Representações Dentro da Relação são Permeados pelo Machismo e Feminismo.....	89
3.4. É Função do Homem Tomar a Iniciativa para a Relação Sexual.....	90
4. Representações de gênero para ele.....	90
4.1. As Mulheres Esperam que os Homens Sejam Abertos com os Sentimentos e na Comunicação.....	90
4.2. As Diferenças Entre Homens e Mulheres Permeiam Vários Contextos.....	91
4.3. Funções Esperados dos Homens.....	92
4.4. Machismo e Feminismo Não Estão Enraizados na Relação deles.....	92
4.5. A Manutenção da Casa é Função do Homem.....	93
5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela.....	93

	11
5.1 Identificação dos Próprios Sentimentos.....	93
5.2. Percepção dos Sentimentos do Noivo.....	94
6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele.....	95
6.1. Ele Não Consegue Expressar o que Sente e Às Vezes Não Sente Nada.....	95
6.2. A Dificuldade em Identificar e Expressar Sentimentos Também Está Presente em Outras Relações.....	96
6.3. Na Identificação de Sentimentos Nem Ele Sabe Porque Sente o que Sente.....	96
6.4. Conversar Sobre o que o Irritou o Deixa Mais Irritado.....	97
6.5. Não Compartilha Seus Sentimentos Para Não Afetar a Noiva.....	98
6.6. Identificação Dos Sentimentos Dela.....	98
7. Discussão Casal 2.....	100
Entrevista 3 – Raíssa e Silvano.....	104
1. Conjugalidade para ela.....	105
1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.....	105
1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.....	106
1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.....	109
1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.....	110
2. Conjugalidade para ele.....	111
2.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.....	111
2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação do Casal.....	112
2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.....	115
2.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.....	117
3. Representações de gênero para ela.....	117
3.1. Homens são Agressivos e Desrespeitosos no Cortejo.....	117
3.2. Homens e Mulheres têm Noções Diferentes de Praticidade.....	118

	12
3.3. Papel da Intergeracionalidade na Passagem das Representações de Gênero....	118
3.4. O Discurso é Diferente da Prática.....	119
3.5. O Marido Vê as Funções de Cuidado da Casa Como Inerentes das Mulheres.	120
3.6. Ela é Responsável por Ensinar o que o Marido Não Aprendeu.....	120
4. Representações de gênero para ele.....	120
4.1. Tempo Diferente de Homens e Mulheres Para Desempenhar Atividades.....	120
4.2. Como Homem, Ele Não Preciso Aprender Algumas Atividades de Casa.....	121
4.3. Na Sua Infância, Sempre Havia Uma Mulher Para Cuidar da Casa.....	121
4.4. Função de Menino é Jogar Bola.....	122
4.5. O Homem é Basilar e Deve Prover Segurança.....	122
4.6. O Papel da Mulher é Maternal, de Cuidado.....	122
4.7. Machismo e os Papéis Femininos.....	123
5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela.....	123
5.1. Identificação e expressão dos próprios sentimentos.....	123
5.2. Não Consegue Esconder ou Anular Seus Sentimentos.....	123
5.3. O Marido Não Identifica Corretamente o que Ela Sente.....	124
5.4. As Emoções e Sentimentos Influenciam na Oratória.....	124
6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele.....	124
6.1. Identificação Dos Sentimentos Dela.....	124
7. Discussão Casal 3.....	124
Integrando as entrevistas.....	129
Considerações finais.....	131
Referências.....	134
Anexo A.....	146
Anexo B.....	149

Anexo C.....	13
Anexo D.....	150
Anexo E.....	152
	153

Apresentação

O interesse pelo tema da identificação e da expressão de sentimentos surgiu ainda durante os estágios da graduação, quando comecei a perceber que havia algo de diferente nas sessões com homens. Essa diferença, depois de um tempo percebi, tinha a ver com a forma como nós homens lidamos com nossos sentimentos. Com o tempo, ficou claro que perguntas como “Como você se sente quando recebe uma nota baixa?”, eram respondidas de forma diferente por pacientes homens e mulheres. Enquanto os homens tendiam a responder algo como “Sinto que deveria ter estudado mais”, as mulheres tinham uma tendência maior a trazer questões de fato relacionadas aos sentimentos, como “Me senti triste.” Essa dificuldade de acessar esses pacientes, me levou a buscar na literatura algo que explicasse a minha percepção, até então, anedótica. Os estudos de gênero, principalmente com foco nas masculinidades e expressão de sentimentos em homens, serviram de base para começar a entender melhor essa dinâmica que nós homens somos ensinados, do estoicismo emocional.

Assim, comecei a me aprofundar no assunto, sempre buscando técnicas e ferramentas para lidar com ele no contexto clínico. No entanto, comecei a perceber que a literatura ainda tem muitas lacunas a serem preenchidas. Com isso, me propus contribuir com os estudos acerca do tema.

Além da experiência clínica, como homem socializado no meio ocidental, também passo por várias das dificuldades que observei e observo em pacientes. Mais de uma vez me peguei sem entender o que estava sentindo, percebendo apenas que algo estava diferente, sem saber se era estresse, raiva ou tristeza. Além disso, em mais de um momento senti que não consegui colocar para fora aquilo que estava sentindo, que não apenas as palavras me fugiam, mas até mesmo a organização mental necessária para chegar até elas. Assim, propus esse trabalho não apenas para preencher um pouco das lacunas científicas, mas também pela busca

de respostas que sinto que, em momentos, me faltam.

Como será aprofundado ao longo da pesquisa, esse tema atravessa não apenas a conjugalidade, mas tem relação com questões muito mais profundas da nossa sociedade. Aquilo que aprendemos sobre o que significa ser homem é introjetado de forma tão intensa que, mesmo percebendo racionalmente, ainda é difícil fugir de certos padrões de comportamento, ao ponto que deixamos de buscar ajuda por medo de parecermos fracos ou vulneráveis (Nobis & Sandén, 2008). Com isso, impactamos tanto a nossa saúde quanto a das pessoas ao nosso redor.

Um ponto a ser levado em contato nos contextos atuais diz respeito à violência doméstica. O Atlas da Violência de 2020 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) apontou que o percentual de mulheres que sofrem a violência dentro de casa é 2,7% maior do que o de homens, a cada 6h e 23 minutos uma mulher é morta dentro de casa no Brasil. Além de violências fatais, Campbell et al. (2003) colocam que cerca de 70% das mulheres vítimas de feminicídio nos casos analisados pelo artigo haviam sofrido algum tipo de violência física antes do assassinato.

Esses dados apontam para a importância de questionarmos os modelos de masculinidades colocados em nossa sociedade, que reforçam pensamentos e comportamentos não apenas antiquados, mas violentos, e que são um problema de saúde pública.

Assim, o objetivo da pesquisa diz respeito a compreender as interrelações entre a expressão e a compreensão de sentimentos na relação conjugal e os modelos de socialização masculinos.

Os objetivos específicos foram:

1. Descrever como os cônjuges percebem a influência dos ideais hegemônicos de masculinidade na expressão e na compreensão de emoções;

2. Descrever como cada parte percebe a expressão e a compreensão das emoções em si e no outro;

3. Descrever como os cônjuges percebem a influência da relação conjugal na expressão e na comunicação de sentimentos.

Terapia Familiar Sistêmica

A terapia familiar sistêmica se desenvolveu através da mudança revolucionária da mudança da perspectiva do olhar individual para o sistêmico (Nichols & Schwartz, 2007). Várias abordagens fizeram parte do primeiro momento da terapia familiar, entre elas se destaca a de Salvador Minuchin, com os modelos estruturais e Cloé Madanés, com a escola estratégica.

Minuchin e Fishman (1981) descrevem o termo família como um grupo natural que serve de contexto para crescimento de seus membros e que, ao longo do tempo, desenvolve certos padrões de interação específicos. Tais padrões de interação constituem a estrutura familiar, que, segundo os autores, “governa o funcionamento dos membros da família, delineando o escopo de seus comportamentos e facilitando sua interação” (Minuchin & Fishman, 1981, p. 11). Espera-se que a estrutura familiar proporcione apoio ao desenvolvimento da individualidade de seus membros enquanto, ao mesmo tempo, lhes ofereça a sensação de pertencimento.

Aqui, o terapeuta sistêmico é capaz de focar em um paciente e suas individualidades, e também de enxergar o todo, as interações desse indivíduo com os muitos contextos em sua vida. Enquanto os membros de uma família raramente percebem sua participação na estrutura familiar e o impacto de sua presença na manutenção da mesma, o terapeuta familiar enxerga as interações familiares em toda sua complexidade, que o total é maior que a soma das partes. (Minuchin & Fishman, 1981).

Para Madanés, na escola estratégica, e diferente da estrutural, o foco era comportamental e no problema. Nichols e Schwartz (2007) colocam que, na terapia estratégica, só é considerado problema aquilo que é tratado como tal na família. Assim, a terapia se divide em estágios: a primeira entrevista, a preparação e cooperação, a resolução do problema e a finalização. Assim, o modelo estratégico é pragmático e focado na intervenção

terapêutica em si, tendo como objetivo a resolução prática do problema.

Essas abordagens focam em mudanças ditas de primeira ordem, que representam mudanças dentro de um sistema que continua invariável. Com o tempo, os modelos de terapia familiar sistêmica começaram a focar em outro tipo de mudança, as de segunda ordem, que focam em mudanças no próprio sistema em si. Essa mudança ocorreu a partir das críticas às abordagens pioneiras, que atuavam a partir de um modelo vertical e hierarquicamente superior às famílias que atendiam. A partir dessa crítica, surge a cibernética de segunda ordem, que traz o aspecto do observador como parte do sistema em que participa. A partir disso, o terapeuta passa a ser colocado como parte ativa e integrante da família em terapia, influenciando-a e sendo influenciado por ela.

Como coloca Grandesso (2001), a cibernética de segunda ordem traz, ainda, outras mudanças na ciência psicológica. Um exemplo diz respeito ao aspecto interpretativo da ciência, que não mais se trata de encontrar o que é verdadeiro, mas sim de analisar cada interpretação da realidade como observações parciais e produzidas por pessoas que estão inseridas em um determinado contexto. Com isso, o construcionismo social ganha espaço, trazendo que a construção da ciência passa a ser uma troca interpessoal de múltiplas interpretações.

Com isso, os terapeutas saem de um lugar de *saber*, em que passavam seu conhecimento sobre a melhor configuração de família, para um lugar de *não saber*, onde aprendemos com a família sobre a família, ouvindo suas histórias, criando interpretações e fazendo parte dessa construção.

Essa mudança de foco permitiu o surgimento de críticas aos modelos de primeira ordem, como por exemplo através da Terapia Sistêmica Feminista. Essas críticas, como colocado por Diniz & Alves (2014), dizem respeito, por exemplo, à falta de inclusão de questões ideológicas, contextuais e políticas nas abordagens sistêmicas. As autoras ainda

colocam que havia uma visão de família tida como ideal, o que deixa de fazer sentido a partir de uma perspectiva inclusiva.

Sobre, Lederer e Jackson (1968) colocam que as representações sociais de gênero são artificialmente atribuídas a homens e mulheres desde a Idade Média e limitam a constituição individual e conjugal, pois impõem lugares e funções a ambos que dificultam a construção de uma união saudável e funcional, além de reforçarem parâmetros de comportamento preservados pela transgeracionalidade e organização de tarefas que estruturam o sistema familiar

Assim, a partir das observações de Rachel Hare-Mustin (1978), que colocou que, até então, a teoria sistêmica ignorava questões de gênero, surge um novo movimento que busca dialogar os feminismos com a terapia familiar.

Perelberg (2011) aponta algumas contribuições dos estudos feministas. A primeira diz respeito à crítica à visão de que existe uma família ideal e natural, o que invisibiliza arranjos conjugais não-normativos, reforçando dinâmicas relacionais violentas. Em seguida, a autora coloca a questão de que cada membro da família a conhece de uma forma diferente, a partir de seus contextos de vida. Além disso, é colocada a importância de criticar as representações e os estereótipos colocados na sociedade, como por exemplo a imposição da maternidade como função essencial da mulher. Por fim, os estudos feministas trouxeram o olhar de que o relacionamento entre homens e mulheres não é imutável, mas depende do contexto em que acontece. Assim, é importante que os terapeutas sistêmicos olhem para a família a partir de sua própria vivência, e não a partir de estruturas prontas que buscam impor um modelo ideal de funcionamento.

Além disso, outro ponto importante a se considerar é nosso lugar como terapeutas e pesquisadores. Uma vez que, a partir do pensamento de segunda ordem, estamos inseridos no contexto da família que atendemos e pesquisamos, é importante que tenhamos em mente que

nenhuma teoria é desenvolvida no vácuo. Utilizar a teoria de forma acrítica é correr o risco de reforçar estigmas e de invisibilizar quem já é invisibilizado. Mais do que isso, visto que somos parte ativa dos processos, questionar quais são as nossas representações sociais de gênero se torna algo crucial para não cairmos na armadilha de impor nossas visões de mundo nas famílias que atendemos ou pesquisamos.

Conjugalidade

A conjugalidade é entendida, na monogamia, como a díade formada por duas pessoas que se relacionam romanticamente (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009). Essa díade é construída a partir da história de cada membro do casal, mas se consolida na criação de uma identidade conjugal compartilhada. Essa identidade diz respeito ao balanço entre as duas individualidades e uma conjugalidade, sendo o casal maior que a soma de suas partes, assim como a família. Dessa forma, o estabelecimento de uma relação de casal é um processo de reformulação de realidades (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009).

A conjugalidade, em nossa sociedade, tende a apresentar desafiadoras demandas paradoxais para o casal. De um lado, é esperado que ambos os cônjuges sigam seus planos individuais e construam sua autonomia, visto que a conjugalidade é entendida como um espaço em que ambos suportam o crescimento e o desenvolvimento um do outro. Por outro lado, existe também a necessidade de experienciar a realidade conjunta do casal, seus sonhos e projetos comuns, o que vai contra um ideal individualista constantemente exigido pela sociedade contemporânea (Féres-Carneiro, 1998).

Segundo Willi (1995), apesar do desenvolvimento pessoal ser um objetivo muito valorizado e da conjugalidade ir contra a imagem de um ser humano autônomo, pessoas casadas apresentam melhor bem-estar quando comparadas a pessoas sem parceiros. O autor relata que, apesar da reduzida liberdade e independência oriunda do casamento, a relação

conjugal contribui para a estabilidade psíquica e bem-estar do casal.

Por outro lado, existem várias áreas no relacionamento conjugal que podem trazer um sofrimento psíquico aos membros. É impossível que dois parceiros se correspondam ou satisfaçam completamente suas necessidades mútuas, pois sempre irão construir a realidade de formas diferentes. Willi (1995) descreve como “determinante” para a existência ou não desse sofrimento que os construtos pessoais da díade sejam compatíveis ou não entre si.

No que diz respeito à comunicação, Batista et al. (2020) colocam que a Escola de Palo Alto (EUA), através de nomes como Gregory Bateson e Janet Beavin, foi a precursora dos estudos sistêmicos da comunicação nas relações humanas, a partir dos pressupostos da circularidade e da retroalimentação. Para essa escola, tanto quem emite quanto quem recebe a informação têm parte importante na comunicação. Assim, o contexto em que a comunicação ocorre se torna alvo de análise.

Na conjugalidade, uma comunicação ruim se mostra como fator de risco para a relação, sendo o contrário também confirmado por pesquisas, que uma boa comunicação é fator de proteção na relação (Markman et al., 2010). Com isso, os autores colocam que uma má comunicação esteve associada a um maior risco de divórcio, sendo ela uma ferramenta importante que o casal tem não apenas para lidar com seus problemas atuais, mas também para evitar problemas futuros (Blanchard et al., 2009). Dessa forma, é importante, ao olhar para a conjugalidade, identificar os padrões de comunicação do casal, buscando reforçar padrões positivos, como expressões de afeto e admiração, em detrimento de padrões negativos, como críticas e julgamentos. Ou seja, é importante olhar tanto para os padrões de comunicação de cada membro do casal, bem como olhar para como esses padrões mudam durante os conflitos (Delatorre et al., 2017).

Sobre os padrões de gênero, Batista et al. (2020) colocam que há poucas pesquisas

nacionais que façam interface entre gênero e comunicação conjugal. Os autores colocam que a literatura é inconclusiva sobre as interferências de gênero como variável na comunicação. Alguns estudos sugerem que homens tendem a ser mais hábeis para resolver problemas (Delatorre et al., 2017), enquanto mulheres tendem a ser mais empáticas e externalizam com maior clareza o que sentem (Costa & Mosmann, 2020). Outros resultados, no entanto, são inconclusivos (Iveniuk et al., 2014).

Sobre as dinâmicas de gênero na conjugalidade, Benevides e Boris (2021) colocam que existem assimetrias nas relações de poder, que são sustentadas por concepções antiquadas das representações sociais de gênero socialmente construídos. Alguns dos temas que permeiam essas associações dentro da relação conjugal incluem a maternidade, a divisão das tarefas domésticas e a postura de dominação dos homens, que por vezes têm comportamentos controladores e impeditivos em relação às esposas. Sobre isso, Amarijo et al. (2020) colocam que a violência de gênero acaba sendo o resultado dessa assimetria nas relações de poder, uma vez que os homens absorvem um papel de dominador, oprimindo as mulheres de várias formas, inclusive através da violência física e psicológica.

Ideais de masculinidade

As masculinidades dizem respeito à posição que os homens ocupam nas relações sociais de gênero, sendo definida como uma configuração de práticas organizadas em referência às estruturas de identidades de gênero e relações presentes em uma determinada cultura (Stergiou-Kita et al., 2015).

Um dos conceitos de masculinidade, segundo Connell e Messerschmidt (2005), diz respeito à masculinidade hegemônica, que, segundo os autores, corresponde a um padrão de práticas que permitem que a dominação dos homens sobre as mulheres continue. Esse conceito é colocado como tendo surgido a partir de uma visão que buscava criticar as teorias

das representações sociais masculinos colocadas até então, propondo um modelo de múltiplas masculinidades e de relações de poder que fosse integrada à teoria sistêmica de gênero.

Os autores (Connell & Messerschmidt, 2005) colocam, ainda, que a palavra hegemonia não diz respeito a um simples modelo de controle cultural, mas à dinâmica de mudança estrutural envolvendo a mobilização ou desmobilização de um determinado grupo. Assim, hegemonia não é sinônimo de violência, apesar de poder ser sustentada pela força, mas de uma ascendência alcançada por meio da cultura, do uso das instituições sociais e da persuasão.

Dessa forma, a masculinidade hegemônica prescreve o que seria o jeito mais honroso de ser homem em nossa sociedade, requerendo que os todos os homens se posicionem a partir dos seus ensinamentos e legitimando ideologicamente a subordinação global das mulheres. No entanto, apesar de todos homens serem beneficiados por essa dinâmica de dominação, nem todos praticam esses ensinamentos no dia-a-dia, sendo normativa no que diz respeito à cobrança que recai sobre esses homens de serem cúmplices da masculinidade (Buschmeyer & Lengersdorf, 2016). É importante pontuar que, dado que as relações de gênero são historicamente localizadas, as características dessa masculinidade podem mudar ao longo do tempo e do espaço que ocupam, podendo ser questionada por uma outra nova forma de masculinidade a ser valorizada (Jewkes et al., 2015).

Por fim, Connell e Messerschmidt (2005) citam os trabalhos de mulheres negras, como Maxine Baca Zinn e Angela Davis, que apontam a existência de um viés quando as relações de poder são conceitualizadas apenas por termos de gênero, ignorando aspectos como raça e classe social. Assim, a masculinidade não é um conceito que existe no vácuo, mas em confluência com vários outros aspectos da vida em sociedade e das relações de poder subjacentes a eles.

Identificação e expressão de sentimentos

No que diz respeito à identificação das emoções, um dos focos de estudo da literatura é através do conceito da alexitimia. Sifneos (1973) cunhou o termo alexitimia e o definiu como uma inabilidade de nomear e descrever sentimentos, característica presente principalmente em pacientes com patologias somáticas. Taylor et al. (1997), por sua vez, propuseram uma definição centrada em três fatores principais: (a) a dificuldade em reconhecer sentimentos e em diferenciá-los das sensações corporais causadas pelas emoções; (b) dificuldade em nomear e expressar sentimentos; e (c) pensamento orientado para o exterior. Os autores comentam ainda que o alexitímico passa pelas experiências que envolvem emoções, uma vez que estas possuem um caráter biológico inato ao ser humano, e que a dificuldade está em externalizar essas experiências, não em senti-las. Assim, a alexitimia é definida não como uma perturbação ou síndrome, mas como uma característica do pensamento, sentimento e de seus processos relacionados (Silva et al., 2013), o que é consistente com um traço de personalidade estável (Porcelli et al., 1996; Saarijärvi et al., 2001; Salminen et al., 1994).

No contexto conjugal, Mantani et al. (2007) analisaram a relação entre a dificuldade em identificar e nomear sentimentos e ansiedade em casais em que a esposa possuía diagnóstico de câncer de mama. Segundo as autoras, níveis elevados de alexitimia no marido e na esposa foram preditores de altos níveis de ansiedade em ambos.

Etiologia da Alexitimia

Em sua revisão bibliográfica, no que diz respeito à etiologia da alexitimia, Silva et al. (2013) identificaram na literatura aspectos neurofisiológicos, sociais, de desenvolvimento, psicodinâmicos e genéticos como possíveis fatores de influência. Segundo os autores, a quantidade de fatores encontrados aponta que o construto não possui apenas uma ou outra

origem, mas é um fenômeno complexo que acontece, acima de tudo, dentro de um contexto sociodemográfico. Um aspecto que se destaca na literatura são os estilos de apego e socialização inseguros e inadequados, principalmente durante as primeiras fases de desenvolvimento, e sua correlação com a presença de características alexitímicas na vida adulta. Os autores ainda pontuam a falta de estudos acerca das particularidades do processo terapêutico com esses clientes.

Carneiro e Yoshida (2009) colocam que o avanço nos exames cerebrais de imagem tem incentivado o avanço do estudo dos componentes neurobiológicos da alexitimia. Segundo os autores, a articulação de respostas emocionais envolve a união de ambos os hemisférios, englobando tanto a capacidade verbal do hemisfério esquerdo quanto a capacidade de lidar com emoções do hemisfério direito. Os estudos com imagem apontam para uma dissociação entre os dois hemisférios na alexitimia, afetando a articulação afetiva e a capacidade verbal de comunicar esses afetos (Oliveira, 2001). Os resultados sugerem que suas características fazem parte da expressão do funcionamento neurológico.

King e Mallinckrodt (2000) apontam que seu desenvolvimento pode estar associado a ambientes familiares disfuncionais, especialmente em contextos em que os cuidadores não estão preparados para lidar com as demandas emocionais da criança nas primeiras fases do desenvolvimento. Segundo os autores, essa falta de apoio pode fazer com que a criança não desenvolva importantes habilidades sociais, como a capacidade de criação e manutenção de laços afetivos. Em adultos, por sua vez, ela está ligada a memórias de não se sentir emocionalmente seguro no meio familiar.

Alexitimia Normativa

A alexitimia normativa masculina, por sua vez, é definida por Levant (1992) como uma das maiores consequências dos padrões de socialização masculina, que levam os homens

a uma espécie de estoicismo emocional. Segundo o autor, crianças do sexo masculino são encorajadas a não apenas esconderem seus sentimentos do outro, mas também a deixarem de senti-los. Falas como “homem não chora” ou “sem dor, sem ganho” acabam por afastar os homens de seus sentimentos, dificultando que eles reconheçam e abordem suas vulnerabilidades como seres humanos. Como coloca Freire (2010), esse processo de pensamento, quando presente desde criança nos modelos de socialização, leva os meninos a crescerem sem as ferramentas necessárias para sentir e lidar com os sentimentos na vida adulta.

Em sua pesquisa, Larsen, Van Strien, Eisinga e Engels (2006) analisaram as diferenças de gênero no que diz respeito à relação da alexitimia com humor negativo e com transtornos alimentares em pessoas obesas. O estudo concluiu que gênero foi um forte preditor de características alexitímicas, sendo os homens os mais afetados pela dificuldade de descrever sentimentos. Os autores ainda propõem que, dadas as características diferentes da alexitimia em ambos os sexos, são necessárias intervenções diferentes para homens e para mulheres, sendo esse um tópico que necessita de mais pesquisas.

Os resultados apresentados acima são corroborados pela pesquisa realizada por Mattila (2009) na Finlândia. Ao analisar a prevalência da alexitimia, o estudo encontrou um valor de 8% na população feminina e 12% na masculina, apresentando, segundo a autora, uma diferença significativa. A autora sugere, ainda, que a diferença nos modelos de socialização masculinos e femininos em nossa sociedade acabam por criar disparidades na forma como cada gênero lida com seus sentimentos. Enquanto, durante o desenvolvimento, as mulheres são encorajadas a entrar em contato com eles, os homens são encorajados a escondê-los, levando a uma pobre expressividade emocional verbal.

Além disso, como investigado por Leshem et al. (2019), a presença de características

alexitímicas em homens é preditora de episódios de violência, uma vez que a expressão através da violência acaba sendo a principal forma pela qual esses homens aprenderam a externalizar suas emoções e sentimentos. Como colocado por Silva et al. (2013), “quando não nos permitimos zangar tornamo-nos violentos”. Isso é potencializado por modelos de socialização que reforçam características masculinas como sendo relacionadas a noções de força física e poder sobre outras pessoas.

A literatura aponta, ainda, relação significativa entre a dificuldade em identificar e nomear sentimentos e vício em uso de telefone celular (Elkholy et al., 2020; Gao et al., 2018), vício em cafeína (Lyvers et al., 2017), uso abusivo de álcool (Teixeira, 2017; Khosravani et al., 2018; Pedersen et al., 2016) e vício em internet (Bonnaire & Baptista, 2019; Mahapatra & Sharma, 2018; Schimmenti et al., 2017).

Outros aspectos dessas dificuldades são encontrados na literatura, como a dificuldade de usar a imaginação (Hemming et al., 2020) e disfunção na construção do apego e relações interpessoais (Levant, 1998).

Esses dados demonstram a relevância do tema e a importância de estudar tais contrastes entre os gêneros.

Masculinidade e Identificação e expressão de sentimentos

No que se refere às definições, como apontado por Sullivan et al. (2015), através da definição de Levant, é importante colocar a diferença entre a alexitimia clínica e a normativa. Enquanto a clínica diz respeito às dificuldades em identificar, nomear e expressar sentimentos, por quaisquer que sejam os motivos, a normativa descreve uma condição engendrada, culturalmente e socialmente fundamentada, que faz com que os homens

reprimam suas emoções, deixando-os sem ferramentas para lidar com seu repertório emocional. A primeira, como citado anteriormente, pode surgir a partir de traumas, danos neurológicos ou mesmo como comorbidade em processos de transtornos alimentares. A segunda, por sua vez, diz respeito à uma condição inerente aos processos de socialização masculinos, presente, em algum nível, nos homens socializados no contexto ocidental.

No que diz respeito às análises, a literatura aponta conclusões em que a relação entre alexitimia e masculinidade se mostrou presente e significativa em todos. Nos resultados de Hemming et al. (2020), as visões da masculinidade hegemônica estavam presentes nas falas dos trabalhadores da prisão. Aspectos como o medo percebido nos presos de se abrirem e de parecerem fracos por isso, ou ainda o fato de que falar de emoção é algo fora da norma da prisão, que é um espaço onde não cabe isso. Além disso, um dado importante diz respeito ao fato de que os agentes também são homens que estão inseridos nesse contexto de masculinidade, o que acaba, de alguma forma, dificultando seu próprio trabalho com os presos. Por fim, é percebido que essa repreensão emocional tem efeitos diretos tanto na saúde dos presos quanto na dos trabalhadores.

A análise de Rice et al. (2020) corrobora a ideia de que os ideais de masculinidade permeiam a atitude em relação à expressividade emocional. Os autores colocam que o estigma do constrangimento é uma força que impede os homens de revelarem suas angústias a outras pessoas. Um dos mecanismos investigados pelos autores diz respeito à vergonha, que é definida como um processo de defesa de si mesmo devido a uma autopercepção subjacente

de ser inaceitável. Com isso, a partir das visões de masculinidade, e da necessidade de manter um status como homem, eles não se abrem com medo de não serem aceitos dentro dessa mesma masculinidade que os molda.

Sullivan et al. (2015) expandem a investigação acerca do estigma de revelar suas angústias à outras pessoas através do comportamento de buscar ajuda. Para os autores, a visão hegemônica de masculinidade coloca que os homens não “deveriam” precisar buscar ajuda, que deveriam, ao contrário, ser autossuficientes. Com isso, o medo de intimidade criado por esse resguardo emocional extremo pode até mesmo impedir que esses homens criem vínculos com profissionais de saúde, como psicoterapeutas. Assim, a dificuldade dos homens em buscar ajuda se apresenta em dois aspectos, o motivacional e o de manutenção do processo. Se esse homem é cobrado por não buscar ajuda, e, quando busca, não consegue criar vínculos fortes o suficiente para que a melhora aconteça, nem mesmo os homens que de fato chegam nos serviços de saúde estão conseguindo ser acolhidos pelas ferramentas que temos hoje.

Sobre a questão clínica, Guvensel et al. (2018) colocam a importância dos profissionais de saúde investigarem e avaliarem os níveis da relação dos clientes com os ideais de masculinidade e os impactos dessas ideologias na vida do indivíduo e das pessoas ao seu redor. Além disso, é importante fomentar discussões públicas que coloquem em foco o impacto negativo potencial dessa visão de restritividade emocional, buscando uma maior conscientização desses homens e a construção de um processo de autoconhecimento e autopercepção que permita que eles questionem as práticas pelas quais são cobrados.

Ainda na discussão sobre masculinidade e alexitimia, Levant et al. (2015) aprofundam nos aspectos socioculturais da relação de ambos construtos. Assim, para os autores, as ideologias masculinas são definidas como um “conjunto de crenças culturais sobre como meninos e homens devem pensar, sentir e agir”, o que varia de cultura para cultura. Um exemplo é dado através do trabalho de Connell e Messerschmidt (2005), que coloca que o conceito de masculinidade hegemônica é um que não apenas busca inferiorizar as mulheres, mas também marginalizar homens negros. Assim, é uma masculinidade branca e ocidental, que dominou os Estados Unidos até a emergência da segunda onda do feminismo, por volta de 1960, mas que ainda é relevante e influencia a vida de todos.

Levant et al. (2015) ainda colocam que é possível um homem endossar a ideologia de que homens deveriam restringir suas emoções, mas ainda assim não estar em conformidade com esses ideais. Um exemplo é quando homens de culturas latinas estão inseridos em meios em que a ideologia predominante é a masculina ocidental branca. Esses homens podem até endossar as normas colocadas ali. No entanto, como essas normas os marginalizam, não há um investimento em sua conformidade com as mesmas. Na hipótese dos autores, aqueles homens que estão em conformidade com as normas de controle emocional estão mais suscetíveis a apresentar características alexitímicas. Com isso, homens que endossam uma ideologia de masculinidade que vai contra as normas culturais do grupo ao qual pertencem, experienciam maiores níveis de estresse e estresse de aculturação. Levant et al. (2015) resumem esses resultados ao colocar que as pesquisas empíricas apontam para uma correlação entre o endosso da ideologia tradicional de masculinidade e a presença de

características alexitímicas.

Como sugestão geral, Lomas *et al.* (2014) colocam que é necessário questionar a forma como a sociedade espera que os meninos desenvolvam as mesmas características de personalidade necessárias para performar as representações das quais são cobrados, de pai, de trabalhador e de soldado. Dessa forma, seria possível nutrir outras possíveis visões do que significa ser e se tornar homem.

No que diz respeito às limitações dos estudos, predominou a questão de se tratarem de pesquisas de autorrelato, estando suscetíveis ao cansaço dos respondentes, bem como a aspectos de desejabilidade social nas respostas. Além disso, características de amostras também foram colocadas como limitações, pois muitos dos estudos utilizaram amostras urbanas e jovens. Por fim, é colocado que muitas das escalas utilizadas nas análises não possuem estudos de validação com populações racialmente variadas, limitando o poder de generalização das análises. Levant *et al.* (2015) citam como exemplo a Escala de Alexitimia de Toronto (TAS-20) e o Inventário de Conformidade às Normas Masculinas, em sua subescala de Controle Emocional (CMNI-EC).

Por fim, são sugeridos estudos longitudinais que busquem acompanhar as mudanças na relação entre a dificuldade em identificar e nomear sentimentos e ideias de masculinidade ao longo da vida dos homens, bem como estudos clínicos que investiguem a relação entre ambos a partir de outros construtos intermediadores.

Conjugalidade e Masculinidade

Fazendo a interface entre conjugalidade e masculinidade, a literatura coloca o peso que os ideais de masculinidade têm na relação conjugal. Pelúcio (2015) cita a fala de um dos indivíduos que participou da pesquisa, que diz frequentar o site de relacionamentos como forma de se sentir vivo, de praticar uma “caça”, ou “pesca esportiva”. Para esses homens, a forma como eles vivem a conjugalidade não permite que se sintam verdadeiramente ativos em suas identidades de homens, fazendo com que busquem relações extraconjugais que alimentem seu lado masculino, através, por exemplo, da conquista, da dita “caça”. Algo semelhante é colocado por Dainese (2017), que aponta a paixão, algo que faz com que a pessoa se sinta inflamada, como motivo para traições conjugais.

Além do aspecto das traições, ainda é possível ver nos artigos uma interface da masculinidade com a violência conjugal. Como coloca Noronha (2013), os ideais hegemônicos de masculinidade criam uma assimetria do poder na relação conjugal, uma vez que, em uma sociedade centrada no poder masculino, os homens acabam exercendo um papel de dominação no microcontexto do lar. Um exemplo do impacto dessa assimetria diz respeito à expectativa em relação à fidelidade conjugal, que são julgadas de forma diferente para homens e mulheres. Olhando por uma perspectiva histórica, para a masculinidade, homens com mais de uma parceira são vistos com bons olhos por outros homens, sendo considerados galãs, conquistadores. Por sua vez, mulheres com mais de um parceiro são vistas de forma pejorativa.

Essa assimetria cria um ambiente que Noronha (2013) chama de conjugalidade violenta, onde o homem possui não apenas vantagens, mas mecanismos de controle sobre várias esferas da vida da mulher. Até mesmo em separações litigiosas, a autora relata que algumas mulheres deixam de seguir em frente com processos judiciais por medo de que suas crianças cresçam sem pai, ou de ficar “sem homem” em casa, o que tem implicações morais sérias frente à visão popular. Além das questões implícitas, os homens ainda usam a força física como instrumento de poder e dominação, o que tem sérias consequências para a integridade física dessas mulheres. Essa análise é amparada pelo artigo de Lenz-de-Oliveira et al. (2010), que colocam a violência contra a mulher como um ato relacionado diretamente à denominada dominação masculina, sendo importante promover relações mais igualitárias para combater essa dominação.

Por sua vez, o artigo de Goldenberg (2014) traz um outro lado da masculinidade e de como ela é invertida em casais em que a mulher é mais velha que o homem. De acordo com a análise da autora, essa inversão permite que tanto homens quanto mulheres questionem os lugares que ocupam dentro da relação. Segundo os homens, eles se relacionam com mulheres mais velhas pois elas são especiais, sendo pessoas cuidadoras, jovens de espírito e ditas superiores. Ao abrirem mão dessa superioridade, que, muitas vezes, é alimentada pelas diferenças de poder na relação, seja através de dinheiro ou prestígio, os homens se permitem encontrar um balanço em outros aspectos da relação, como nas características de personalidade de cada um, na comunicação do casal e no cuidado. Além disso, a juventude deixa de ser uma moeda de troca que as mulheres têm para oferecer e que os homens

busquem, permitindo, mais uma vez, que ambos olhem para outras características da pessoa que está ao seu lado.

Pensando na masculinidade tradicional, que coloca essa relação hierárquica como inerente à conjugalidade, através de mecanismos como o homem ser o “mais forte” ou “ter o controle” da relação, os casais pesquisados por Goldenberg (2014) vão justamente para o extremo oposto quando perguntados sobre o segredo de um casamento feliz. Como colocado pela autora, a resposta dessa pergunta são a reciprocidade e o reconhecimento, características que não cabem em uma relação hierárquica. Assim, esses casais subvertem a lógica das relações de poder de uma forma aparentemente simples mas efetiva, através da busca por uma relação igualitária, diminuindo assimetrias.

Por fim, é importante notar que o tabu social de relações em que as mulheres são mais velhas ainda é grande. Novamente, a masculinidade hegemônica cobra dos homens que eles se relacionem com mulheres mais jovens. Os homens que fogem dessa lógica acabam sendo vistos como menores, como *menos homens*.

Em outra vertente dos estudos que compõem esta categoria, Garfield (2010) coloca que as características da masculinidade dominante são exatamente opostas à da intimidade emocional. Na masculinidade, as prerrogativas são o controle e a retenção emocional, a autossuficiência, a competição e a autonomia. Por sua vez, os valores que permeiam relações íntimas são expressividade emocional, vulnerabilidade, dar e receber apoio, abrir mão do controle, cooperação e reciprocidade. Assim, a conformidade com as normas da

masculinidade dificulta não apenas as relações conjugais, mas também relações de amizade com outros homens e, até mesmo, a relação de vínculo com o espaço de terapia. O autor aponta, então, a importância de os terapeutas questionarem, junto com seus clientes, os impactos desses ideais em suas relações íntimas, permitindo ao paciente um *pensar diferente* acerca de sua própria masculinidade.

Sobre a intimidade do casal, Walker e Robinson (2010) ainda colocam o aspecto da intimidade sexual e de como um tratamento hormonal permeia essa relação. Para os autores, a masculinidade coloca que os homens são seres sexuais que devem sempre estar prontos para o sexo, além de terem um desejo sexual incessante. Essas visões, em contraste com a vivência de um tratamento de terapia de supressão androgênica, deixam os homens sem ferramentas para lidar com o fato de que sua vida sexual sofreu mudanças. A identidade masculina desses homens é afetada em conjunto com a sua virilidade, que é questionada. Assim, novamente, a visão que esses homens têm acerca da sua função dentro da relação afeta diretamente a relação com a parceira.

Identificação e expressão de sentimentos e conjugalidade

Fazendo a interface entre sentimentos e conjugalidade, a literatura aponta para o impacto da comunicação na qualidade da relação conjugal. Visto que essas dificuldades afetam a capacidade do indivíduo de não apenas comunicar o que sente, mas também de compreender o que o outro expressa, a presença delas em um dos cônjuges acaba se relacionando com menores níveis de satisfação conjugal. A comunicação é afetada, pois, para conseguir ver as emoções no outro, primeiro precisamos conseguir vê-las em nós mesmos,

elas precisam fazer parte do nosso repertório. Estabelecer e manter um relacionamento íntimo satisfatório requer a capacidade de identificar e descrever as próprias emoções (Williams & Wood, 2013).

Sobre isso, Lopes e Gouveia-Pereira (2017) colocam, ainda, que a comunicação familiar tem um papel facilitador e adaptativo frente às mudanças, e que, se a comunicação não acontece, o processo de adaptação acaba ficando mais dolorido para os membros da família. Esse dado é corroborado por Frye-Cox e Hesse (2013), que colocam que a comunicação íntima do casal é adaptativa e ajuda a manter as relações.

Um aspecto interessante colocado por Frye-Cox e Hesse (2013) diz respeito a analisar os impactos da expressão de sentimentos na qualidade do relacionamento não de forma direta, mas olhando para causas subjacentes que permeiam essa relação. Por exemplo, os autores argumentam que é possível que, no contexto da comunicação, essas dificuldades não afetem diretamente a qualidade da relação, mas a qualidade da comunicação íntima, que, por sua vez, afeta a qualidade da relação. Assim, os autores sugerem pesquisas futuras que busquem explorar a relação desses mecanismos subjacentes com a conjugalidade.

Conjugalidade, masculinidade e identificação e expressão de sentimentos

Na interface dos três conceitos, a masculinidade é discutida a partir de um recorte histórico. Liaqat et al. (2020) colocam que, apenas após a segunda onda do feminismo, a masculinidade passou a ser vista não como uma representação universal do comportamento humano, mas como um construto complexo. Isso permitiu que aspectos socioculturais

passassem a fazer parte do conceito. Algumas características da masculinidade são a dominância, agressividade, autossuficiência e restritividade emocional, que trazem problemas subjacentes, como a busca pela violência, negligência com a própria saúde, dificuldade de construção de laços e desvalorização de tudo que é considerado feminino.

Os ensinamentos da masculinidade desencorajam os homens, na infância, a aprender a identificar e, até mesmo, a lidar com seus sentimentos, o que faz com que eles cresçam para se tornarem adultos sem repertório emocional. Além disso, de modo geral, ao longo da vida, as interações sociais passam a ser cada vez mais importantes, seja através da necessidade de criar laços no trabalho, na família ou mesmo em relacionamentos. Assim, homens que, quando crianças, não aprenderam a lidar com seus sentimentos, e que, de uma hora para outra, são cobrados da sociedade por habilidades relacionais e por uma inteligência emocional que não possuem, acabam passando por um sofrimento psíquico intenso.

Ainda para Liaqat et al. (2020), um outro aspecto que permeia a dificuldade em lidar com os próprios sentimentos, a masculinidade e a construção de laços é a confiança. Como os autores colocam, aquilo que não conhecemos nos assusta. Assim, a interação entre os ideais da masculinidade e essas dificuldades levam a instabilidades e desconfianças nas relações interpessoais. Melhorar o entendimento das representações sociais da masculinidade na vida do homem que chega até a clínica, além de promover a autopercepção e a expressão de emoções, é de suma importância para auxiliá-lo homem a encontrar ferramentas que permitam que ele se afaste dos aspectos disfuncionais da masculinidade tradicional. Assim, é

importante que políticas públicas em saúde, principalmente as de prevenção, abordem e questionem a masculinidade.

No contexto terapêutico, Ceniza e Allan (2021) colocam que as emoções são o motor da mudança, pois permitem o desenvolvimento de um apego seguro entre os parceiros, além de aumentar a consciência de si mesmo, a autorregulação, promover reflexões e transformações da experiência emocional de cada um. No que diz respeito aos apegos, os autores colocam que crianças que crescem em ambientes nos quais se sentiram emocionalmente inseguras e foram desencorajadas de expressar emoções, deixam de aprender a como identificar e expressar essas emoções em momentos de angústia, o que novamente contribui para uma maior negligência com a própria saúde. É citado, ainda, que há maiores níveis de dificuldade na expressão emocional, mensurados através da alexitimia, em homens que relataram sintomas de ansiedade de separação na infância. Esse tipo de vivência é colocada como um grande inimigo do autocuidado, uma vez que impede que a experiência corretiva ocorra e, paradoxalmente, sensibiliza o paciente para o que quer que ele esteja evitando. Assim, muitos homens desenvolvem um estilo de apego evitativo para se protegerem das repercussões socioculturais de serem vistos como excessivamente expressivos emocionalmente.

Outro aspecto da busca por ajuda profissional, e da relação dessa busca com a masculinidade, diz respeito ao medo que esses homens têm de serem estigmatizados e perderem seu lugar como homens. Assim, é importante que a prática clínica adeque seus

métodos buscando acolher as vivências desses indivíduos. Neste sentido, é importante considerar que, para esses homens, a conformidade com a masculinidade é, em parte, vista como adaptativa no contexto da própria masculinidade, pois lhe garante reconhecimento impede que ele seja ostracizado por outros homens (Levant et al., 2009). Por isso o questionamento da masculinidade em suas raízes é tão importante, para que cada homem possa ressignificar sua identidade como tal, buscando deixar de lado aspectos que são mal adaptativos e prejudiciais tanto para ele quanto para as pessoas ao seu redor.

Ceniza e Allan (2021) colocam esse cuidado como primordial no contexto da terapia de casal, uma vez que, se apenas reforçarmos, por exemplo, a expressividade emocional das esposas, os maridos não irão se sentir acolhidos. Pelo contrário, pode-se criar uma impressão de maior aliança terapêutica do profissional com a esposa, o que seria um fator de possível abandono do processo por parte do marido.

Ainda nesse contexto da terapia, dentro dos passos da Terapia Focada na Emoção, é importante discutir abertamente com o casal como a masculinidade interage com os aspectos do dia-a-dia de ambos, além de explorar os ciclos negativos de comunicação, buscando criar ferramentas para que o casal saiba como fazer de outra forma, trazer soluções novas para problemas antigos.

Em relação aos passos da Terapia Focada na Emoção, Ceniza e Allan (2021) colocam que eles consistem em sete. O primeiro diz respeito à criação do vínculo terapêutico, buscando identificar como os ideais de masculinidade permeiam a experiência de busca por

terapia. Entender os medos, expectativas e angústias em relação às sessões é de suma importância para acolher os casais. O segundo passo é focar nos ciclos de interações negativas que interferem na construção da intimidade e na construção do apego seguro. O terceiro passo é identificar quais emoções estão perpassando esses ciclos. O quarto passo diz respeito a externalizar para o casal o ciclo identificado, trazendo pontos da masculinidade hegemônica e de como eles afetam a relação, para que o casal possa começar a reformular o ciclo. O quinto passo consiste em promover a identificação das emoções conflitantes, bem como a expressão das dificuldades de construção de intimidade que provém das amarras sociais colocadas pela masculinidade hegemônica ocidental. O sexto passo consiste em trabalhar com o casal a aceitação da construção do novo *self* do parceiro ou parceira. Por fim, o sétimo passo busca facilitar a expressão de necessidades e desejos por parte do casal, solidificando um novo ciclo de interação saudável.

Sobre a conjugalidade, os artigos (Ceniza & Allan, 2021; e Liaqat et al., 2020) corroboram o que foi trazido anteriormente nas outras categorias. Tanto a dificuldade em identificar, nomear e expressar sentimentos quanto os ideais de masculinidade influenciam a relação conjugal, seja através de processos subjacentes ou não. Vários processos da vida em casal são afetados, como a qualidade da comunicação e da vida sexual, a empatia, a construção de intimidade, a satisfação conjugal e o cuidado com o parceiro ou parceira.

Sintetizando

A revisão apontou que as dificuldades na expressão emocional e os ideais de masculinidade influenciam não apenas na comunicação conjugal, mas em vários aspectos da

conjugalidade e das relações interpessoais como um todo. Essa conclusão assinala a importância de uma prática clínica adequada e que busque acolher os pacientes em suas idiossincrasias, mas que não deixe de questionar as representações colocadas pela masculinidade hegemônica que estão inseridos no contexto destes pacientes.

Além disso, uma vez que alexitimia normativa masculina se trata de um construto que permeia todos os homens, e que esses mesmos homens tendem a não buscar ajuda profissional adequada, é de extrema importância a criação e manutenção de políticas públicas que fomentem as discussões acerca desses temas. Essas discussões devem estar presentes tanto em aspectos corretivos quanto preventivos, desde os níveis de atenção primária do Sistema Único de Saúde.

A literatura recomenda que pesquisas futuras utilizem outros métodos de coleta de dados além dos de autorrelato. Um exemplo citado é o das pesquisas longitudinais, buscando descrever como os construtos mudam ao longo da vida dos indivíduos, além de identificar quais outros fatores subjetivos contribuem para essas mudanças.

Outro ponto importante trazido pelos artigos diz respeito ao fato de que não há uma única masculinidade. Dessa forma, é importante que pesquisadores e profissionais de saúde tenham em mente que a experiência de cada homem é única e deve ser olhada a partir de sua realidade social, econômica e cultural. Além disso, parte dos instrumentos utilizados pelos artigos não possuem validação em populações racialmente variadas, o que limita o poder de generalização de alguns dos resultados apresentados. Recomenda-se, então, que tais

instrumentos sejam adaptados para outras populações.

No que diz respeito às lacunas na produção, a maioria dos artigos coloca a limitação dos instrumentos de autorrelato, apontando para a importância de pesquisas que utilizem de outras abordagens metodológicas. Um exemplo de pergunta em aberto que não pode ser respondida por esses instrumentos diz respeito às mudanças das visões de masculinidade ao longo do tempo, bem como suas influências na vida dos homens e do casal.

Justificativa social, científica e benefícios

A ideia comumente difundida de que os pacientes que conseguem acessar, nomear e expressar seus sentimentos são os "ideais" para a psicoterapia (McCallum et al., 2003) levamos a pensar em como é necessário que a Psicologia esteja preparada para atender também aqueles que têm dificuldades em saber até mesmo o porquê de estarem buscando ajuda ou qual a utilidade da terapia para eles. É importante, portanto, focar em como a limitação está na Psicologia, como ciência em contínuo desenvolvimento e não na pessoa que necessita de atendimento.

O estudo de Tartaglini et al. (2017) encontrou uma correlação significativa entre alexitimia e depressão geriátrica, com uma prevalência de 50,6%. Os resultados são corroborados por Martins et al. (2017), que também encontraram uma correlação entre a dificuldade de identificar e expressar sentimentos, depressão, qualidade de vida e ansiedade. A literatura ainda apresenta dados acerca da correlação de características alexitímicas com a toxicod dependência e a busca por sensações nas drogas (Torrado & Ouakinin, 2015), padrões

de dor e queixas de sono em pacientes com fibromialgia (Avila et al., 2014), distúrbios alimentares (Silva, 2018; Torres et al., 2011) e com a dependência comportamental tabágica (Rocha, Guerra, & Maciel, 2010). Assim, compreende-se que pesquisas sobre as dificuldades em identificar e expressar sentimentos, suas relações com os ideais de masculinidade e a comunicação conjugal são importantes, pois enriquecem não apenas o conhecimento da Psicologia, mas de um construto que permeia várias áreas da saúde pública. Por fim, entende-se que a presente pesquisa contribui para um avanço no entendimento das relações subjacentes entre a comunicação conjugal e a dificuldade de identificar e expressar sentimentos.

Além disso, como coloca Ogrodniczuk (2007), a maioria das pesquisas realizadas acerca do tema têm se centrado nos fatores etiológicos e nas suas relações com o surgimento de outras patologias. Assim, são necessários mais estudos que foquem em outros aspectos, como os culturais e os relacionais.

Método

Delineamento

O delineamento da pesquisa constituiu-se em um estudo de caso coletivo qualitativo (Stake, 2006). A escolha se deu uma vez que os construtos estudados perpassam não apenas as representações de gênero construídas por cada indivíduo entrevistado, mas por relações sociais complexas construídas através de vários mecanismos sociais. Assim, o interesse da pesquisa é descrever como essas relações acontecem, buscando compreender como o todo é afetado pelas partes e vice-versa.

Participantes

Foram critérios de inclusão nesta pesquisa: (1) casais que estivessem morando juntos há pelo menos dois anos, (2) ambos com mais de 18 anos e (3) formando um casal heterossexual monogâmico. Optou-se por casais que morassem juntos há pelo menos dois anos por se entender que, uma vez que o objetivo do estudo diz respeito à comunicação, é importante que a análise seja realizada em um momento em que padrões já possam ter se estabelecidos. Assim, excluiu-se o momento de transição para a conjugalidade. Em relação ao terceiro critério, optou-se por casais heterossexuais por entender que outras configurações conjugais enfrentam desafios específicos, tais como o preconceito social, que não poderiam ser adequadamente discutidos aqui dado o escopo deste estudo. No entanto, frisa-se desde já a importância de estudos que deem visibilidade à relação dos construtos tratados na pesquisa com outros tipos de arranjos conjugais. Além disso, foram critérios de exclusão (1) o casal possuir filhos, por se entender que a transição para a parentalidade leva a uma reformulação dos padrões conjugais (Prati & Koller, 2011) que são o foco deste estudo, e (2) algum cônjuge possuir diagnóstico de transtorno relacionado à comunicação ou ao desenvolvimento.

Procedimentos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e, após ajustes, foi aceito para execução. Visto que a pandemia de Covid-19 impediu que as entrevistas fossem realizadas presencialmente, foi submetida uma emenda à pesquisa, solicitando autorização para que fosse realizada de forma virtual, o que foi aceito (Anexo A). Após o aceite, seguiu-se com o recrutamento.

O recrutamento de participantes se deu por conveniência, por meio da divulgação da pesquisa em redes sociais e dentre os contatos do pesquisador. Nas redes sociais, foi feita uma postagem patrocinada no Instagram com o folder de divulgação da pesquisa, que se encontra no Anexo B. Todos os entrevistados chegaram até a pesquisa através dessa postagem ou através de indicação de pessoas que viram a postagem. A postagem em questão teve alcance de 8226 pessoas, com 51 cliques.

Após o contato com o folder de pesquisa, os interessados preencheram um formulário com os seguintes dados: e-mail, nome e nome do(a) parceiro(a), e-mail e telefone de contato, cidade e estado onde residem, renda familiar aproximada, se mora com o(a) parceiro(a) há mais de dois anos, se tem filhos, e com qual gênero ambos se identificam. Das 20 respostas submetidas no formulário, 5 foram excluídas por se tratar de casais com filhos e 2 foram excluídas por se tratar de casais que moravam juntos há menos de dois anos. Dos 13 respondentes, apenas 4 fizeram contato com interesse em marcar entrevistas. Dos quatro casais entrevistados, três foram incluídos na presente pesquisa. Um dos casais foi retirado da análise por se tratar de uma relação aberta não-monogâmica.

Depois disso, as entrevistas foram agendadas através de mensagens por aplicativos de conversa. Após escolhido um horário, foi compartilhado um link da plataforma Zoom, exclusivo para cada entrevista e protegido por senha e pela ferramenta de sala de espera da plataforma.

Após o agendamento, compartilhei com ambos, através da plataforma de assinatura

eletrônica DocuSign, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) e o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa (Anexo D). Ambos foram assinados e devolvidos digitalmente.

Com os termos assinados, nos dias e horários de cada entrevista, fiquei à disposição no link compartilhado anteriormente. No início da entrevista, apresentei-me, contei brevemente minha trajetória e fiz um resumo da pesquisa e de como seria a entrevista. Além disso, perguntei se havia alguma dúvida e frisei, novamente, a liberdade que ambos tinham de finalizar sua participação na pesquisa em qualquer momento que desejassem.

Em seguida, iniciei o roteiro de perguntas semiestruturadas (Anexo E). A primeira pergunta abordava como o casal se conheceu e que características chamaram atenção um no outro. Com essa questão, tinha-se como objetivo construir um vínculo inicial com os participantes, para, então, apresentar as perguntas que tratassem de temas mais delicados.

Por se tratar de um roteiro semiestruturado conduzido de forma semidirigida, nem todas as perguntas foram feitas em todas as entrevistas, nem na mesma ordem. Novos temas surgiam durante a conversa e eram aprofundados, bem como outros temas que eram trazidos espontaneamente pelo casal, sem que precisassem ser explicitamente questionados.

Quando sentia que todos os temas principais haviam sido abordados, preparava o encerramento da entrevista e perguntava aos casais como eles estavam se sentindo e como tinha sido compartilhar um pouco da sua história e do seu dia-a-dia. Dessa forma, buscava acolher sentimentos que poderiam ter sido despertados pela entrevista para não os deixar

desamparados caso houvesse algum desconforto ou sofrimento. Depois disso, abri para perguntas ou dúvidas sobre a pesquisa em si e finalizamos.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi um roteiro de perguntas semiestruturadas (anexo B), que foi construído a partir das problemáticas trazidas na literatura estudada. O roteiro foi produzido a partir das problemáticas encontradas na revisão da literatura dos três conceitos centrais do trabalho. A partir disso, as perguntas procuraram englobar: autopercepção de sentimentos e percepção dos sentimentos do outro, visões acerca do significado de ser homem e ser mulher, tanto dentro de uma relação quanto na sociedade, concepção das representações sociais do que é dito masculino e feminino, percepção do casal acerca da sua comunicação, buscando entender o que ajuda e o que atrapalha e, por fim, uma questão problema que buscou entender como o casal resolve conflitos.

Questões éticas

A pesquisa ofereceu risco mínimo aos participantes, uma vez que não se trata de uma população com vulnerabilidade aparente e por se tratar de uma pesquisa que busca discutir questões que já fazem parte do dia a dia dos entrevistados.

Uma vez que nesta pesquisa, me propus a analisar como cada cônjuge identifica e expressa seus sentimentos, assim como sua avaliação acerca de como o outro compreende e expressa sentimentos, é possível que cada pessoa acabasse entrando em contato com demandas que gerassem desconforto. Além disso, por se tratar de uma entrevista conjunta, é uma possibilidade o surgimento de conflitos entre os cônjuges. Nesse sentido, uma vez que o

sou psicólogo com experiência em terapia de família e de casal, estava preparado para apresentar condições para manejar essas situações no momento da entrevista. Ainda, caso fosse necessário, eu ofereceria ao casal a possibilidade de um outro momento de conversa para auxiliar no conflito, além de possíveis encaminhamentos para terapia individual ou de casal no Centro de Estudos e Atendimentos Psicológicos da Universidade de Brasília (CAEP-UnB) ou para outras clínicas-escola de Psicologia do Distrito Federal, que não se fizeram necessários.

Como benefício direto aos participantes, por ter como proposta discutir a vida em casal, a pesquisa pode ser um momento de fomentar reflexões que ajudem ambos os cônjuges a melhorarem sua relação e sua comunicação. Pode, ainda, funcionar como um espaço de conversa e de compartilhamento, contribuindo para uma maior abertura para cada um tratar de assuntos que, às vezes, não se sente confortável para abordar em outros contextos.

No que diz respeito ao sigilo dos dados de pesquisa, as gravações foram armazenadas em um computador pessoal com senha, em uma pasta protegida. Além disso, para preservar as identidades dos entrevistados, desde a transcrição foram utilizados nomes fictícios.

Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo (Laville & Dionne, 1999), que, segundo os autores, consiste em decompor a estrutura e os elementos do conteúdo, buscando esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.

Dessa forma, as entrevistas transcritas foram lidas em sua íntegra e os conteúdos

considerados relevantes e com relação com os objetivos da pesquisa foram destacados e reduzidos a uma frase que os representasse. Essas frases constituíram os temas ou subtemas das entrevistas. Quando necessário os subtemas foram agrupados em temas mais amplos, considerando-se a literatura sobre o tema. Para fins desta dissertação, os temas construídos foram divididos dentre os três eixos de interesse desse estudo: (1) Conjugalidade, (2) Representações de Gênero e (3) Identificação, Nomeação e Expressão de Sentimentos.

No que diz respeito aos passos da análise, primeiro foi realizado um recorte dos conteúdos através da leitura na íntegra das entrevistas e criação de comentários ao longo do texto. Esses comentários tiveram o objetivo de dividir a transcrição em unidades menores de análises, agrupadas dentro de sua própria significação. Esses recortes foram, então, ligados aos eixos da pesquisa, ligando cada recorte a uma ideia particular.

Como colocado anteriormente, os eixos analíticos, que seria o segundo passo possível de uma análise de conteúdo (Laville & Dionne, 1999), foram escolhidos *a priori*, em um modelo misto, e representam os construtos estudados nesse trabalho. A escolha do modelo misto de análise se deu, pois, entende-se que novos eixos poderiam surgir dentro das falas dos participantes.

Por fim, a análise qualitativa de conteúdo foi realizada através de uma abordagem de emparelhamento, que buscou identificar os elos lógicos entre as falas dos participantes com o aporte teórico que embasou a pesquisa.

Resultados e discussão

Entrevista 1 – Joana e Nei

Joana está na faixa dos 40 anos de idade, é profissional da saúde, com ensino superior, e negra. Nei está na faixa dos 60 anos, é micro empresário, tem ensino médio completo e é branco. Ambos são praticantes de uma crença cristã protestante.

O casal se conheceu através de um site de relacionamento e, depois de alguns meses conversando, decidiram se conhecer pessoalmente. Um dia depois de se conhecerem pessoalmente, Nei pediu Joana em casamento e ela aceitou. O casamento ocorreu poucos meses depois e, na data da entrevista, estavam com 10 anos de casados.

Segundo Nei, o que lhe chamou atenção em Joana foi ela ser uma pessoa sincera e com desejo de casar. Além disso, ele relata que a afinidade criada através das conversas pelo site foram importantes para a construção inicial do relacionamento. Para Joana, o que chamou atenção no marido foi que achou ele bonito e com bom gosto para se vestir, além de ter um bom aperto de mão e um bom abraço.

1. Conjugalidade para ela

1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.

a) Insatisfação diante de uma Comunicação Descrita como Superficial e Sem

Expressão de Sentimentos. Joana descreve a comunicação do casal como superficial: “*não é emoção, sentimento, como está se sentindo, não*”. Ela relata sentir que “*no relacionamento, eu sou a mais exigente. E a comunicação, ela é muito... ela é... não, ela está muito ruim. Entendeu? Muito ruim, mas vai melhorar*”.

b) A Importância da Comunicação Não-Verbal. Joana destaca o aspecto não-verbal

da comunicação, mencionando a importância dos gestos nesse processo:

já o feri com um gesto, na intenção de ferir, e ele já me feriu com uma brincadeira.

Então assim, “ah mas eu falei brincando”. Você falou brincando, mas me feriu. “Ah,

você fez isso”. Eu fiz isso na intenção de te responder à altura. Então existe a

comunicação não-verbal, que acontece quando há intenção de comunicar, né, algo.

Para ela, essa comunicação não-verbal acaba se sobressaindo de forma negativa, uma

vez que:

na comunicação não-verbal, a compreensão do outro é subjetiva. Aí é ruim, porque

eu faço um gesto na intenção de ofender, pode ofender ou não. O outro faz uma

brincadeira na intenção de brincar, num momento que não cabe, e ofende.

Por outro lado, ele cita uma forma positiva de comunicação não-verbal e diz que, ao

dirigir, gosta quando o esposo toca seu joelho do banco do carona:

É uma comunicação assertiva. Ele sabe que me faz bem e eu sinto que ele gosta. Até

porque, voltando na história das mãos, eu gosto do toque das mãos. Ele sabe disso.

Então, a comunicação não-verbal, que também impera muito, tem esse lado da

subjetividade, que ele sabe do que eu gosto e do que eu sei que ele gosta.

c) Explosões como uma das Poucas Formas de Comunicar Sentimentos. Joana

relata que não comunica seus sentimentos ao marido, por diversos motivos, o que faz com

que suas frustrações se acumulem e com que ela eventualmente tenha uma “explosão”. O

mesmo padrão é observado no marido:

Também às vezes explode, fala uma grosseria, uma explosão, e se afasta. E quando volta, volta como se nada tivesse acontecido, e eu calo, e eu calo e guardo as coisinhas, que pra ele é coisinhas, e que pra mim vai apenas juntando.

d) Necessidade de um Mediador para Conseguir se Comunicar com o Marido.

Joana relata que sentiu que a entrevista contribuiu para que ela e o marido se aproximassem um pouco mais, uma vez que a presença de um terceiro contribuiu, de alguma forma, para que isso acontecesse:

E, nesse momento da entrevista, estar conversando com você e com ele, pra mim, nos aproxima, porque posso falar e ele pode me ouvir, porque tem um terceiro. Entende? A gente pode discordar e chegar num consenso, porque há um terceiro. Se fosse só nós dois, a gente não teria falado nem um terço disso tudo que a gente falou. Não teria. Ele estava no telefone lá fora e eu estava assistindo televisão.

1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.

a) Diferenças nos Padrões de Comunicação das Famílias de Origem. Sobre sua história familiar, Joana relata que vêm de uma família muito comunicativa e que, mesmo morando à distância,

a comunicação é presente. Então assim, meus filhos moram em Brasília, eu em Montes Claros, mas sempre tô falando com eles. Então, é, não existe uma semana que eu não tenha notícias deles, que eles não tenham notícias de mim. Com meus

pais, quando moravam na Bahia, também essa comunicação muito presente. Com meus irmãos, minhas cunhadas. Então, eu venho de uma família que nós nos comunicamos muito, né.

Em relação ao esposo, ela percebe que sua experiência é oposta. Ela vê os membros da família dele muito distantes uns dos outros. Essa diferença, segundo ela, traz falas do esposo no sentido de:

Aí, às vezes ele até fala “você fala demais, conversa demais,” mas eu não sei como não conversar, entendeu? Eu não sei viver de outro jeito, porque venho desse lugar. Eu acho estranho que ele fica 2 meses sem falar com a mãe dele. Os filhos dele passam 6 meses, sabe.

b) A Proximidade Salientando as Diferenças entre os Cônjuges. Durante os primeiros anos do casamento, eles moraram em estados diferentes. Joana conta que eles conversavam por chamada de vídeo e que, a cada dois meses, o esposo ficava um mês inteiro com ela na cidade em que morava. Nos últimos anos, a partir do momento que passaram a morar juntos, as diferenças se acentuaram. Segundo ela:

Porque um casamento que a gente fica junto um mês, sabendo que vai ficar dois meses longe, então a gente se priva de algumas coisas, abre mão e faz concessão, porque sabe que é um período que tem que ser de qualidade, né. Quando o casal está efetivamente morando, dormindo, acordando, lanchando e almoçando junto, no dia a dia mesmo, essas diferenças se acentuam muito.

Joana relata, ainda, que essas diferenças se acentuaram de tal forma que o casal

decidiu buscar terapia. Assim, as diferenças, que, antes não tinham espaço na relação, passaram a fazer parte de toda a convivência. Questões que antes ambos estavam dispostos a abrir mão, uma vez que não conviviam muito, se tornaram pontos de corte que contribuem para os conflitos do casal. Para Joana, questões que são importantes para ela são vistas como irrelevantes pelo esposo, e vice-versa.

c) O Impacto da Diferença de Idade entre os Cônjuges. Joana também atribui parte da diferença na forma de se comunicar à diferença de idade de ambos:

uma diferença de idade de 15 anos é uma diferença muito grande, né. E assim, essa diferença vai se acentuando de agora pra frente. Eu acho que o ponto de convergência da idade tá passando, entende? Porque eu não tenho disponibilidade pra ensinar, e ele não tem disponibilidade em aprender. E pra isso precisa ouvir, precisa falar, precisa comunicar, né. Então, nesse lugar, comunicação é muito ruidosa.

d) Silêncio da Esposa como Forma de Evitar Conflitos. Joana relata que acaba deixando de falar aquilo que pensa e sente como forma de evitar brigas:

Entrevistador: *Sra. Joana, a senhora sente que consegue passar o que está sentindo para o seu esposo?*

Joana: *Não, não, justamente por não querer brigar, por não querer armar um conflito e, por sentir a indisposição no outro, no ouvir, eu já não falo.*

e) Indisponibilidade do Marido ao Diálogo. A questão da disponibilidade do marido

é um fator que pesa para ela deixar de se comunicar. Além da falta de disponibilidade para ouvir, ela sente que ele também não tem disponibilidade para aprender novas formas de se relacionar e comunicar, ou seja, de mudar a situação em que se encontram. Além disso, ela diz que também não está disposta a ensinar. Assim, a comunicação acaba ficando ruidosa.

Ela refere não se sentir ouvida pelo marido, o que contribui para seu silêncio:

Eu tenho uma desenvoltura da comunicação, mas, quando se fala para comunicar o que eu sinto, eu não me sinto confortável, porque, muitas vezes, eu não me sinto ouvida. Então, como não há disposição em ouvir, eu também não tenho disposição em falar. Aí fica o silêncio [...]. Então, acaba que fica o silêncio.

f) Questão Financeira como Tema Desafiador para o Casal. Joana relata que a questão financeira é complicada para o casal, trazendo questões sobre “o que um espera do outro, aquele sentimento de querer demais de mim, ou eu não tenho pra dar, ou o que eu tenho é insuficiente, não é pra isso”.

g) Experiências Anteriores de Violência de Gênero. Joana relata, ainda, aspectos de relacionamentos anteriores que marcaram a forma como ela se comunica na relação. Ela diz que no seu relacionamento anterior havia muitas brigas e violências verbais, de forma que, *“hoje eu não tenho mais essa disponibilidade para essas brigas e para esses conflitos verbais”*. Isso faz com que ela lide com essas diferenças e conflitos através do silêncio, fechando-se. Para ela, esse não falar, não compartilhar, acaba criando uma carga intensa de “coisinhas” que vão acumulando, até não aguentar mais. Dessa forma, o conflito, muitas

vezes, acaba ficando no silêncio, presente na relação de forma implícita.

h) Medo de Corresponder aos Estereótipos Femininos. Sobre seu silêncio, ela ainda relata que toma essa atitude “*pra não ser a mulher chata, faladora, falastrona, que exige, que cobra, que isso, que aquilo. Então, eu não quero esse lugar, eu não quero*”.

1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.

a) Responsabilização de si mesma pelas dificuldades conjugais. Na percepção dela, o marido percebe que ela se fechou, mas não identifica os porquês, ficando sem saber onde errou, o que a deixa mais chateada e fechada em seu mundo. Assim, os conflitos acabam não sendo resolvidos e são acumulados, pois

ele imagina que fez algo de errado, que às vezes ele nem identifica o que, onde foi que ele errou, e eu fico em silêncio chateada, fechada, na minha, no meu mundo e empurra pra debaixo do tapete.

b) A Falta de Comunicação Contribuindo para o Sentimento de Solidão da Esposa. Sobre o processo de morar junto com o marido, ela relata que se sentiu sozinha no início: “*Já morei sozinha e tudo, e a parte da minha vida que eu senti solidão foi vindo morar aqui com ele. Eu senti solidão, foi terrível*”. A presença dos seus pais acabou minimizando esses sentimentos, embora eles ainda persistam. Essa solidão, mesmo – e especialmente – na presença do marido, é sentida por ela, por exemplo, em momentos em que “*é estar no mesmo ambiente, mas [ele] está lá no celular*”. Ela expressa que não há um esforço da parte dele para que os momentos em conjunto aconteçam, seja para ouvir uma música ou para jogar um jogo juntos.

c) Sentimento de Desvalorização da Esposa. Outro sentimento que acompanha a

solidão é o que ela coloca como não se sentir necessária:

Então quando eu falo que ele não quer minha presença, não é em relação a desconfiar que ele está com outra pessoa, é simplesmente porque eu sinto que eu não sou necessária. Por não ser necessária não precisa estar, então fica o ser deixada, o sentimento, né, do ser deixada, que é muito ruim.

Assim, além de solidão, ela se sente deixada de lado, abandonada. Como se sua presença ali não fosse importante para o esposo, uma vez que ela não sente o esforço dele para alimentar a relação quando estão juntos.

1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) A Comunicação Não-Verbal Contribuindo para a Sexualidade do Casal. Em relação ao que funciona na comunicação, ela relata que “*um lugar do nosso relacionamento que nós aprendemos a nos respeitar, a ter cumplicidade, paciência, autonomia, é na área sexual*”. Segundo ela, apesar de não conversarem abertamente sobre isso, há um olhar diferente de ambos para o outro, fazendo com que a troca aconteça não pela comunicação verbal, mas através de gestos como cumplicidade, liberdade de cada um ser quem é, de sentir, e respeito pelo tempo e pelo corpo do outro. Para ela,

esse lugar deveria ser estendido pra área financeira, pras demais áreas, entende?

Porque, nesse lugar, aprendemos a nos conhecer, e a nos respeitar, e a nos completar. E é um lugar bom, confortável pra mim e pra ele.

b) A Comunicação como Elemento de Construção da Identidade do Casal. Para

Joana, “*comunicação é afinidade, é a subjetividade do conhecer um ao outro*”.

Dessa forma, ela relata esperar

um marido que se comunique comigo. Eu espero um marido que sente pra falar das estrelas, das besteiras, das abobrinhas, sabe, de conversar. Simplesmente conversar. Não é problema pra resolver, não é nada, sabe. Falar da gente, não é do terceiro, não é o que o outro fez. É da bobagem, da trivialidade, mas o sabor de estar junto. E isso me falta no casamento.

Para ela, conversar é “*Estar junto, a alegria de estar. Isso me falta*”. Assim, para Joana, a comunicação se mostra como uma forma de construção da intimidade do casal, que ela não sente receber do marido. Além disso, ela relata que gostaria de fazer mais atividades junto com ele, pois percebe que ambos têm momentos em que resolvem demandas sozinhos, que poderiam fazer juntos. Isso novamente afasta o casal e os priva de um momento de qualidade, como é possível ver no trecho:

“Ah eu vou ali”, “tá, eu vou junto”, “não, fica ali que eu vou e volto já”. Uai, qual a diferença de ir e voltar junto? Aí não cabe, e no lugar de não cabe eu me fecho. E quando ele chega e eu tô fechada, ele fica “ah, mas o que eu fiz?”. Nada, não fez nada, só que cabia estar junto.

Há uma expectativa de que ambos façam atividades juntos, que o esposo atenda às suas demandas. O não atendimento destas deixa-a frustrada e faz ela se retrair mais ainda.

Sobre isso, ela diz sentir que “*pra ele, isso aí é irrelevante, porque a vida toda sempre*

resolveu tudo sozinho”. Assim, reforça-se a percepção de que há uma diferença entre o que cada um considera importante na interação do casal, o que distancia os cônjuges.

c) Diferentes Perspectivas dos Cônjuges sobre Intimidade, Sexualidade e Resolução de Conflitos. Joana relata que discorda do marido, que coloca o sexo como forma de resolver os conflitos do casal. Para ela, ao contrário, o conflito se resolve na conversa, no diálogo, independente do sexo:

sexo não entra na briga. A gente briga o dia todo tá bom, à noite um quer e o outro quer, tá bom também. Vai ficar bom também. No outro dia continua briga, porque o problema da briga não foi resolvido.

2. Conjugalidade para ele

2.1. Representações sobre a Comunicação Conjugal.

a) Insatisfação diante de uma comunicação marcada pela dificuldade na expressão de sentimentos e pela escassez de trocas. Quando perguntado se eles se perguntam o que estão sentindo ou pensando, Nei relata que “*Algumas coisas, nem tudo, né. Pergunta mais as coisas, assim, rotineira, né. Como compra uma coisa, compra outra*”, coisas do dia a dia, de negócios.

De forma semelhante, quando perguntado sobre como ele mostra para a esposa que está bem, que está feliz, Nei altera o foco da pergunta e se refere a como busca saber se a esposa está bem, não falando sobre os próprios sentimentos:

Eu viajo trabalhando, pergunto se tá bem, se foi bem, como tá os negócios. E isso

assim, é uma maneira de mostrar pro outro, preocupar, e se sentir bem também, se sentir feliz. Ir pra igreja, participar, perguntar como foi, se chegou bem, falou bem.

Nei relata, ainda, que elogia a esposa, mas apenas quando é perguntado, pois normalmente são detalhes que passam despercebidas para ele. No entanto, ele diz considerar importante a comunicação ir além de assuntos burocráticas do dia a dia:

a comunicação ela é fundamental quando fala mais do que aquilo que é necessário, precisa falar mais. Falar o que, coisas da vida, do dia a dia, né, da inda, da vinda, do trabalho, onde passou, o que teve, o que foi fazer...Acho que nisso nossa comunicação é muito fraca. Ela sai e eu pergunto pra ela e ela, “ah, vou ali na rua”, ela não fala, né.

Sobre isso, ambos concordam, e Nei complementa falando: “*É, tá errado. A gente fecha alguma coisa, não fala tudo que faz, não fala tudo que vê, não fala tudo que ouve. Muita coisa não fala, ela não fala pra mim e eu também não falo pra ela*”.

Conta, ainda, que, no relacionamento anterior, já sofria em função da comunicação com a esposa. Segundo ele, nesse relacionamento a conversa também não acontecia.

b) Percepção de que não Consegue Cumprir as Demandas da Esposa. Quando perguntado sobre quais expectativas não foram atendidas ao morarem juntos, ele relata que “*Nunca cumpri todas as exigências, as cobranças dela, nunca cumpri, nunca consegui cumprir não. Pode ser que daqui pra frente cumpra, né, mas não sei se consigo satisfazer completamente todas as áreas*”, sem se referir às suas próprias expectativas.

c) Expectativas Frustradas em Relação às Respostas da Esposa. Em relação à resolução de conflitos, ele relata que

É muito difícil ela pedir perdão, às vezes, chego a pedir perdão, mas não sei se ela perdoou. Fico lá, sem resposta. Tem horas que continua magoada à toa. Mas perdão pra ela não resolve, pedir perdão não resolve (ininteligível). Eu falo que ela é muito vingativa.

Além disso, ele sente que, às vezes, fala e não é bem recebido: “*a gente fala, às vezes, fala uma coisa e depois não recebe, assim, um xingão, né, você fala e recebe a resposta*”.

d) Questão Financeira como Tema Desafiador para o Casal. Nei diz sentir que “*a gente tem essa dificuldade de sentar e conversar sobre esse assunto*”, apesar de não terem muitos problemas e deles, normalmente, se resolverem.

e) Discordância acerca de como a Esposa o Descreve. Nei relata que não se identifica com algumas características relatadas pela esposa:

Eu tô tranquilo. Eu sou um cara tranquilo. Ela fala umas coisas que, nem tudo é do jeito que ela fala, eu não sou um cara estourado, de perder a paciência, xingar, estourar. Eu sou tranquilo, de ter calma nas coisas.

f) Visão de Si Mesmo como Alguém que Tenta Mudar. Nei descreve a comunicação do casal como um processo de aprendizado e diz que “*continuo assim, lutando pra mudar, porque, depois de certa idade, a mudança vai ficando difícil*”.

2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação Conjugal.

a) Próprias Características Pessoais. No que diz respeito à comunicação, Nei relata

ser uma pessoa fechada e de poucas palavras, além de se perceber como alguém que “*não tenho habilidade de ouvir, isso eu sei que é ruim pra qualquer casamento, pra qualquer relacionamento não é bom*”.

b) *Influência da Família de Origem.* Nei descreve ter sido influenciado pelo modelo de sua família, que não conversava:

De uma família também que não conversa, de uma família...irmãos, todo mundo só conversa pouca coisa e pronto. E isso eu trouxe realmente comigo, da vida passada, do passado, da família. É uma família que não é aberta, não conta as coisas, não conversa. Acho que isso eu trouxe para o casamento, esse comportamento.

c) *Proximidade Física como Elemento Dificultador da Relação Conjugal.* Nei relata que, quando o casal morava longe, a conversa era melhor. Para ele, como as conversas eram mais sobre assuntos leves e não sobre problemas, isso fazia com que fosse mais prazerosa para ambos. Ele conta que “*a gente, quando tava mais longe, falava mais do que hoje. Todo dia no telefone, todo dia conversava. Só falava as coisas boas, né, nunca tinha os problemas, né, só falava coisa boa*”.

d) *Especificidades da História do Casal.* Segundo Nei, o casal percorreu um processo inverso ao usual: “*nós casamos pra conhecer, não conhecemos pra casar, foi uma coisa completamente diferente*”. Isso teria feito com que, para eles, a comunicação fosse desde o início, um processo de aprendizado.

e) *Expectativas Divergentes.* Relata uma diferença entre o que cada um espera que

seja ou não falado e compartilhado:

Mas tem coisas que não precisa falar, porque é coisas irrelevante. Eu fui ali levar uma encomenda pra pessoa e a pessoa tava lá recebendo e pagou, nem precisa falar isso. Porque senão fica tantos detalhes pra falar que a gente não consegue falar isso.

f) Diferenças entre Homens e Mulheres. Sobre a comunicação homem-mulher, ele diz achar que “*nem homem fala tudo pra mulher e nem a mulher fala tudo pro homem. Isso eu acho que é fundamental, né. Não consegue contar tudo, tem coisa que a gente não conta pra mulher*”.

2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação do Casal.

a) Responsabilização pelo Sofrimento da Esposa. Ao discutir como sua forma de ser influencia a maneira como ele se comunica com a esposa, Nei diz que sabe que é “*Ruim, né? Então, isso magoa. A gente sabe que isso tá magoando o outro, a esposa, né*”.

2.4. As Relações entre a Comunicação e outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) Dificuldades de Comunicação Relacionadas à Pouca Cumplicidade do Casal.

Nei conta que, para ele,

A solidão, ela acontece em qualquer relacionamento, solidão no relacionamento, que os dois tão juntos, mas não está. Mas isto, isso é ruim, né. Morar junto é cumplicidade, né. É dividir as coisas. (...) Estar junto é participar das coisas diárias, do trabalho, das atividades, das responsabilidades diárias. Então, tudo isso é estar junto. Não é só estar junto na comunicação, nos negócios. Mas é estar junto e andar

junto. Vamos ali na pizzaria? Vamos! Vamos ali no negócio, comprar as coisas?

Vamos! Acho que tudo isso é estar junto.

b) O Sexo como Estratégia de Resolução de Conflitos. Em relação à resolução de conflitos, ele relata que *“Eu tento aproximar, conversar, né, pedir desculpa. Peço desculpas sim, às vezes peço desculpas, tentando reconciliar. Ai o negócio vai pra frente, vai pra cama (risadas). As diferenças acabam na cama”*.

3. Representações de gênero para ela

3.1. As Mulheres como Mais Voltadas aos Relacionamentos.

No que diz respeito à visão de Joana acerca das representações de gênero, ela relata que, para as mulheres, é mais importante *“a questão da atenção, do cuidado, da comunicação mesmo, né, do dia a dia”*.

3.2. O Estereótipo da Mulher Chata.

Ela também apresenta um comentário que denota como os estereótipos negativos sobre as mulheres influenciam sua relação conjugal, como apresentado na Seção 2.

Mas, no casamento, quando o outro não tem a disponibilidade pra ouvir, eu também me seguro e faço silêncio, pra não ser a mulher chata, faladora, falastrona, que exige, que cobra, que isso, que aquilo. Então, eu não quero esse lugar, eu não quero.

4. Representações de gênero para ele

4.1. O Homem Racional e Durão X A Mulher Sentimental.

No que diz respeito às diferentes características de homens e mulheres na relação, Nei relata que, para ele:

O homem é muito, assim, vamos dizer assim, ele é realista né. Ele não age muito por sentimento. Já a mulher, a esposa ou as mulheres, agem mais por sentimento.

Homem não, ele não vê as características peculiares das coisas, coisas assim pequenas, como a mulher vê. O homem é muito, muito durão, né, muito... tem aquela característica de ser macho, de ser homem, não chorar, não preocupar com coisinha, né.

Além disso, ele relata perceber que esse tipo de dinâmica impacta a relação conjugal, colocando que *“essa diferença é muito marcante entre homem e mulher. A gente tem esses problemas dentro do casamento, qualquer casamento tem, essas diferenças, de olhar detalhes”*.

4.2. O Homem que Não se Preocupa com a Aparência X As Mulheres que Cobram esse Cuidado.

Ainda sobre as diferenças entre homens e mulheres, para Nei, as mulheres esperam que os homens cuidem de sua aparência, mas que os homens não ligam para isso, colocando que *“Mulher gosta que homem ande cheiroso, arrumado, ande penteado, com a barba feita, né, com a roupa limpa. Eu sou meio relaxado nesse negócio de roupa. E elas cobram. Eu acho que homem não se preocupa com esses detalhes.”*

4.3. As Mulheres Românticas X Os Homens que Não Ligam para Isso.

Sobre as expectativas de homens e mulheres quanto aos relacionamentos românticos, Nei relata que:

Por exemplo, ela me cobra que não sou romântico, né, que não fico preocupado com

datas e coisas assim. Aliás, eu não sou muito disso, já vim de uma família que não ligava pra isso, que não comemorava nada, não tinha festa, data de aniversário. [...]
Mas não é como a mulher espera.

4.4. As Mulheres que Querem Ser Elogiadas.

Por fim, outra percepção dessas diferenças entre homens e mulheres colocada por Nei diz respeito aos elogios: *“Quando pergunta, eu falo, mas, às vezes, não tenho essa disponibilidade de elogiar, os elogios, né, que é uma coisa boa, pra mulher principalmente”*.

5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela

5.1. Dificuldade de Expressar os Sentimentos na Relação.

Em relação aos sentimentos, Joana coloca que *“quando estou magoada, chateada, a maneira de eu lidar com isso é em silêncio, é eu me fechando, retraindo”*. Mas, quando perguntada sobre conseguir ou não passar o que sente para o esposo, ela relata que deixa de compartilhar seus sentimentos para evitar um conflito e por não se sentir ouvida, colocando que *“Não, não, justamente por não querer brigar, por não querer armar um conflito, e por sentir a indisposição no outro, no ouvir, eu já não falo”*. Ela complementa, pontuando que

Eu tenho uma desenvoltura da comunicação, mas quando se fala para comunicar o que eu sinto, eu não me sinto confortável, porque, muitas vezes, eu não me sinto ouvida. Então, como não há disposição em ouvir, eu também não tenho disposição em falar. Aí fica o silêncio.

6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele

6.1. Dificuldade em Expressar para Esposa o que Está Sentindo.

Para Nei, quando perguntado se consegue passar o que sente para a esposa, ele relata que *“Acho que não, consegue tudo não, pouca coisa. Porque tem mais coisa pra passar, mas a gente se fecha né, quando dá uma certa barreira. Por exemplo, a gente tenta conversar e não conversa”*.

6.2. Tentativa de Controlar os Próprios Sentimentos.

Além disso, ele conta que:

E eu sou muito assim, meu sentimento é muito durão, não é de ficar chorando, remoendo, não tenho esse...Eu fui criado de uma família que o pessoal todo era assim, tudo era durão, era, quer dizer, ninguém nem precisava de psicólogo, muito menos remédio de farmácia. Essas coisas a gente tentava superar por si mesmo, nem pedia conselho pros outros. Tentava lutar contra os problemas sozinho.

Nesse trecho, é possível encontrar, ainda, aspectos relacionados a como ele percebe que sua família o influenciou e em relação a como ele aprendeu a resolver seus problemas sozinho, sem precisar da ajuda de ninguém.

6.3. Identificação dos Sentimentos da Esposa a partir de suas Atitudes.

Por fim, em relação a perceber como a esposa se sente, ele relata que:

Eu percebo que ela se fecha, né, se fecha. Percebo mudança de atitude, de comportamento, e percebo em mim também. Qualquer coisa que eu fiz que talvez não

gostou, ela se fecha, muda de comportamento. Eu percebo isso [...] eu sinto que ela tá magoada, né, fechada, com respeito a alguma coisa que eu fiz.

7. Discussão Casal 1

As mudanças descritas pelo casal quando passaram a efetivamente viver juntos demonstram como essa transição demandou de ambos uma readequação não apenas da relação, mas de suas vidas como um todo, incluindo, também, aspectos individuais. Isso está de acordo com o que colocam Féres-Carneiro e Ziviani (2009), ao falarem que o estabelecimento de uma relação de casal é um processo de reformulação de realidades. Nesse caso, tanto o momento do início da relação demandou uma reformulação, quanto a transição que veio a seguir.

Dessa forma, a fala de Joana, que coloca que as diferenças aumentaram após começarem a viver juntos o dia todo, todos os dias, nos diz que esse repertório comum do casal ainda precisava ser construído, sendo necessário um equilíbrio entre as expectativas individuais e a conjugalidade. Além disso, a percepção de ambos de que há uma diferença entre eles acerca do que é considerado importante está de acordo com o que coloca Willi (1995) sobre a impossibilidade de que o casal se corresponda ou satisfaça completamente um ao outro, visto que cada um constrói sua realidade de forma distinta. Assim, é importante que o casal desenvolva ferramentas para que essas realidades se complementem, e não apenas conflitem entre si.

Sobre a comunicação, vemos uma distinção nos motivos que levam o marido e a

esposa a não se comunicarem. Enquanto Nei relata que não fala pois não sente, não tem o que falar ou não acha relevante que seja falado, Joana relata que deixa de falar para evitar criar conflitos, por não se sentir ouvida e, até mesmo, por um medo de ser tachada como a “*mulher chata, faladora, falastrona, que exige, que cobra, que isso, que aquilo*”.

Sobre isso, Nei explica que sua família de origem funciona dessa forma, deixando a entender que nunca foi demandado dele que compartilhasse assuntos pessoais. Sobre isso, Freire (2010) aponta que, ao serem socializados dessa forma, os meninos crescem sem os instrumentos necessários para lidarem com os sentimentos na vida adulta. Por outro lado, Joana relata que sua família sempre a estimulou, tanto na comunicação entre os membros quanto no compartilhar de sentimentos. Essas percepções corroboram a análise de King e Mallinckrodt (2000), que apontam que o desenvolvimento de características alexitímicas está associado ao ambiente familiar.

Essa diferença tem uma consequência que perpassa de forma intensa o relacionamento de ambos. Enquanto Joana espera uma abertura maior do esposo, para que conversem sobre assuntos que acha relevantes, Nei não está aberto para isso. Assim, o casal acaba assumindo o *modus operandi* do marido, pois Joana evita se colocar por receio das consequências que podem advir do conflito ou, até, por desesperança. Dessa forma, o padrão de comunicação de Nei acaba sendo, de forma implícita, imposto na relação como um todo. Uma vez que Joana já foi vítima de violência doméstica e que referencia as “explosões” do atual marido, é possível supor que haja, nesse relacionamento, uma relação de poder que

reproduz a estrutura patriarcal.

Essa estrutura também é identificada quando Joana expressa o medo de ser tachada como uma mulher chata apenas por querer conversar e resolver os problemas da relação. Esse medo aponta que a cobrança também é social, e não apenas do esposo ou da relação deles. Para Joana, há uma imagem social negativa da mulher que tenta conversar, que insiste na conversa e que busca resolver as questões do casal e esse estereótipo limita as atitudes que ela expressa na relação, dificultando que ela lute por seus desejos e necessidades, bem como mantendo-a subjugada ao padrão de comunicação do companheiro, já que ela se ajusta a ele.

Outro aspecto interessante da entrevista diz respeito à visão de Nei de que os homens são mais realistas, não agem por sentimentos, enquanto as mulheres agem por sentimentos. Essa é uma visão alimentada pela masculinidade hegemônica e que se caracteriza por caracterizar homens e mulheres de formas como opostos e com diferentes representações sociais hierárquicas. Nei diz que não consegue perceber ou expressar o que sente e o formato da sua narrativa também sugere que haja uma dificuldade em nomear e expressar os sentimentos. Dessa forma, seus comportamentos, assim como as dinâmicas conjugais, são limitados, pois falta a compreensão dos próprios sentimentos. As emoções fazem parte do processo de racionalização daquilo que pensamos e sentimos, sendo uma ferramenta importante para entendermos o mundo e como ele nos afeta (Ceniza & Allan, 2021). Um exemplo desse impacto é colocado por Messina et al. (2014), que relatam, em sua revisão sobre a alexitimia, que um pobre acesso de indivíduos às suas próprias emoções têm impactos

negativos nos processos de autoconhecimento, impactando negativamente, inclusive, os resultados da psicoterapia.

Dessa forma, a visão de que homens são racionais e mulheres emocionais, como se ambas as dimensões fossem excludentes, deixa de fazer sentido. Isso aparece ao longo da entrevista nos momentos em que a esposa coloca que busca ser objetiva na resolução dos problemas do casal, o que não é recebido pelo esposo. O fato de ele não conseguir entrar em contato com os próprios sentimentos prejudica sua capacidade de entrar em contato, também, com o processo de racionalização necessário para compreendê-los. Assim, Nei acaba não entrando em contato com a objetividade da esposa para resolver os problemas. Uma vez que muitos homens ainda não aprendem a entrar em contato com seus próprios sentimentos, não aprendem, também, a desenvolver ferramentas que permitam entrar em contato com sua própria racionalidade. Sobre isso, Lambie (2008) coloca que, quando alguém não está consciente de suas emoções em uma determinada situação, a pessoa é incapaz de se engajar no processo reflexivo acerca do que fazer frente a essa situação, o que leva a uma resposta, muitas vezes, automática. Assim, tornar conscientes os sentimentos e as emoções torna-se parte importante do processo reflexivo, pois permite que a pessoa se torne consciente para perceber e julgar as inconsistências presentes nas suas ações, a partir do feedback que a situação oferece.

Aprofundando sobre o elo entre masculinidades e racionalidade, Ross-Smith e Kornberger (2004), colocam que esse assunto tem sido mais colocado do que questionado

pela literatura feminista, sendo importante problematizar a origem dessa suposta relação, bem como se ela ainda faz sentido nos dias de hoje. Sobre isso os autores colocam que a noção de racionalidade foi construída a partir de visões e características ditas masculinas, não sendo um conceito de gênero neutro, pois a racionalidade ocidental é uma racionalidade masculina. Essa racionalidade busca, então, legitimar as relações de poder impostas pelas masculinidades. Assim “poder não é algo que é simplesmente adicionado à racionalidade: ao contrário, está embutido em estruturas (organizacionais), promulgado em discursos (científicos) e exercido em práticas (gerenciais)” (Ross-Smith & Kornberger, 2004, p. 282). O artigo discute, ainda, que as raízes filosóficas do significado de ser racional, o “ser dotado de razão”, vêm ainda da Grécia antiga, quando a razão e a mente eram qualidades dos homens, enquanto as emoções e a natureza eram associadas às mulheres. Essa construção não apenas perdura nos dias de hoje, mas acabou levando a um conceito com conotações relacionadas à masculinidade.

Além da comunicação, a dificuldade de entrar em contato com os próprios sentimentos, ainda dificulta a criação de laços de intimidade que satisfaçam o parceiro ou a parceira, visto que o desenvolvimento da intimidade do casal passa pela capacidade de identificar e descrever as próprias emoções, tanto para que elas possam ser transmitidas ao outro, quanto para que seja possível compreender o outro (Williams & Wood, 2013). Essa dificuldade aparece na entrevista quando Joana fala que se sentiu solitária quando foi morar com o marido, pois sente que ele não conversa com ela tanto quanto gostaria. Essa percepção reforça o que foi colocado por Frye-Cox e Hesse (2013): há uma correlação positiva entre a

dificuldade de processamento de emoções e a solidão no relacionamento. Por fim, ao final da entrevista, ela conta que “Se fosse só nós dois, a gente não teria falado nem um terço disso tudo que a gente falou. Não teria. Ele estava no telefone lá fora e eu estava assistindo televisão”. Assim, a construção da intimidade do casal acaba ficando prejudicada, em parte, pela dificuldade do casal se comunicar.

Além disso, Nei relata que, em alguns momentos em que tenta conversar, a esposa se fecha, o que o deixa se sentindo agredido. Ele relata se sentir sem feedback e que, quando o recebe, muitas vezes o considera de forma negativa. Nesse aspecto, é possível perceber que o casal acaba entrando em um ciclo que se retroalimenta: Joana tenta conversar e, sem o retorno que esperava, se fecha. Então, Nei tenta conversar e, ao perceber a esposa fechada, se sente agredido e desiste da comunicação, também se fechando.

Assim, mesmo o casal tendo ideais semelhantes quanto à relação, é difícil torna-los realidade. Um exemplo diz respeito ao compartilhamento de detalhes sobre sua rotina. Ambos relatam que quando saem para fazer algo na rua, falam algo como “vou ali e já volto”, sem compartilhar exatamente aonde ou o que vai fazer. Sobre isso, os dois relataram uma expectativa de que o outro fale mais do que apenas essa frase, permitindo que façam mais atividades juntos. No entanto, ambos continuam repetindo o mesmo padrão. Nei, quando perguntado sobre as características de uma boa comunicação, resume muito bem essa expectativa de ambos: “comunicação é falar mais do que o necessário”.

Entrevista 2 – Fernanda e Ruan

Fernanda está na faixa dos 30 anos, é da área de saúde, branca e não tem religião.

Ruan está na faixa dos 20 anos, é da área da saúde, branco e também não tem religião.

Ambos têm como maior nível de escolaridade o superior completo.

O casal se conheceu na faculdade e, apesar de se conhecerem por anos, só começaram a conversar próximo do final do curso. Para Ruan, o que chamou atenção na noiva foi que ela compartilhava do seu gosto musical, algo que, segundo ele, era difícil de encontrar na época. Para Fernanda, o que chamou atenção no noivo foi sua alegria, seu bom-humor e seu cavalheirismo.

1. Conjugalidade para ela

1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.

a) Diferenças na forma de se comunicar não são exclusivas da relação do casal. Ela relata que percebe diferenças na forma de ambos se comunicarem, mas que isso não é algo único do relacionamento deles, abrangendo relações entre homens e mulheres como um todo:

Então, eu realmente acho que tem diferença sim, dentro do nosso relacionamento eu percebo que sim, que tem bastante diferença, tal como ele explicou, mas acho que de modo geral, não é algo peculiar do nosso relacionamento. Poderíamos dizer que é de muitos relacionamentos.

b) A comunicação é saudável e conseguem conversar sobre qualquer assunto.

Apesar da não resolutividade das conversas, o casal coloca que ela ainda acontece de forma

saudável. Olhando para assuntos que eles têm dificuldade de conversar, Fernanda coloca que:

Eu me sinto bem à vontade para conversar qualquer assunto com o Ruan, do relacionamento, da família dele, do trabalho, da minha família. Eu acho que da minha parte não, eu converso sobre tudo. Não tem nenhum ponto que eu diga: ah, sobre isso não converso.

c) O noivo como um bom ouvinte. Fernanda relata que apesar do noivo não responder tanto aos seus questionamentos e de não participar tanto das discussões como ela gostaria, ela sente que ele escuta bastante o que ela fala e se lembra de detalhes, sendo importante estar aberto para ouvir mesmo discordando:

Normalmente eu falo bastante e ele, normalmente, mais escuta, e ele quase nunca responde. Mas eu percebo que ele presta atenção, porque às vezes passou meses de uma conversa que a gente teve um tempão atrás, aí às vezes ele retoma. Tipo: ah, naquele dia você falou isso, e eu consigo me escutar tendo realmente falado aquilo.

1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.

a) Falta de respostas do noivo. Fernanda relata que em vários momentos fica sem saber o que deixa o noivo mal, seja com raiva, estressado ou irritado, e que, quando pergunta, não tem resposta dele:

Tipo, eu nunca tenho como saber exatamente o que aconteceu, porque ele tá irritado, porque ele tá batendo as coisas. Aí, mesmo quando eu pergunto, porque às vezes eu pergunto, tipo, “Aconteceu alguma coisa? O que aconteceu?”, a resposta sempre é

um zero absoluto, ele não fala absolutamente nada.

Ela complementa colocando que isso vem se repetindo durante todo o período de cinco anos em que estão juntos, o que fez com que ela “*Então, hoje em dia eu meio que até desisti [de perguntar]*”, e, por fim, ela relata que “*quando eu percebo que ele tá irritado, que alguma coisa não tá legal, eu, bom, tento ignorar. Porque não adianta tentar entender o que está acontecendo, então eu acabo me calando também.*”

b) A Proximidade Salientando as Diferenças entre os Cônjuges. Fernanda relata que “[...] eu senti, não sei se o Ruan tem a mesma impressão que eu, mas eu senti que a gente começou a ter um pouco mais de divergências depois que a gente se formou,” colocando que, durante a faculdade, o casal não tinha tanto tempo para passar juntos, o que limitava um pouco a convivência, principalmente devido à quantidade de demandas da vida acadêmica. Assim, após se formarem, passaram a ter mais tempo juntos, com menos demandas, o que trouxe mais divergências.

c) A Proximidade Influenciando na Comunicação. Fernanda relata que “[...] eu acho que a comunicação mudou um pouco”. Segundo ela, essa percepção vem do fato de que a primeira briga de verdade do casal aconteceu apenas dois anos atrás, depois que essa convivência já estava mais intensa. Antes, ela relata que não tiveram momentos de brigas e discussões intensas, apenas diferenças pontuais que foram prontamente resolvidas por ambos. Ela coloca que: “*A gente nunca tinha discutido. Tudo sempre era realmente bastante fluido, como ele falou. Tudo funcionava bem. Eu cedia, ele cedia, a gente conversava, tudo sempre*

funcionou muito bem.” Assim, segundo ela, o casal chegava a acordos e resolvia conflitos através de um equilíbrio de cessão de ambos, o que mudou após a convivência se intensificar.

d) O Impacto do Noivo Não Conseguir Explicar Seus Pontos de Vista. Sobre a primeira briga que o casal teve, Fernanda relata que foi o primeiro momento em que sentiu que um meio-termo não foi encontrado, que não conseguiram chegar a um acordo, “*A primeira vez que a gente discutiu, a ponto de não conseguir chegar em um consenso, foi nessa ocasião. A gente tava com 3 anos e meio, indo pra 4 anos juntos, né.*”

A briga em questão dizia respeito à decisão de vender ou não uma casa que Fernanda recebeu de herança, assunto em que ambos tinham visões diferentes. Enquanto Fernanda preferia manter a casa, Ruan preferia vender. No entanto, Fernanda relata que o noivo não conseguiu explicar para ela os motivos de sua decisão:

[...] ele queria vender a casa, mas ele nunca explicou porque, nunca. Ele só falava: não, vamos vender porque vender é melhor. Mas, assim, com base no que que você tá falando? Ele nunca explicou: ah não, a gente pode vender a casa, a gente pode aplicar o dinheiro, não sei o que. Ele nunca explicou. Ele só falava pra vender, mas nunca justificou a resposta dele.

Depois de algum tempo, Fernanda disse perceber que a decisão do noivo era a correta, mas que só teve essa resposta após pesquisar por ela mesma, pois ele ainda não havia conseguido explicar os motivos de sua decisão. Assim, ela conta que “*eu que tive que buscar as respostas, porque ele já sabia disso, mas ele não conseguiu falar e explicar, não foi?*” Ela

complementa colocando uma impressão de que o marido não consegue verbalizar seus raciocínios: “*Mas daí ele não consegue transmitir isso em palavras, e pra mim é difícil entender.*”

e) Uma Elaboração Anterior Ajuda na Boa Comunicação. Sobre uma boa comunicação, Fernanda relata que acha engraçado o noivo falar que a comunicação dela é pouco compreensível, pois ela se esforça para pensar e refletir bastante antes de falar com ele, organizando o máximo possível sua fala. Ela coloca que:

[...] normalmente, antes de chamar ele pra fazer uma conversa, pra fazer uma DR, pra conversar sobre um assunto importante, eu faço uma elaboração antes, sozinha. Eu nunca vou pra uma conversa com ele, assim, com o que eu tô sentindo ou pensando naquele momento. Normalmente eu me preparo, eu nunca converso no dia, sabe.

f) A Comunicação Ambígua Dificulta o Entendimento do Noivo. Ao ouvir o relato do noivo, que coloca sua percepção de que nas discussões ela é clara, mas que a clareza não é a mesma na comunicação diária, ela concorda e coloca que entendeu seu ponto, citando um exemplo das conversas sobre sexualidade, onde, falando para o noivo, ela coloca que: “*[...] eu te chamo pra assistir um filme, mas ao mesmo tempo te chamo pra gente ir dormir, e aí você fica em dúvida sobre o que fazer.*”

g) Os Estados de Humor Interferem na Comunicação. Fernanda coloca que a comunicação adequada não é aquela que acontece durante uma briga, pois “*Eu acho que*

quando o casal começa brigar, a comunicação não tá adequada, não tá sendo clara. Então a gente nunca conversa quando a gente tá bravo, quando a gente tá muito exaltado com a situação.” Assim, se a briga começa, a conversa é interrompida para ser retomada no futuro, com os ânimos mais calmos, onde “Normalmente quando a gente conversa é quando a gente tá bem calmo, bem zen, então normalmente não é uma conversa com gritos, xingamentos, palavrão. É uma conversa, um diálogo.”

h) Em Uma Boa Comunicação Ambos Devem Ter Espaço para Falar. Fernanda cita que acha importante: *“que os dois tenham espaço pra poder falar, sem que um fique cortando o outro, [...] mesmo que estejam discordando”.*

i) Em Uma Boa Comunicação Ambos Devem Ceder. Ela coloca que é importante que ambos, mesmo discordando em alguns momentos, devem estar dispostos a ceder: *“acho que também é importante que os dois estejam disponíveis pra ceder, porque nem sempre é possível que os dois cheguem a uma resolução de um conflito que ambos concordem, alguém vai ter que ceder.”*

j) Uma Boa Comunicação Acontece em Local Privado. Fernanda cita que acha importante o casal ter um lugar reservado para conversar: *“eu também acho importante que não sejam conversas em público. Então acho que o lugar que você escolhe pra ter essa conversa, ele precisa ser um ambiente mais privado, em casa.”*

1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.

a) O marido não se abrir leva ela à criar hipóteses sobre as situações. Quando fica

sem respostas do noivo, acaba criando hipóteses para explicar seus comportamentos e ações, colocando que “*normalmente, a mulher, não tendo as respostas do homem, ela cria hipóteses (risadas), né,*” o que cria um problema, pois, como ela coloca, “*não tem como comprovar se alguma das hipóteses é válida ou não.*” Assim, Fernanda se cala e deixa de perguntar por não ter respostas do noivo. Com isso, como cita anteriormente, ela acaba recorrendo novamente às hipóteses, colocando que “*Eu fico pensando em mil coisas e nunca consigo provar nenhuma das hipóteses que eu formulo.*”

b) Uma comunicação clara não é suficiente, ela precisa se traduzir em mudanças práticas. Mesmo com um combinado entre ambos de falarem tudo o que sentem e pensam, as conversas não se mostram resolutivas. Fernanda coloca, então, que a comunicação acontecer não é suficiente para resolver o problema. Ela precisa se traduzir em mudanças práticas e combinados que sejam seguidos:

Então a comunicação é clara, né, a gente conversa de uma forma bastante aberta sobre qualquer assunto, né. A gente verbaliza mesmo. E mesmo que a comunicação seja clara, não é suficiente para resolver um problema. Porque, daí depende da disponibilidade dele querer fazer isso né.

1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) Divisão das tarefas domésticas. Em relação ao funcionamento da casa e à divisão de tarefas, Fernanda relata que o casal busca um equilíbrio, sempre levando em conta quem trabalha mais ou menos fora, para que ninguém se sobrecarregue. Assim:

[...] nas atividades da casa, eu sempre tento buscar com que a gente divida as tarefas, né. Eu trabalho uma quantidade de horas menor, então eu acabo ficando com uma quantidade maior de tarefas domésticas, justamente porque a minha carga no trabalho é menor. Mas, mesmo assim, a gente sempre tentou buscar equilíbrio nesse sentido.

b) Sexualidade. No que diz respeito à vida sexual do casal, ambos relatam uma diferença de disponibilidade e de vontade de ter relação. Enquanto para Ruan a vontade está presente durante todo o dia, para Fernanda ela aparece em momentos mais específicos. Sobre isso, o casal relata que a maior dificuldade na comunicação de ambos diz respeito à vida sexual. Por exemplo, Fernanda cita que percebe sua comunicação como sendo clara e direta, mas que o noivo não entende que ela está disponível para ter relação, o que ela diz não compreender, colocando que *“Mesmo eu falando quando estou disponível, entende? Ai a gente começa a pensar na questão da comunicação, porque eu falo (risadas).”* Assim, tendo esse ruído na comunicação, o assunto da sexualidade está batido para ambos, com Fernanda relatando que:

[...] Porque a gente já teve não sei quantas DRs, né amor, tô até cansada, não aguento mais fazer DR sobre isso. A gente já conversou, já discutiui, já pensou, né. Nossa, várias e várias vezes. Acho que pelo menos umas 10 vezes.

c) Relacionamentos passados. Sobre outras relações românticas que teve no passado, Fernanda relata não ver necessidade de falar, mas que não chega a ser um assunto tabu para o

casal. Ruan complementa, falando que ela só abre assuntos do passado em momentos pontuais, com motivos específicos:

Eu não tenho muito hábito de conversar sobre meu passado. Por exemplo, tive vários namorados antes dele, então acho que isso não é relevante. Esse é um assunto que a gente não costuma conversar, mas também porque ele nunca perguntou e eu nunca vi necessidade de falar.

d) Trabalho. Fernanda conta que o assunto trabalho foi sendo deixado de lado por ambos, mas por uma escolha consciente deles. Ela conta que recebeu um feedback do noivo de que estava falando muito do seu trabalho, o que acabava deixando ele se sentindo carregado. Assim, ela disse que ouviu o feedback e parou de falar tanto, colocando que:

Um assunto que a gente não tem muito hábito de conversar, mas que é mais por uma questão de escolha nossa, né amor, que é sobre o trabalho. A gente evita ficar falando muito sobre o trabalho, porque senão vai ficando pesado o negócio, vai ficando chato. Isso até foi um feedback que ele me deu algumas vezes [...].

e) Família de Origem Como Modelo de Comunicação a Não Ser Seguido. Por fim, Fernanda relata que percebe a comunicação deles como saudável, e que as famílias de ambos têm exemplos de padrões que eles não gostariam de reproduzir:

A minha percepção é essa também. Acho que é bem saudável, sim. Até porque a gente tem alguns modelos dentro da família, de coisas que não são legais e que a gente evita ao máximo de reproduzir. Tanto da família dele quanto da minha. Então

a gente já sabia por onde não ir, né (risadas).

2. Conjugalidade para ele

2.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.

a) Percebe Uma Cobrança da Noiva em Ter Respostas. Ruan relata que se sente cobrado pela noiva, que espera respostas que ele não tem: *“A gente tá conversando, ou resolvendo alguma situação do dia-a-dia, aí ela pega e me pergunta, né: mas você não vai me dizer nada?, depois de tudo que ela disse.”* Sobre esse processo, ele conta que, *“Aí, quando ela olha pra mim e fala assim: não vai dizer nada?, eu penso: o que dizer?, porque eu não pensei em nada, não senti nada, não sei do que que, sabe.”* Além disso, ele complementa, colocando que fica em dúvida sobre o que falar após ouvir a noiva: *“Mas o que dizer depois? Às vezes eu não sei o que dizer depois de tudo aquilo, entendeu? Não tem mais o que dizer depois daquilo, entende.”*

b) A Importância da Comunicação Não-Verbal. Sobre como percebe que a noiva está incomodada com algum acontecimento, Ruan relata que a mudança de comportamento comunica que algo não está certo, o que se dá através da leitura corporal da noiva e das respostas, que mudam, pois *“É mais uma questão de convivência, sabe. Porque ela muda a postura dela, muda o tom de voz, ela, às vezes, se isola, porque eu não dou resposta e ela fica muito pistola (risadas).”* Sobre as respostas, ele conta que *“Até as respostas mudam, né. Ela quase nunca me chama pelo nome, então quando ela fala (risadas), quando ela começa assim: Ruan, Ruan, então eu já sei que o bicho tá pegando, entendeu? (risadas).”* Assim, a comunicação não-verbal tem um papel importante para ele perceber o que a esposa está

sentindo.

c) Há Diferenças nos Momentos em que Cada um Tem Vontade de ter Relação. Ele que coloca que há diferença nos momentos em que cada um tem libido, pois ele está sempre disponível, mas ela não. Na prática, ele coloca que “[...] assim, eu posso tá pensando muito naquilo, várias vezes ao dia, e isso não se conecta, porque ela sempre tá pensando em muitas outras coisas que não têm nada a ver.” Para ele, os momentos que ela está disponível são muito específicos e de difícil leitura, o que faz com que passem despercebidos. Assim, Ruan coloca que “[...] acho que é o ponto que mais a gente tem divergências na nossa relação, encontrar esse meio-termo, esse equilíbrio das coisas.”

Buscando resolver essa divergência, ele coloca que “Chegou ao ponto da gente pensar em marcar dias específicos. Eu achei uma loucura (risadas). Como assim? Vou marcar na agenda, entendeu? (risadas) Quarta-feira, sexta-feira. Eu acho isso um absurdo.” No entanto, apesar das tentativas de resolução e do estabelecimento de combinados, ele relata que eles não duram muito:

Acontece também da gente elaborar uma estratégia, conversar, entrar em um acordo, e a gente conseguir sustentar isso durante uma semana, duas semanas, das coisas fluírem, sabe. Mas aí, chega um determinado ponto em que as coisas já não fluem mais, entende?

2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação do Casal.

a) A Comunicação da Noiva em Alguns Momentos não é Clara. Ruan conta que

sente a comunicação da noiva como não sendo clara, ao colocar que *“Mesmo que ela comunique isso, a comunicação dela, muitas vezes, é tão sutil que passa. Porque não é clara a informação. A informação muitas vezes não é clara e é dúbia, porque ela acaba fazendo duas ofertas (risadas).”* Essa comunicação que, na visão dele, acontece de forma ambígua, acaba fazendo com que ele não perceba de fato o que a noiva está querendo dizer, que é que ela está disponível e com vontade de ter relação. No entanto, há um desencontro, uma vez que:

Ela me chama pra dormir, e eu entendo que é dormir. Dormir, deitar na cama pra dormir. E eu acho isso uma sacanagem, não vou deitar na cama pra dormir. E ela pega e fala assim pra mim, “tá, você quer dormir comigo, ou você quer assistir um filme?”. Ai eu penso, dormir ou assistir filme, eu vou assistir filme, entende?

Assim, com a proposta dúbia, ele acaba não compreendendo a mensagem e o momento passa.

b) *Influência de uma Terceira Pessoa.* Sobre o processo de morar juntos e problemas na comunicação, ele conta que *“A minha irmã morava comigo e eu acho que o maior problema na relação da comunicação com nós dois foi a minha irmã (risadas),”* e que, apesar disso, o movimento de morar juntos aconteceu de forma natural e gradual.

c) *Impacto das Diferenças Individuais.* Sobre diferenças individuais, Ruan diz perceber que ela é muito racional e ele subjetivo, colocando que:

Uma outra coisa em relação à nossa comunicação que diverge muito, com essa questão de resolução de problemas, ela é muito racional, então as coisas têm que ser, assim, com um pensamento linear, que faça todo sentido da vida, entendeu? E eu

não sou assim. A Fernanda fala que eu sou holístico, que eu faço as coisas a partir do que o universo me diz.

Ele coloca essa diferença para exemplificar que, às vezes, não sabe explicar o porquê de suas decisões. Mesmo percebendo que isso angustia ela, ele diz não conseguir elaborar ou materializar o pensamento em algo concreto, da forma como a noiva consegue. Essa diferença causa divergências, pois, cada um tem a expectativa de resolver o problema de uma forma.

d) A Influência da Compreensão do outro e da Clareza daquilo que é passado. Ruan coloca que se comunicar bem é colocar em prática exatamente o que foi falado, é compreender o que o outro falou. Para ele “*uma boa comunicação do casal é quando os dois conseguem executar exatamente aquilo que foi falado, a nível de compreensão, sabe.*” Ele cita como exemplo a questão da disponibilidade sexual, onde vê que a noiva é ambígua ao demonstrar seu desejo de ter relação sexual, deixando informações nas entrelinhas, o que para ele é algo prejudicial para uma boa comunicação. Assim, ele conclui que:

É quando a mensagem, ela é clara. Aí eu consigo fazer aquilo que ela espera, entende. Acho que a comunicação é isso, quando a mensagem é recebida de acordo com o que ela tá expressando, e muitas vezes isso não acontece.

2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.

a) Sua Falta de Respostas Frustra a Noiva. Ele coloca que a falta de respostas gera, na noiva, uma quebra de expectativa em relação à comunicação, o que, como ele percebe, é

difícil para ela lidar, deixando-a frustrada por não ter retorno, pois:

É o contrário, ela exige exatamente o contrário, que eu não consigo fazer. Porque ela quer que eu fale, quer que eu me expresse, que eu faça alguma coisa com aquilo, e eu não consigo fazer nada com aquilo que eu tô sentindo.

b) Falar de Trabalho o Desgasta. Em relação à comunicação no dia-a-dia, Ruan relata que pensa que não é tão importante falar de trabalho e que sente que ela levava as cargas do trabalho dela para ele. Sobre isso, ele coloca que

Não tem nada de especial pra mim ficar contando do trabalho. Alguma coisa que acontece, eventual, tipo fui almoçar com tal colega de trabalho, fomos não sei aonde. Mas, falar do meu trabalho eu não gosto, falar do que eu faço. E com a Fernanda às vezes rolava até umas supervisões de caso (risadas).

Essa percepção levou ele a conversar com a noiva e a informá-la de que, para ele, estava passando de um limite importante e que estava o desgastando.

c) Um Clima Ruim se Instala após as Brigas. Ruan relata que após as brigas, por algum tempo, fica um clima ruim entre eles, como se tivesse um peso no ar. Sobre isso, ele cita a seguinte comparação:

Sabe guerra fria? (risadas) É como galvão diria, “e isso cria um clima terrível” (risadas). Porque fica isso, fica uma guerra fria. É tipo assim, aquele tom (imitando tom) “Então Ruan, você fez aquilo?”, “Vamos tomar café. Ah, por que você não fez o café ainda?”. É nesse tom.

d) Uma Comunicação Aberta deixa a Relação Leve. Ruan conclui comentando que vê a comunicação de ambos como saudável e aberta, o que contribui para uma maior leveza na relação, pois, segundo ele:

Eu acho que uma das coisas boas da nossa relação, e o que deixa a nossa relação ser tão leve,...Porque às vezes eu falo pra ela, né, “nossa, são 5 anos que parecem que foram meses de relação”, sabe. Porque a gente não deixa nada em aberto na nossa relação, em relação a o que a gente pensa um do outro, o que a gente precisa resolver a gente vai lá e resolve, sabe. Não tem grandes conflitos mesmo, né.

2.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) Ele Cansou de Iniciar o Contato Sexual por Não Ter o Retorno que Espera da Noiva e por Não Saber Quando ela Está Disponível. Ruan relata que tem se sentido cansado de iniciar o contato sexual, frente às recusas da noiva. Ele coloca que:

[...] porque teve momentos na relação que eu já percebi que eu já fui mais ativo, de buscar mais ela, assim. Só que eu acho que por conta de muitas tentativas fracassadas, vamos dizer assim, sabe, iniciativas que não foram muito bem sucedidas, isso foi me desanimando, foi minando minha vontade de estar buscando essa disponibilidade dela.

Assim, ele passou a esperar de forma passiva, que a esposa inicie esse contato. Essa diferença de expectativas, uma vez que a esposa também espera que ele tenha a iniciativa, acaba gerando um incômodo em ambos e um desencontro na vida sexual. Sobre isso, ele complementa colocando que “*é que eu nunca sei quando ela está disponível.*” Assim, ele não entende quais fatores contribuem para a disponibilidade sexual da noiva, ficando difícil ler o momento e julgá-lo como propício ou não.

3. Representações de gênero para ela

3.1. Criação dos Homens Coloca um Controle Sobre os Sentimentos.

Fernanda relata que percebe que os homens têm uma criação diferente, mais controlada em relação aos sentimentos, e que isso tem impacto na relação. Ela coloca que *“Normalmente o homem, ele é muito inibido, desde criança, né, não pode chorar, né. Tem até aquele ditado, homem não chora, algumas coisas assim. Então, acho que de alguma maneira isso tem bastante impacto.”*

3.2. Mulheres Têm uma Criação Focada na Expressividade.

Para ela, as mulheres, por outro lado, são mais expressivas, enquanto os homens não falam tanto, deixam de se comunicar, *“Porque, mesmo na vida adulta, eu acho que tem muita diferença nesse sentido da mulher expressar mais os pensamentos, os sentimentos, enfim, né, e do homem realmente ser mais introspectivo, né, de não falar, de não se comunicar.”*

3.3. As Representações Dentro da Relação são Permeados pelo Machismo e Feminismo.

Quando perguntada sobre o que é esperado do homem e da mulher dentro do relacionamento, Fernanda relata que percebe essas representações sendo permeadas pelo machismo e pelo feminismo, colocando que *“Eu acho que é difícil responder essa pergunta sem pensar em questões de machismo e de feminismo. Bom, essa ocupação de papéis dentro da relação acaba sendo permeado por isso, né”,* o que traz o assunto, segundo ela para questões de igualdade e desigualdade. Sobre isso, ela relata sentir que essas representações socialmente colocadas interferem em todos aspectos da relação, e que é um trabalho diário do

casal buscar essa igualdade dentro da relação. No entanto, ela percebe que nem tudo é possível ser deixado de lado, colocando que:

Daí, assim, de algumas coisas eu acho que a gente acaba não conseguindo fugir muito. Por exemplo, com relação à questões de manutenção da casa. Eu não sei fazer, não tenho habilidades manuais pra fazer, por exemplo, pra furar uma parede [...] . Então, nesse sentido, acaba dependendo muito dele, mas ele também não gosta de fazer.

Assim, mesmo o noivo não gostando de desempenhar essa função, que é colocada como masculina, ainda é esperado que ele resolva os problemas relacionados à manutenção da casa.

3.4. É Função do Homem Tomar a Iniciativa para a Relação Sexual.

Por fim, em relação à sexualidade e como essas representações permeiam o assunto, Fernanda conta que “*no âmbito sexual, eu espero que o homem tenha mais iniciativa, o que nem sempre acontece.*” Assim, ela espera que o noivo inicie o contato sexual, o que acaba criando divergências e desencontros entre ambos, uma vez que o companheiro relata dificuldades em perceber quando ela está disponível, relatando estar cansado de tomar a iniciativa.

4. Representações de gênero para ele

4.1. As Mulheres Esperam que os Homens Sejam Abertos com os Sentimentos e na Comunicação.

Ele coloca que, na prática, isso acontece :

[...] no sentido de que ela espera algumas coisas de mim, de coisas que eu já devia saber e não sei, sabe. E isso da parte da mulher, né, ela sempre tá esperando que a gente sempre saiba, ou que a gente seja um pouquinho mais aberto com relação aos nossos sentimentos.

Assim, para Ruan, as mulheres esperam que os homens tenham uma resposta sobre o que está sendo perguntado ou falado, além de esperarem uma abertura maior em relação ao compartilhamento de sentimentos. Além disso, ele percebe que apenas ouvir não é suficiente, sendo esperado pelas mulheres um retorno sobre o que foi conversado, onde *“Nesse sentido de ela estar conversando comigo e só o ouvir não está bom, eu tenho que dizer o que eu penso, o que eu sinto,”* algo que ele relata não conseguir fazer. Ele coloca essa diferença como sendo algo marcante entre homens e mulheres, não apenas dele e da esposa, *“então acho que na parte do homem o que falta nesse sentido é falta de comunicação, eu não consigo me expressar muito nesse sentido, das coisas que eu penso, do que eu sinto.”*

4.2. As Diferenças Entre Homens e Mulheres Permeiam Vários Contextos.

Para ele, essas diferenças são presentes não apenas em relacionamentos amorosos, mas em outros contextos em que homens e mulheres interagem. Para ele *“é engraçado que esperar essas respostas e ter esses feedbacks, como ela tava falando, realmente eu percebo que não é uma questão só da nossa relação, mas permeia as relações de homens e mulheres em outras áreas também.”* Sobre isso, ele cita um exemplo do trabalho, onde, em alguns momentos, tem a mesma dificuldade com a chefe, não conseguindo responder questionamentos ou dar um retorno sobre o que ela falou para ele. Assim, ele conclui que *“As*

mulheres esperam muito esse feedback e a gente, eu pelo menos, muitas vezes me encontro em uma situação em que eu não tenho feedback pra dar.”

4.3. Funções Esperados dos Homens.

Ruan coloca que, para o homem, são questões de “[...] *ser gentil, de ser cavalheiro, de dar atenção, proporcionar experiências, no sentido de sair pra um lugar novo, experimentar comidas novas.*” Então, para ele, é “[...] *esperado do homem é resolução de problemas, né, a gente resolver problemas.*” Além disso, ao responder sobre o que é esperado das mulheres na relação, Ruan entendeu a pergunta de outra forma, respondendo acerca do que as mulheres esperam dos homens na relação. Sobre isso, ele coloca que vê as mulheres em um lugar mais passivo, onde o homem deve se posicionar à frente para proporcionar experiências. Assim, sua percepção acerca do que as mulheres esperam dos homens vai no sentido de:

Elas são muito receptivas, então acho que é isso que elas esperam. Esperam receber mais, esperam receber essa atenção do companheiro, esperam que o companheiro procure soluções para algum problema que o casal posso tá tendo. Então, acho que é muito mais nesse sentido de estar sendo receptiva na relação, de sempre estar esperando algo novo, que o parceiro tome a iniciativa, mais nesse sentido. Acho que é isso que elas esperam.

4.4. Machismo e Feminismo Não Estão Enraizados na Relação deles.

Em relação ao machismo e ao feminismo citados pela esposa, ele diz sentir que essas questões não permeiam tanto a relação de forma enraizada, o que o faz definir a relação de

ambos como não-clássica. Com isso, ele coloca que

A gente viu que, nós, né, a nossa relação é muito igualitária nesse sentido, de que nós dois temos as mesmas obrigações domésticas e financeiras. Não existe isso de que é meu ou é seu, é nosso. A gente constrói juntos. Acho que nesse sentido não permeia muito esse machismo e esse feminismo dentro da sociedade.

4.5. A Manutenção da Casa é Função do Homem.

Por fim, sobre as atividades de manutenção da casa, ele coloca que mesmo não gostando de fazer, e não tendo as habilidades para tal, ainda é de sua responsabilidade resolver essas demandas. Sobre isso, ele coloca que “*A minha contribuição é financeira, vou lá e pago alguém pra fazer. Aí fica na minha responsabilidade buscar alguém pra fazer as coisas que precisam ser feitas.*”

5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela

5.1 Identificação dos Próprios Sentimentos.

Acerca de seus próprios sentimentos, Fernanda traz que quando a conversa não acontece, quando sente que se abre com o noivo mas ele não devolve com algum tipo de feedback, ela sente raiva, colocando que “[...] muitas vezes, não tem resposta nenhuma. Absolutamente nenhuma, é zero resposta né. Aí eu realmente fico brava.”

Além disso, ela conta que tem uma tendência de sempre comunicar para o noivo o que está sentindo, mesmo pequenas mudanças durante o dia-a-dia, colocando que:

Quando eu fiquei triste com alguma coisa do trabalho eu falo, se eu fiquei triste com

alguma coisa da minha família eu falo. Se estou triste por uma questão financeira nossa, daqui de casa, normalmente eu falo. Tudo que eu tô sentindo, de tristeza, alegria, euforia, normalmente eu falo.

Por fim, sobre o clima pesado que se instala após as brigas, e sobre uma certa rispidez percebida nela pelo noivo, ela coloca que “[...] é difícil ficar demonstrando afeto quando eu tô muito, né, com muita raiva, muito brava ou muito triste, por conta da situação.”

5.2. Percepção dos Sentimentos do Noivo.

Em relação aos sentimentos do noivo, ela conta que acha difícil ler o que ele está sentindo, mas que essa leitura acontece por vias não-verbais, uma vez que ele não compartilha seu estado emocional com ela.

[...] normalmente eu percebo alguns sinais de irritação dele e de isolamento.

Normalmente ele é bastante alegre, bastante comunicativo, faz piada de tudo, né. Aí, quando eu percebo que tem alguma coisa que não tá legal, ele faz um comportamento diferente disso. Então normalmente até o tom de voz dele, assim, eu percebo que muda, fica um tom de voz mais murquinho, mais quietinho, muda o tom de voz dele.

Assim, mesmo ele não se abrindo acerca de seus sentimentos, ela percebe mudanças comportamentais que levam ela ao movimento de hipotetizar acerca do que ele está sentindo e dos motivos disso.

Sobre essa dificuldade dele em falar de sentimentos, ela diz que busca ajudar e

procura ser o mais clara possível para ajudar na sua compreensão:

E justamente por saber que ele não tem tanta disponibilidade pra conversar sobre sentimentos, sobre emoções. Enfim, sobre algumas coisas. Eu tento ser exatamente o mais clara possível, o mais objetiva possível, o mais transparente possível e o mais rápida possível

6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele

6.1. Ele Não Consegue Expressar o que Sente e Às Vezes Não Sente Nada.

Em relação aos sentimentos, Ruan coloca que percebe a comunicação de ambos incompatível em alguns aspectos, principalmente pois, como ele coloca, “*eu não consigo me expressar muito nesse sentido, das coisas que eu penso, do que eu sinto, às vezes não sinto nada, não penso nada, e ela me cobra isso, entende. Eu não sei dizer, assim, sabe.*” O que complementa com: “*A minha expressão não é muito boa, não. Não fico me expressando muito no sentido de o que eu sinto, o que eu penso. É um pouco complicado às vezes porque, às vezes não sinto nada, né (risadas).*”

Assim, mesmo quando sente, Ruan relata não conseguir colocar para fora, percebendo que seu jeito de lidar com esses sentimentos é diferente do da noiva. Sobre isso, ele coloca, ainda, que “*E mesmo às vezes quando eu tô sentindo, o que acontece, que eu faço, o meu repertório de lidar com isso é de me isolar um pouco. Eu gosto de...Aí eu não converso, entendeu.*” Assim, por não conseguir se expressar, acaba se isolando, o que impacta a relação com a esposa, pois percebe que “[...] *pra ela é muito difícil isso.*”

Por fim, sobre o combinado dos dois de não conversarem tanto sobre trabalho, e sobre como foi fazer o pedido para que isso acontecesse, ele relata que *“Só comentei, falei assim: amor, olha, acho que assim não vai dar, não lembro como foi. Mas, assim, emocionalmente falando não lembro de ter sentido nada.”*

6.2. A Dificuldade em Identificar e Expressar Sentimentos Também Está Presente em Outras Relações.

Segundo ele, esse não-sentir e essa dificuldade em colocar para fora quando sente permeia outras relações também, não apenas a do casal. Ele coloca que

[...] assim, na minha equipe acontece isso com a minha chefe, sabe. Eu tô mais perto dela e a gente fica conversando. Às vezes ela me passa um feedback e eu também não consigo dizer uma resposta pra ela, porque não tem resposta pra aquilo, ou tem e eu não sei qual é a resposta, entende.

Ele conclui trazendo que, uma vez que não tem uma resposta direta para o que está sendo falado, busca responder através de ações e de mudanças de comportamento que objetivem atender à demanda que ele imagina estar sendo trazida pela chefe, *“Quando alguém vem e me fala alguma coisa, não tem que ficar falando o que eu vou fazer ou não vou fazer, tem que ir lá e fazer.”*

6.3. Na Identificação de Sentimentos Nem Ele Sabe Porque Sente o que Sente.

Sobre momentos em que está irritado ou bravo, ele relata que a esposa fica questionando os motivos disso estar acontecendo, com medo de que ela seja, de alguma forma, a causa desses sentimentos. Ele, no entanto, diz que nem sempre consegue identificar

os motivos ou gatilhos que o levaram a ficar assim, colocando que

Eu não tenho resposta pra dar, sabe. Às vezes eu sei porque eu tô bravo. Às vezes também eu não sei porque tô bravo, não sei dizer porque tô bravo. E assim as coisas vão, entende, do jeito que eu fico irritado, passa, entende.

Sobre como ele se percebe com raiva, sem dar muitos detalhes, Ruan relata que um dos sinais é que começa bater em objetos, sendo essa uma forma dele e da noiva perceberem que algo está diferente, “*É que nem ela fala, às vezes eu fico batendo nas coisas, acho que isso é um sinal.*” Por fim, ele conta que não consegue falar e que não vê necessidade em se abrir: “*Mas, é isso, entende? Não consigo dizer mesmo, não vou dizer, não tem relevância eu dizer porque que eu tô bravo, entende. Não tem porque eu ficar falando isso.*”

Ainda sobre a raiva, um exemplo trazido por Ruan é o da manutenção da casa, atividade que não gosta de desempenhar. Ele conta que “[...] *quando eu fazia, passava muita raiva. Daí o que aconteceu, doei todas minhas ferramentas, literalmente pro vizinho.*” A alternativa que encontrou foi pagar alguém para resolver essas questões.

6.4. Conversar Sobre o que o Irritou o Deixa Mais Irritado.

Ele relata que prefere não conversar sobre aquilo que o irritou, pois isso acaba fazendo com que a irritação aumente. Para ele “[...] *às vezes nem adianta ficar falando que, do que me irritou, porque vai acabar me irritando mais ficar falando daquilo que me irrita, sabe. Eu não gosto, entende.*”

6.5. Não Compartilha Seus Sentimentos Para Não Afetar a Noiva.

Quando perguntado sobre como ele passa o que sente para a noiva, ele conta que *“Eu procuro não passar (risadas). As coisas que me afetam, no sentido emocional, não passo. Basicamente é isso. Não fico verbalizando pra ela de como tô me sentindo.”* Assim, ele conta que *“Procuro estar sempre alegre, de bom humor pra ela, pra poder dar o máximo de atenção pra ela, independente do meu estado emocional.”* No entanto, essa anulação do seu estado emocional, em prol do bem-estar da noiva e da relação, nem sempre é efetiva, pois, como citado anteriormente, a noiva ainda percebe, através de comunicações não-verbais, que algo está diferente.

6.6. Identificação Dos Sentimentos Dela.

Sobre sua percepção acerca dos sentimentos da noiva, ele relata ter dificuldade em acompanhar suas mudanças de humor, bem como os motivos que levam à elas, pois, para ele *“[...] às vezes é uma montanha russa. Porque ela tá feliz, aí de repente ela já não tá mais legal. Às vezes ela já acorda puta e eu não sei porque ela acordou puta, brava, entendeu?”* Essa dificuldade aparece mesmo com ele colocando que percebe que a noiva verbaliza todas essas mudanças, ao colocar que:

Às vezes ela tá feliz, às vezes ela tá triste no mesmo dia, e as coisas vão assim, e ela vai verbalizando. Se ela não gostou de uma coisa ela vai e fala. E ela fica falando daquilo, daí ela tá feliz e fala daquilo que ela tá feliz, sabe. Então ela tá o tempo inteiro verbalizando o que ela sente, né.

Ainda falando sobre como ele percebe o que a noiva sente, Ruan cita como exemplo uma conversa sobre a vida sexual do casal que ambos tiveram no sofá de casa, onde ela colocou vários pontos para ele, que não conseguiu dar uma resposta. Segundo ele, *“Eu me lembro que ela ficou brava porque eu não tava dando nenhuma resposta do que ela tava falando.”* Além disso, ele coloca que percebeu a noiva, além de brava, frustrada pela comunicação não acontecer da forma como gostaria.

E ela falou isso pra mim e, literalmente, ela saiu brava porque ela se... eu percebi que ela tava frustrada. Ela tava irritada e frustrada por não conseguir me comunicar com ela nessa situação. [...] Acho que no final das contas você saiu frustrada da discussão, porque não teve nenhum feedback com relação ao que você tava querendo dizer.

Por fim, Ruan também percebe que ela fica bastante mobilizada após brigas e discussões como essa, pois *“[...] ela fica sempre muito sensível emocionalmente. Ela vem pro quarto, ela se fecha, às vezes chora. Nessa situação que a gente tava tendo essa DR com relação à sexualidade, ela chorou no quarto.”* Quando percebe que isso acontece, ele relata que se sente na responsabilidade de ceder e de acolher:

Daí é a parte do acolhimento, de acolher o que a pessoa tá sentindo. Acho que na maior parte das vezes em que ela ficou mais emocionada, mais sensível emocionalmente, numa conversa mais exaltada, nesse sentido aí eu..., o meu papel é acolher essas emoções aí, depois, sabe. Normalmente é isso que acontece.

7. Discussão Casal 2

O casal iniciou comentando sobre a diferença na comunicação entre homens e mulheres. Quando Fernanda relata sobre as características que percebe como masculinas, ela coloca que percebe os homens aprendendo desde crianças a reprimir seus sentimentos, o que os torna inibidos. Assim, para ela, homens são mais introspectivos e mulheres expressivas. Essa percepção é corroborada pelo estudo de Pérusse et al. (2012), que analisaram padrões de interação e de comunicação atravessados pela dificuldade em identificar e nomear sentimentos. Os resultados do artigo apontam que, na pesquisa, os homens tiveram mais dificuldades de comunicar seus sentimentos e tiveram pensamento mais orientado externamente que as mulheres. Isso está de acordo com a literatura, que coloca que a socialização dos meninos tem um foco maior em funções com representações sociais instrumentais e menor em expressão emocionais (Levant et al., 2009).

Sobre esse foco nas representações, Fernanda comenta que espera que o marido resolva as demandas de manutenção da casa. No entanto, ele coloca que não adquiriu essas habilidades ao longo da vida. Assim, acaba se sentindo obrigado a resolver uma coisa que não lhe é confortável, o que o deixa frustrado e com raiva. Isso resultou, segundo ele, em terceirizar a resolução desses problemas, o que foi mais fácil para ele. Essa representações masculina de responsável pelas tarefas manuais também é encontrado em Levant (2011). Sobre isso, é interessante notar que o autor coloca, através do framework da “paradigma da tensão de papel de gênero” (gender role strain paradigm), que quando os homens não conseguem exercer as funções deles cobradas pela sociedade, há um sofrimento psíquico

intenso, como se esse homem perdesse parte do seu lugar na masculinidade, como se passasse a ser “menos homem” por isso. Essa tensão está presente nas mais variadas expectativas, desde a resolução de problemas do lar, até a visão de que os homens sempre devem estar prontos e disponíveis para a relação sexual.

Além disso, Pérusse et al. (2012) ainda colocam que essa dificuldade, tanto em se perceber quanto em se abrir a(o) parceiro(a), faz com que o cônjuge fique se sentindo incompreendido, invalidado e perdido na relação, sentimentos trazidos por Fernanda, que coloca que quando o noivo não comunica, só lhe resta fazer hipóteses, tendo dificuldade de ler o noivo. Por fim, os autores colocam que houve uma associação entre a dificuldade dos homens se abrirem e respostas hostis por parte das parceiras, o que pode ser explicado como uma percepção destas parceiras de que o homem não está engajado na relação ou está distante. Essa característica aparece na fala de Ruan, que diz perceber a noiva frustrada e irritada em momentos que a comunicação não aconteceu da forma como ela esperava. Fernanda, por sua vez, coloca que sente frustração e raiva ao tentar conversar e não ter um retorno. Esse padrão de comunicação tem como consequência uma maior dificuldade de iniciar a comunicação sobre assuntos importantes, reforçando um ciclo de desentendimentos.

Em relação à essa frustração, é interessante notar que a descrição de Fernanda é parecida da de Ruan em relação à sexualidade. Ele relata que cansou de tentar iniciar o contato sexual por não ter tanto retorno da noiva. Por outro lado, como citado anteriormente, para Fernanda não há retorno na conversa, colocando ambos em posições muito parecidas,

mas em assuntos diferentes.

Em relação à resolução de problemas, Ruan coloca que percebe que, por não ter o que falar para a esposa frente à uma demanda, ele acaba buscando resolver o problema em questão com ações. Esse pensamento orientado ao exterior também é uma característica comum dos homens, como colocado por Eid e Boucher (2012).

Sobre isso, novamente é interessante notar a dificuldade relatada por Ruan para responder a esses questionamentos, ou mesmo para sentir algo frente a isso. Assim como na discussão da primeira entrevista, é possível questionar até que ponto a dita racionalidade masculina está de fato presente no modo de pensar. Novamente, Ruan nos coloca que por não sentir nada, não tem nada para falar. Assim, uma peça do quebra-cabeça fica em falta, que o deixa sem conseguir comunicar o que sente e pensa, ou mesmo sem pensar e sentir, obrigando-o, para minimamente ter uma resposta para a esposa, a focar em ações que percebe como úteis para resolver aquele problema.

No que diz respeito às representações de gênero, fica claro que o casal percebe diferenças entre as expectativas de homens e mulheres na relação conjugal. No entanto, Fernanda coloca que sente que as representações na relação são permeadas pelo machismo e pelo feminismo. Enquanto isso, Ruan comenta que, por características como o casal dividir as tarefas domésticas e compartilharem a vida financeira um com o outro, ele percebe a relação como igualitária, argumentando que essas dinâmicas, do machismo e do feminismo, acabam não permeando o casal de forma enraizada.

Sobre a percepção das emoções um do outro, Ruan comenta que se sente perdido sobre como a noiva se sente em alguns momentos, não conseguindo identificar os motivos que a levaram ter aquele determinado sentimento. No entanto, Ruan comenta que a noiva é muito aberta com o que está sentindo, sempre falando quando está feliz ou triste. Assim, é possível perceber que mesmo a noiva comunicando seus sentimentos, ele ainda tem alguma dificuldade em acolher ou entender realmente pelo que ela está passando. Por outro lado, Fernanda comenta que, como o noivo não compartilha tanto, ela acaba focando em sinais mais sutis, não-verbais, como mudanças de fisionomia ou gestos, estratégia também utilizada por Ruan em alguns momentos.

Um ponto interessante da entrevista diz respeito ao sentimento trazido por Fernanda, que coloca que mesmo que o noivo não tenha as respostas que espera, ela sente que ele se esforça para escutar. Segundo ela, isso ajuda ela a se sentir ouvida e valorizada, pois percebe um esforço dele em resolver os problemas, mesmo que, novamente, não tenha as respostas no momento da conversa.

Sobre a diferença trazida na primeira entrevista, de que homens são racionais e mulheres emocionais, Ruan traz um olhar diferente. Ele coloca que:

Uma outra coisa em relação à nossa comunicação que diverge muito, com essa questão de resolução de problemas. Ela é muito racional, então as coisas têm que ser, assim, com um pensamento linear, que faça todo sentido da vida, entendeu? E eu não sou assim. A Fernanda fala que eu sou holístico, que eu faço as coisas a partir

do que o universo me diz. E realmente isso é de mim, sabe. Eu não sei explicar porque que pra mim era melhor vender a casa.

Essa percepção vai de encontro com o que foi discutido anteriormente, que essa visão de que homens são racionais e mulheres emocionais precisa ser questionada, uma vez que o autoconhecimento emocional também faz parte da nossa racionalidade.

No que diz respeito à importância e o reconhecimento colocado por Fernanda em relação à escuta do noivo, Olson et al. (2012) colocam que a escuta tem um papel importante na promoção de mudanças para o casal. Para os autores, quando não há escuta, a conversa acontece entre dois monólogos, deixando de ter um caráter dialógico. Assim, é importante que ambos estejam abertos a ouvir o lado do outro, e não apenas a compartilhar o seu.

Em relação à dificuldade do casal em conversar sobre a sexualidade, Santos-Iglesias e Byers (2020) colocam que a comunicação sexual entre parceiros é parte importante do processo de criação dos roteiros sexuais do casal. Além disso, os autores colocam que essa comunicação acontece tanto de forma verbal quanto não-verbal, sendo importante para os casais considerar ambos os aspectos desse processo. Por fim, os autores citam que algumas pesquisas apontam que a comunicação não-verbal inclusive é mais utilizada, principalmente para iniciar o contato sexual, questão pela qual o casal está passando dificuldade.

Entrevista 3 – Raíssa e Silvano

Raíssa está na faixa dos 30 anos, é profissional de saúde, branca e cristã. Silvano também está na faixa dos 30 anos, trabalha com jornalismo, é branco e cristão. O casal se

conheceu em um bar onde ambos estavam com um grupo de amigos e estão morando juntos há 4 anos.

Para Raíssa, o que chamou atenção no esposo foi que ele se mostrou um homem educado e respeitoso em relação ao seu tempo e seu espaço. Para ela, foi importante que ele não ultrapassou os limites colocados por ela quando se conheceram. Além disso, ela o descreve como alguém muito parceiro e de boa aparência.

Para Silvano, o que chamou atenção na esposa foi que ela era uma pessoa mais séria, que não tinha intenção de buscar relações casuais, e sim algo mais duradouro. Além disso, percebeu que ela era uma pessoa com objetivos e que corria atrás deles, algo importante para ele na relação. Por fim, relatou que também se sentiu atraído por sua aparência e pelo respeito que ela mostrou ter com ele.

1. Conjugalidade para ela

1.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.

a) Cada um vê as Discussões de Forma Diferente. Raíssa se vê como uma pessoa objetiva e que busca a resolução direta dos problemas. Ela coloca, ainda, que percebe que “[...] a comunicação entre a gente é diferente, porque eu sou super DR, né, adoro fazer uma DR, adoro discutir a relação, adoro conversar,” enquanto para ele, de acordo com a percepção dela, a conversa é uma forma de gerar atrito, de arrumar confusão, pois “Ele não gosta muitas vezes, porque essa DR gera uma briga, né.”

b) É Papel dela Retomar a Conversa. Em relação a como a retomada das conversas

acontecem após uma briga, ela relata que, normalmente, ela acaba buscando novamente o esposo para voltar ao assunto. Segundo ela:

[...] a gente retoma, em algum momento, principalmente da minha parte, eu sempre tento retomar. Não vamos fingir que nada aconteceu, vamos voltar naquele assunto, o que a gente vai fazer pra resolver, como que a gente vai resolver? Não dá pra fingir que não tá acontecendo, né.

c) Ela é Vista pelo Marido como uma Pessoa Ruim pela Visão Diferente de

Família. Raíssa traz diz que sente que o esposo a coloca em uma posição de pessoa ruim por não querer tanta proximidade com a família dele. Para ela:

Pelo que eu percebo, ele inverte o que eu quero falar, me colocando na posição de que eu sou ruim por pensar assim, porque onde já se viu, eu quero deixar a família longe, não quero ajudar. Daí dá a impressão de que ele me coloca na posição de uma pessoa ruim porque eu não quero que elas estejam tão perto, sendo que eu só quero evitar problema.

1.2. Fatores que, para Ela, Influenciam a Comunicação do Casal.

a) Impacto das Diferenças. Em relação às diferenças entre homens e mulheres,

Fernanda relata que percebe que os homens têm uma criação diferente, mais controlada em relação aos sentimentos, e que isso tem impacto na relação. Ela coloca que “*Normalmente o homem, ele é muito inibido, desde criança, né, não pode chorar, né. Tem até aquele ditado, homem não chora, algumas coisas assim. Então, acho que de alguma maneira isso tem*

bastante impacto.”

Outra diferença que impacta a comunicação diz respeito às visões de família de cada um. Os diferentes limites que cada um quer colocar são o ponto de maior divergência entre eles, pois, segundo ela, “*O que eu falo ele não entende e a forma que ele fala, eu também não consigo aceitar e concordar.*”

b) O Marido Concordar Apenas para Finalizar as Discussões Impede que Resoluções Aconteçam. Ela percebe que o esposo vai mudando ao longo da conversa, “[...] *às vezes, quando a gente começa uma conversa, ele começa até a falar, pontuar, daí eu discordo, daí chega uma hora que ele fica quieto.*” Isso, para ela, aponta para um comportamento em que ele concorda apenas para a discussão acabar, sem concordar de verdade, colocando que “*Mas, uma coisa que eu sempre comento com ele é que às vezes, pra acabar, finalizar a discussão, ele concorda: ah, tá bom, tá bom, beleza, vou fazer assim, vou fazer, já entendi.*” Mas, na prática, como ele só falou isso para terminar a briga, ela percebe que não há mudanças de comportamentos, que os combinados não são seguidos.

c) Interromper a Conversa e Retomar com os Humores mais Calmos Ajuda. Raíssa relata que sente que a conversa do casal ainda funciona bem porque eles sabem o momento de parar para dar um tempo e retomar depois, com ânimos mais tranquilos. Sobre isso, ela conta que

[...] o que dá certo com a gente, que eu observo pelo menos, que todas as vezes que realmente a conversa é efetiva e surte efeito, é quando a gente tenta conversar

primeiro e às vezes dá ruim, dá briga, aí a gente para. Cada um vai pro teu lado, dá uma acalmada.

Esse tempo permite que ambos tenham um momento de reflexão e de controle dos sentimentos que apareceram durante a conversa, permitindo que, após retornarem ao assunto, tenham uma visão diferente sobre o que foi conversado, sem que as emoções controlem a conversa:

Aí cada um fica quieto, vai pro teu canto, reflete um pouco sobre toda a situação.

Daí, depois, às vezes num outro dia, fora totalmente da situação, quando não tem raiva, não tem nada ali junto, a gente senta e conversa pra voltar naquele assunto, né.

Sobre isso, Raíssa conclui colocando que a conversa durante a briga não surte efeito, pois “*se a gente retomar e ficar só na briga, não adiantou de nada, entrou por um ouvido e saiu pelo outro.*”

d) Influência de Fatores Individuais. Raíssa relata estar fazendo terapia para lidar suas frustrações, e que espera que o marido também faça, colocando que “*e eu falo pro Silvano, que eu queria muito que ele fizesse,*” pois, segundo ela, as questões pessoais que ele deixa de cuidar acabam afetando a relação:

É, eu vejo muitas coisas, tanto da questão familiar, educacional, que refletem muito na forma do Silvano ser. Acho que seria muito importante pra ele buscar essa ajuda, pra resolver esses problemas que, querendo ou não, acabam interferindo no nosso

casamento, né.

e) Evitar X Remediar Problemas. Por fim, ela relata que pelo esposo ter uma postura mais diplomática, tranquila, de evitar brigas e de pedir desculpas, ele acha que tudo está resolvido, o que acaba fazendo com que ele não se esforce para evitar que os problemas aconteçam, focando apenas em remediar depois que de fato acontecem. Sobre isso, ela diz: *“daí ele acha que, por ele ser mais tranquilo, que gosta de evitar briga, que pede desculpas, que isso já resolve o problema, né. Mas, não tenta evitar o problema, né.”*

1.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.

a) Ela Gostar de Conversar é Interpretado Negativamente pelo Esposo. Ela relata perceber que o esposo acaba chegando à conclusão de que ela não releva alguns assuntos, simplesmente porque gosta de conversar sobre eles, *“Então, quando ele fala que eu não relevo, é muito por isso, eu adoro fazer uma DR, adoro conversar, adoro.”*

b) O Marido vê como Exagero ela Querer Defender seus Pontos de Vista. Enquanto o marido coloca que a discussão *“não é pra tudo isso”*, e que defender seus pontos de vista é uma coisa desnecessária, Raíssa diz que é *“Desnecessária pra ele, no caso, pra mim era super necessário (risadas).”* Além disso, ela relata que o marido coloca essa questão como um rancor, mas que ela discorda, sem dar detalhes, apenas dizendo que *“ele confunde as coisas.”*

c) A Repercussão de uma Boa Comunicação Deve ser Algo Prático. Raíssa relata sentir que se a comunicação ela não se transforma em algo prático, uma mudança de

comportamento, por exemplo, ela foi falha, pois:

Pra mim, uma boa comunicação é quando é condizente com a prática. Então, vamos supor, se a gente conversou, combinou uma coisa, mas aí na prática sai diferente, pra mim a comunicação foi falha. Em algum ponto fechou e não ficou bem amarrado, entendeu?

Para ela, se há essa diferença entre o que foi conversado e o que mudou ou deixou de mudar depois, significa que a comunicação não foi objetiva o suficiente para que ambos se entendessem, o que faz com que ela diga que “*Daí eu me questiono, eu falo: poxa, eu acho que a comunicação não tá sendo muito objetiva e não tá ligando os pontos.*”

1.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) O Impacto das Diferentes Visões de Família. No que diz respeito a assuntos que são difíceis para o casal conversar, ela relata que a família dele é um ponto de atrito entre eles. Ela traz uma percepção de que o esposo tem uma dependência emocional da mãe, o que acaba fazendo com que ele tenha uma relação muito simbiótica com ela. Assim, a família dele “*acaba que se intromete na relação, numa situação que não têm que se intrometer. Invadem um espaço que não precisa. Gera briga entre a família, que acaba respingando na gente desnecessariamente.*”

Sobre isso, Raíssa conta que tem um limite bem claro do quanto está disposta a participar da vida deles, e vice-versa, e que, quando esse limite é ultrapassado, ela diz que:

[...] eu vou até onde dá, chega uma hora que eu falo, e daí infelizmente ainda estou aprendendo a medir as palavras. Eu falo do jeito que eu penso, se gostou, gostou, se não gostou, paciência. Aí, às vezes, gera atrito, entendeu?

2. Conjugalidade para ele

2.1. Representações sobre a Comunicação do Casal.

a) A Conversa do Casal é Aberta e Busca Resolver e Evitar Problemas. Silvano relata que eles têm uma conversa aberta, com objetivo de resolver e evitar problemas, colocando que *“Nós estamos acostumados a conversar sobre o relacionamento, né. Porque sempre que a gente tem problemas a gente tenta encontrar a solução entre a gente mesmo.”* Em seguida, ele diz perceber que acha a conversa importante, colocando que *“essa parte da conversa é bem legal pro relacionamento, assim.”* Ele relata, ainda, que sente que a esposa é bastante transparente em sua comunicação, o que ajuda para ela funcionar:

E a Raíssa também, ela é super transparente, até demais. Ela é uma pessoa que sempre, “ó, tô indo fazer aqui, fazendo lá”. Eu acho que, assim, isso é uma coisa legal, porque ela não, a gente acaba tendo uma boa comunicação por causa disso, né.

b) Os Estilos de Comunicação de Cada um São Diferentes. Silvano conta que ambos têm formas diferentes de lidar com conflitos e diferenças, pois, para ele *“A Raíssa é uma pessoa mais explosiva, uma pessoa que não deixa passar nada, assim. Eu já sou uma pessoa mais acometida, mais conciliadora.”* Assim, a percepção que ele tem é de que *“nessa questão da comunicação, muitas vezes eu sou, eu relevo e a Raíssa não relevo.”*

c) É Papel Dele Buscar as Pazes Após uma Briga. Sobre como as pazes acontecem após uma briga, Silvano relata que *“Sempre por mim. Porque, como eu te falei no começo,*

sou uma pessoa que não gosta de briga. Sou uma pessoa extremamente conciliadora, no trabalho e na vida pessoal, é um perfil que eu tenho.” Sobre isso, ele relata que definiria até mesmo como um dom. Em relação à esposa, ao contrário, ele relata ver ela como “[...] *muito explosiva e ela é muito combativa. E ela tem um problema que a gente tava falando que ela é muito rancorosa.*”

d) Dizer que Concorda Mesmo Sem Concordar é Relevantar. Ele nomeia seu movimento de concordância com ela, mesmo sem concordar de verdade, como relevantar, algo que ele sente ser importante na relação, como se puxasse para ele a responsabilidade do equilíbrio, colocando que “*Então, tipo, faz parte da vida, a gente tem que saber relevantar. Muitas vezes eu relevo pra gente realmente acabar com a briga.*”

2.2. Fatores que, para Ele, Influenciam a Comunicação do Casal.

a) As Diferenças Ajudam a Comunicação. Silvano relata que sente que as diferenças de personalidade de cada um auxiliam eles a conversarem melhor. Para ele, são estilos que se complementam, pois, se ambos fossem ou explosivos ou permissivos, a comunicação não aconteceria. Sobre isso, ele coloca que “*Mas assim, na questão da comunicação mais, não é nem questão de comunicação, que na comunicação a gente se comunica super bem, é uma questão realmente de personalidade.*” Sobre isso, ele ainda complementa:

Eu acho que a nossa comunicação funciona bem porque nós temos perfis diferentes.

A gente tem personalidades muito distintas. Acho que se a gente tivesse

personalidades próximas a gente se matava diariamente, ia ser tipo uma guerra. Se a

gente tivesse um perfil parecido ia ser impossível uma convivência.

b) Influências da Família de Origem. Ele relata diferenças das famílias de cada um e da criação que tiveram, pois:

Então eu tive essa questão do hiper cuidado né, que a Raíssa não teve. Ela conseguiu crescer mais solta, mais leve, com outros ensinamentos, né. Eu cresci num contexto familiar muito, sim, realmente numa bolha ali, e isso acaba trazendo elos afetivos maiores, né.

Para ele, isso explica o motivo dele ser tão mais próximo da sua família de origem do que a esposa, pois ambos criaram laços de forma diferente. No entanto, ele coloca que esses laços muito intensos têm um preço para ele, pois “*Como eu sou permissivo com muitas das coisas, sou permissivo também com ela. Então assim, eu sou o sobrinho que todas tias pedem, eu tenho que ajudar todas elas,*” e isso acaba fazendo com que ele seja muito centralizado pela família, o que nem sempre é bom, pois “[...] *daí eu perco tempo, me desgasto, trazem problemas. E isso é ruim. Eu tenho consciência e noção de que eu tenho que melhorar, tenho que dar um limite.*”

Sobre a superproteção que seus pais exerceram na sua criação, ele relata, ainda, outro ponto negativo que percebeu na vida adulta, a questão de aprendizados que lhe faltam, pois, para ele “[...] *foi ruim por um lado, porque acaba forjando um ser humano capenga, né, que acaba tendo dificuldades depois na vida adulta porque não aprende coisas básicas.*” Como atividades básicas, ele cita limpar o banheiro e secar a louça, que ele teve que aprender depois

de adulto, por nunca ter precisado fazer em sua casa.

c) A Importância do Respeito Mútuo na Resolução de Conflitos. Silvano relata que espera conseguir chegar em um denominador comum com a esposa, onde ambos estejam dispostos a ceder.

Eu vou ter que saber, pra conseguir formar uma família com a Raíssa, eu vou ter que saber dosar isso, entendeu. Então, vou ter que saber respeitar o espaço dela e ela vai ter que saber respeitar o meu espaço.

d) Um Bom Diálogo não tem Agressividade. Uma coisa que ele espera da esposa nas conversas é o controle do tom de voz. Sobre isso, ele coloca que *“Também no diálogo, não precisa ser tão agressiva, não precisa subir o tom. Ela já fala alto, então às vezes quando ela se irrita ela fala mais alto ainda, né.”*

e) A Esposa Sempre Querer Estar Certa Atrapalha o Diálogo. Ele relata uma percepção de que a esposa sempre acha que está certa, o que acaba gerando um conflito, o que para ele é algo que não traz nenhum benefício, pois *“A Raíssa, às vezes, ela peca por achar que sempre tá certa, ou que o ponto de vista ou que a opinião dela sempre tá correta. Pode ser que esteja certa, mas nem sempre vale a briga, entendeu.”* Ele conclui colocando que *“É uma briga que ninguém ganha.”* Com isso, ele diz de se sentir pressionado a aceitar as opiniões dela nas conversas, colocando que:

se ela tem um ponto de vista, ela vai defender e ela vai, se ela não conseguir te conquistar no diálogo, vai te conquistar na pressão. Daí isso dá problema, né.

Qualquer lugar que tu tem que impor tua opinião, vai dar problema. Isso é fato.

Onde, a opressão não dá liga, né.

f) Medo de o que ele Falar Ser Usado Contra Ele. Ele relata um medo de falar o que pensa, pois percebe que ela pode usar isso contra ele depois. Para ele: *“eu sei que qualquer palavra que eu falar pra ela, ela vai gravar no HD dela, ali, e em algum momento ela vai voltar com aquela palavra. Então eu tenho cuidado, muito cuidado, com a questão da palavra.”*

g) Transparência Ajuda na Comunicação. Sobre as características de uma boa comunicação, Silvano diz que a transparência é vital, colocando que *“Acho que uma questão da boa comunicação é ser transparente um com o outro, né. Ser honesto um com o outro, sempre tá jogando limpo.”* Além disso, para ele *“[...] a questão da transparência, eu acho que hoje, na nossa comunicação, é o que da liga, que é uma coisa legal.”*

2.3. Repercussões dos Padrões de Comunicação Conjugal.

a) Ele Deixa de se Colocar para Não Repetir o Padrão de Brigas. Silvano relata que concorda com a percepção da esposa, de que ele, muitas vezes, concorda apenas para que a discussão termine. Para ele *“Então, eu, muita das vezes, como ela falou, acabo concordando com a teoria dela pra evitar atrito, porque eu odeio briga.”* Assim, quando ele percebe a conversa escalando de uma forma que se assemelha a uma briga, e não a uma conversa, ele coloca que:

quando percebo que ela tá passando do tom, ou que o negócio vai se exceder, ou que

realmente é necessário, às vezes eu concordo com ela no silêncio,..eu acabo

concordando, “não, tá bom, já que você acha que é necessário, eu vou tentar fazer.

Além disso, em outro momento da entrevista, ele coloca novamente que fala que está errado mesmo sem achar que está, apenas para acabar com o conflito:

Às vezes, muitas das vezes, não achando que eu tô errado, mas pra que ela não fique mal, pra que eu não me sinta mal, eu assumo o erro. Eu falo pra ela assim, tô falando que tô errado, mas não tô errado (risada).

b) Ele Deixar de se Posicionar Faz com que os Combinados Sejam Unilaterais.

Sobre o aspecto dos combinados do casal, ele coloca que sente estes sendo feitos de forma unilateral, sem que sejam bons para ele, o que acaba sendo recebido como um certo controle por ele, que coloca que:

Realmente é quando há uma imposição por parte da Raíssa, alguma sugestão, de alguma atividade ou de um combinado,..e eu sempre falo pra ela que o combinado não sai caro quando é bom para os dois lados, quando é bom só pra um lado ele não é bom.

No entanto, como não gosta de embates, ele relata que acaba deixando de se posicionar, de emitir suas opiniões, para que a briga termine. Sobre isso, ele coloca que “*Dai, como tenho esse perfil de não embate, eu não vou pra briga, acabo: não, ah, já que você tá,..tá bom. Mas, assim, no fim, no fundo, eu sei que isso não vai dar em nada.*”

2.4. As Relações entre a Comunicação e Outras Dimensões da Relação Conjugal.

a) *O Impacto das Diferentes Visões de Família.* Sobre a dificuldade trazida por

Raíssa para conversar sobre a família dele, Silvano relata que “*Nossos embates maiores são em relação à família. Eu tenho uma concepção, uma noção, diferente da Raíssa, de família.*”

Ele coloca que, para ele, a família é algo para sempre, mesmo que haja conflitos, as pessoas devem ainda conviver. No entanto, ele percebe que, para ela, “*A Raíssa muitas vezes fala assim: ah, se aquilo me faz mal não preciso deles, não preciso tá em contato com eles, porque aquilo me faz mal, só vou tá o mínimo necessário,*” o que é um ponto que ele discorda, pois “*Mas, eu acho assim, família, a gente nasceu, não foi a gente que escolheu, então a gente tem que saber conviver com os mesmos.*”

3. Representações de gênero para ela

3.1. Homens são Agressivos e Desrespeitosos no Cortejo.

Sobre suas percepções em relação às representações de gênero, Raíssa inicia sua fala sobre como conheceu o esposo comentando dos comportamentos dos homens durante sua vida de solteira, segundo ela: “*A gente,..infelizmente a gente vive hoje num mundo que existe uma questão às vezes agressiva até da parte masculina, né. Quando você sai, eles já querem sair, já querem ficar e você às vezes não quer.*” Sobre isso, ela coloca que em alguns momentos foi necessário até mesmo ela mudar sua postura de forma radical, colocando que precisou “[...] *ficar sendo até às vezes meio grosseira, assim, pra impor um respeito né.*” Ainda sobre isso, ao comentar que com o esposo foi diferente, ela complementa, colocando que

Eu vi que era uma pessoa diferente do que eu tava acostumada a ver com as pessoas, assim, com as atitudes que os homens tavam tendo, né, que eram muito agressivos e,

enfim, atitudes bem,...não vou falar escrota, né, mas sem respeito nenhum.

3.2. Homens e Mulheres têm Noções Diferentes de Praticidade.

Ela relata perceber que “*infelizmente pros homens é diferentes do que pra mulher. Nem sempre o que é prático pra gente, que a gente tá pensando em mil coisas ao mesmo tempo, é prático pra eles também, né.*” Devido a essa diferença, ela coloca que tenta sempre ser o mais clara e objetiva possível, para que não fique esperando o esposo fazer algo que ele não compreendeu o que ela espera que ele faça.

3.3. Papel da Intergeracionalidade na Passagem das Representações de Gênero.

Sobre a questão de como aprendemos o que significa ser homem e ser mulher, Raíssa coloca que percebe uma importância grande da intergeracionalidade no processo, pois “*eu acho que a criação é um ponto chave, assim.*” Ela usa como exemplo a dinâmica da sua casa, quando, na infância.

[...] na minha casa, o meu irmão sempre acompanhava meu pai, por exemplo, quando o chuveiro queimava. Eu não olhava essas coisas, “ah, pai, queimou minha chapinha”, quem ia arrumar com meu pai era meu irmão. Então, daí eles iam e arrumavam a chapinha. Meu irmão sempre junto

Assim, essa diferença, para ela, é construída já na dinâmica familiar, pois, a partir do momento em que o pai deixa de convidá-la para participar do conserto do carro, ele está passando para ela que aquele espaço não pertence à ela. Da mesma forma, a mãe não chamar o irmão, homem, para ajudar na cozinha, passa uma ideia de que aquele lugar não é dele. Sobre isso, ela aprofunda, trazendo que:

Meu pai, tudo ele trazia meu irmão pra perto, tipo mexer no carro, ele não me chamava, pra eu ver como mexia lá no pneu. Era sempre meu irmão que ele chamava. Em compensação, minha mãe também, já não chamava meu irmão. Nunca vi minha mãe chamando ele pra cortar um tomate ou fazer comida. Então, na minha

casa eu percebi muito essa educação do que era masculino e o que era feminino.

3.4. O Discurso é Diferente da Prática.

Sobre as visões de gênero do marido, ela relata que “*Eu acho que a fala não é condizente com a questão do comportamento, né.*” Ela usa como exemplo a questão do trabalho de casa, pois a carga do trabalho formal de ambos é parecida, a dela até sendo maior em momentos, mas as atividades de casa ainda ficam como responsabilidade dela. Assim, ela complementa.

[...] hoje, na vida que a gente vive, eu tenho a mesma carga horária, senão maior que a dele, a gente tem as mesmas responsabilidades de casa, e a gente precisa entender que o funcionamento da casa depende dos dois. Não existe o que eu tenho que fazer, ou o que ele tem que fazer.

Então, ela relata que, apesar do discurso do marido estar alinhado para a questão do compartilhamento das tarefas, na prática, isso não acontece. Para ela, ele não tem a visão de que as roupas precisam ser lavadas, ou que a comida precisa ser feita, pois “*Por que que eu tenho que saber que tem um monte de roupa pra lavar, e você nem percebe, né?*”

Acerca dessa divisão, Raíssa relata que entende o porquê que na época dos pais era dessa forma, mas que isso não faz mais sentido no estilo de vida que ambos têm hoje, principalmente porque ambos trabalham fora com cargas muito parecidas. Sobre essa diferença de épocas, ela conta que.

*Minha mãe tinha a responsabilidade dos filhos e da casa. Ela que levava os filhos pra escola, que buscava na escola, colocava uniforme, tirava uniforme, cuidava das notas, dos trabalhos, fazia comida, limpava a casa. Meu pai era o provedor, ele ficava o dia inteiro fora e voltava pra casa pra trazer o dinheiro. Então, ele trabalhava, bem dizer, pra dar as coisas pra gente, as coisas da escola, alimentação. Assim, para ela, essa matemática não faz sentido, uma vez que “*Na nossa realidade**

os dois saem juntos, voltam juntos, às vezes a minha carga horária fica até maior, porque tinha, até pouco tempo atrás, alguns sábados que eu precisava trabalhar também.”

3.5. O Marido Vê as Funções de Cuidado da Casa Como Inerentes das Mulheres.

Por fim, Raíssa relata uma percepção de que o que perpassa essas falas e esses comportamentos do marido é uma expectativa de que ela, por ser mulher, tem uma responsabilidade inerente de resolver essas questões, colocando que “[...] eu percebo que ele sempre tem esse discurso de: *ah, você é mulher, você sabe disso. Eu falo: ah, mas gente, como assim eu sou mulher? Mas você come, você tá vendo que a comida tem que chegar.”*

3.6. Ela é Responsável por Ensinar o que o Marido Não Aprendeu.

Em relação à diferença de criação, Raíssa cita que o marido nunca precisou, por ser homem, realizar atividades de cuidado da casa. Com isso, ela coloca que acabou ficando responsável por ensinar tudo para ele. No momento em que ele conta a história da sua infância, onde não aprendeu a cuidar da casa e agora precisa aprender, ela complementa: “*Eu ensinando, no caso (risadas).*”

4. Representações de gênero para ele

4.1. Tempo Diferente de Homens e Mulheres Para Desempenhar Atividades.

Para Silvano, os homens têm um tempo e um entendimento diferente das mulheres, acerca de quando e como as coisas devem ser feitas. Ele coloca que “*Mas, esse perfil que ela fala, realmente, que o homem não tem esse mesmo olhar sobre as coisas, isso é fato. A gente não tem o mesmo cuidado, a mesma, o mesmo entendimento, né.*” Para exemplificar, ele cita a questão da louça, onde percebe essa diferença sobre o momento que ela deve ou precisa ser lavada, pois.

Pra ela tem que, né, são entendimentos diferentes e que, pra nós, louça não vai sair correndo da pia. Mas, pra ela, a louça tem que ser lavada imediatamente porque vai ficar com cheiro a pia e tal. Realmente são questões de entendimento

4.2. Como Homem, Ele Não Preciso Aprender Algumas Atividades de Casa.

Ainda sobre as diferenças entre homens e mulheres, Silvano coloca que percebe a criação de ambos sendo diferentes, o que gera problemas, pois

[...] na nossa geração, diferente dessa,...Eu acho que, na minha geração, eu tenho 35 anos hoje, ainda existia muito essa questão de a mulher fazer “a” e o homem fazer “b”. Então, assim, o menino não vai aprender a secar a louça, que hoje eu vejo que era super importante eu ter aprendido a secar a louça, a fazer comida.

Com isso, ele coloca que essa divisão e criação acabou privando-o de aprendizados que considera importantes para sua vida adulta, simplesmente, pois, quando era novo, não eram “*aprendizados de menino.*” Ele conclui, trazendo que, enquanto “*Porque homem não é dessas funções, não tinha essa função, essa prerrogativa,*” para a esposa foi diferente, pois, pela percepção dele, “*Diferente da Raíssa, a mãe dela já tinha: ah, ela é menina, ela tem que ajudar a fazer, a cozinhar, limpar, e ela trouxe isso pro resto da vida dela. Então, acho que essa é uma diferença, entendeu?*”

4.3. Na Sua Infância, Sempre Havia Uma Mulher Para Cuidar da Casa.

Ele traz outro exemplo da infância, colocando que não havia necessidade dele se preocupar com as demandas de casa, pois havia uma mulher que resolvia essas questões, fosse a mãe dele ou alguém que trabalhasse como doméstica:

Então, assim, quando que eu ia passar roupa? Jamais. Se não tivesse minha mãe, tinha a mulher que trabalhava lá em casa, ela passaria a roupa, ou que faria minha comida ou que lavaria a louça. Então, essa questão realmente de ensinamento, de comportamento homem e mulher, que é a diferença.

Ele complementa, trazendo que essa característica de organização é cultural e passada através das gerações:

é cultural a mulher cuidar da casa, mesmo que não tivesse empregada, ele não

precisaria fazer as coisas, pois são coisas passadas através das gerações:

[...] por oportunidade, tinha lá a mulher que fazia. Se não tivesse eu também não faria, né, porque é uma questão cultural. Minha vó que ensinou minha mãe e minha vó por parte de pai que ensinou meu pai que era daquela forma. Então, já é algo cultural da família que vem de gerações dessa forma, né.

4.4. Função de Menino é Jogar Bola.

Sobre suas funções como menino, ele coloca que: “*Então, as funções de menino era jogar bola, era as coisas assim, praticar esporte.*” Com essa fala, Silvano faz uma separação entre as funções esperadas dele como menino, e das esperadas pela esposa como menina, quando crianças.

4.5. O Homem é Basilar e Deve Prover Segurança.

Sobre as diferenças na relação, Silvano coloca que “*Eu vejo a questão da expectativa masculina uma questão de segurança do lar, né. O homem ainda tem que ser o basilar da relação, ser o pilar da segurança.*” Para ele, mesmo hoje vivendo em uma sociedade que busca ser igualitária, “[...] eu vejo que o homem ainda tem que ter essa capacidade basilar do lar, né, tem que dar segurança pra mulher, até pra mulher poder desenvolver melhor também as tuas situações, a vida.”

4.6. O Papel da Mulher é Maternal, de Cuidado.

Em relação à mulher, ele coloca uma visão voltada para o cuidado, trazendo que “*E, numa questão de mulher, realmente eu vejo uma questão também um pouco maternal, de carinho, afeto, né.*” Além disso, ele coloca que vê tentativas de equiparidade, de construção de igualdade de obrigações e deveres, mas que ainda vê diferenças, pois “*Vejo, né, que, pela sociedade, não pela relação que eu vivo, que ainda existe essa questão do afeto, do carinho e do homem ainda ser o basilar da relação, apesar de a sociedade, diariamente, tentar nos provar o contrário.*”

4.7. Machismo e os Papéis Femininos.

Por fim, sobre a percepção da esposa de que ele espera que ela saiba fazer determinadas atividades apenas por ser mulher, ele coloca que percebe a visão como machista, mas não a questiona e, segundo a esposa coloca, acaba repetindo:

Aí é uma visão um pouco machista da sociedade, né, “ah, você é mulher, você tem que prover, você tem que fazer”. É errado mas ainda é uma visão machista, ainda, acho que um pouco machista, que a gente ainda tem.

5. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ela

5.1. Identificação e expressão dos próprios sentimentos.

Sobre sua autopercepção, Raíssa relata que “*tenho essa questão mais explosiva, que às vezes eu gero um atrito, uma montanha pra uma coisa que não precisava.*” Ao se comparar com o esposo, ela conta que, nas brigas, ela percebe que consegue falar melhor sobre aquilo que está sentindo.

Começa como uma DR e vai aumentando a situação ali, a adrenalina vai aumentando, e vira numa briga. Mas, eu percebo muito isso, que pra mim é mais fácil falar sobre o que eu tô sentindo e como eu estou me sentindo.

Além disso, ela relata irritação ao lidar com algumas demandas da família dele, como por exemplo “*Ah, a tia doida lá que fala um monte de coisa e se mete onde não tem que se meter, daí eu já me irrita.*”

5.2. Não Consegue Esconder ou Anular Seus Sentimentos.

Sobre o pós-brigas do casal, ela relata uma dificuldade para deixar de lado o que sente para ir pedir desculpas, pois tanto não consegue esconder seus sentimentos, quando não consegue anulá-los:

Então, sempre fico magoada e eu não disfarço meus sentimentos. Todo mundo sabe se eu tô triste, se eu tô magoada ou se eu tô com raiva. Então eu não consigo chegar

de, por dentro eu estar muito magoada com o que aconteceu e chegar, “ah, desculpa, não era isso”, não. Eu tô magoada, me deixa no meu canto que eu tô magoada.

5.3. O Marido Não Identifica Corretamente o que Ela Sente

Ela traz uma questão sobre o marido perceber de forma errônea o que ela sente nesses momentos de discussões. Sobre ele nomear isso como rancor, ela coloca que *“Então, assim, quanto a isso, é sempre ele que...Mas não é uma questão de rancor, ele confunde as coisas.”*

5.4. As Emoções e Sentimentos Influenciam na Oratória.

Por fim, ela coloca que em vários momentos tem segurança de que sua opinião está com a razão, mas que a emoção não permite que ela se expresse da forma como gostaria, colocando que *“E é o que acontece comigo, eu sei que tenho razão, o que eu tô falando é o que precisa, mas a forma que eu falo distorce a situação porque deixo agir muito pela emoção.”*

6. Identificar, nomear e expressar sentimentos para ele

6.1. Identificação Dos Sentimentos Dela.

Em relação aos sentimentos da esposa, Silvano relata que ela *“consegue falar o que tá sentindo, sem ter peso na consciência e sem se sentir que ela tá me ofendendo ou coisa do gênero. O que é bom, ela tem que realmente expor o que ela tá pensando.”* Além disso, ele percebe a esposa como sendo *“[...] muito explosiva e muito combativa. E ela tem um problema que a gente tava falando que ela é muito rancorosa.”*

Por fim, outra percepção que ele traz do que a esposa sente diz respeito aos momentos de conversa, pois *“Ela já fala alto, então às vezes quando ela se irrita ela fala mais alto ainda, né. Então, assim, eu fico reparando, né: olha, você tá falando alto, não precisa falar alto, a gente tá conversando numa boa.”*

7. Discussão Casal 3

Em relação aos padrões de comunicação do casal, Raíssa relata que depois de um

tempo de conversa começa a perceber o marido mais calado e menos engajado. Com isso, ela relata que os ânimos acabam se exaltando, o que ele classifica como um comportamento “explosivo” por parte dela. Essa explosão pode ser explicada, em parte, pela expectativa criada por Raíssa de que o esposo esteja esforçado para conversar e resolver os problemas em questão. Segundo Sanford (2006), essa alteração no padrão de comunicação de Raíssa, no momento da discussão, pode ser explicada por um mecanismo que faz com que ela busque eliciar no esposo as respostas que espera dele. Assim, quando ela não se sente escutada, pode acabar aumentando a intensidade da conversa, tentando mostrar para o marido a importância tanto do que ela está falando quanto da resposta dele.

Outra possibilidade, no entanto, é que, por esses comportamentos se repetirem, Raíssa já está cansada e acaba predizendo a reação do marido, que, quando de fato reage da forma que ela espera, reforça para ela de que ele não está engajado na conversa. Isso se torna, então, um ciclo negativo de comunicação que se retroalimenta. Sanford (2006) ainda cita que, na interação do casal, algumas características de comunicação do parceiro homem estão correlacionadas com menor satisfação por parte da esposa, como por exemplo comportamentos de crítica, atitudes defensivas, hostilidade, escuta pobre, baixa empatia e má negociação.

Da mesma forma, no outro lado do ciclo, para Silvano, uma vez que as conversas sempre tendem a se transformar no que ele chama de brigas, ele acaba, quando percebe esse movimento sendo colocado, se fechando com o objetivo de evitar, de fato, a briga. Esse mecanismo pode explicar o fato dele preferir fingir concordar, mesmo quando discorda, apenas para que a discussão chegue ao fim. No entanto, o que parece ser conflitante entre o casal é que a esposa espera justamente o contrário, que ele converse, se abra e coloque suas opiniões para que possam entrar em um acordo em comum.

Como isso não acontece, Silvano traz uma percepção de que releva bastante, tendo

sempre que buscar a paz entre o casal, o que o desgasta e, por consequência, faz com que os combinados de ambos nunca durem muito tempo, pois ele sente que são feitos de forma unilateral, sem ele ser escutado. Aqui é possível ver uma contradição, pois, mesmo Silvano colocando que não vê problema em concordar apenas para finalizar as discussões, elas continuam em aberto, uma vez que a decisão tomada pelo casal, na verdade, foi uma decisão tomada por ela, visto que ele deixou de se posicionar e de colocar o que espera desses combinados. Assim, novamente, o casal fica em um ciclo em que as questões não são resolvidas e acabam voltando. Em resumo, o papel pacificador assumido por Silvano acaba, indiretamente, retroalimentando os ciclos de discussões.

Na visão dele, há um entendimento implícito que a ausência de uma discussão é uma solução suficiente em si, evitando as causas originais que levaram à discussão.

Potencialmente, esse padrão, atribuído pelo casal à personalidade, também é influenciado pelas representações de gênero, que colocam que a conversa e a introspecção emocional como movimentos evitados pelos homens.

Sobre as representações de gênero e sobre como conheceu Silvano, Raíssa coloca que sentia que os homens eram muito agressivos e desrespeitosos na conquista e na paquera. Segundo ela, em vários momentos teve que ser grossa para “impor respeito.” Isso é corroborado por Clark et al. (2021), que colocam os homens têm um cortejo mais agressivo que as mulheres, que busca investimentos de curto prazo com pouco esforço, buscando sexo mais do que as mulheres buscam. Além disso, o artigo apontou que endosso da masculinidade tradicional e crenças nas representações sociais de gênero foram preditivos de técnicas de flerte na amostra analisada, o que indica que o comportamento de cortejo é atravessado pelas dinâmicas de gênero.

Sobre essas representações na vida em casal, Raíssa coloca que percebe diferenças entre o que é prático para homens e para mulheres, sendo essa aprendizagem, para ela, algo

adquirido através da criação. Silvano concorda com essa afirmação, colocando que percebe que os aprendizados de gênero são intergeracionais. Como exemplos, Raíssa cita que, na sua infância, ela era responsável por ajudar a mãe a cozinhar e a cuidar da casa, enquanto o irmão era incluído pelo pai nas tarefas tidas como masculinas, como consertar o carro ou algum eletrodoméstico defeituoso. Da mesma forma, Silvano traz memórias de que, para ele, ser menino significava brincar e jogar bola. Assim, nunca aprendeu a fazer atividades simples da casa, como lavar o banheiro ou secar a louça, o que acaba trazendo transtornos para ele na vida adulta. Ele complementa colocando que, mesmo que não tivesse a mãe dele em casa para fazer tais atividades domésticas, havia sempre uma empregada mulher que desempenharia esse papel. Com essas falas, ambos trazem um pouco da bagagem intergeracional de gênero que foi passada para eles por suas famílias de origem.

Sobre isso, Umamaheswar e Tadros (2021) colocam que a figura paterna, seja através do pai biológico, do avô ou do tio, tem um papel essencial na formação da identidade masculina dos filhos. Essa influência, no entanto, tem dois lados, tanto o de comportamentos que os filhos acabam repetindo, quanto aqueles que os filhos escolhem deixar para trás, por terem trazido sofrimento a eles. Assim, a literatura reforça o que é colocado pelo casal.

Em relação à manutenção da relação, Raíssa coloca que buscou terapia individual para aprender a lidar com sua característica explosiva, buscando evitar atritos na relação. Assim, ela relata também esperar que o marido busque um espaço de terapia para ele, mas que essa busca não acontece. Ela diz sentir que o marido se beneficiaria da terapia, pois têm pontos individuais dele que acabam refletindo na relação de ambos, algo que Silvano concorda. No entanto, a busca acaba não acontecendo.

Sobre essa dificuldade na busca por ajuda profissional, Yousaf et al. (2015) identificaram, em uma revisão da literatura, algumas barreiras que impedem os homens de buscar ajuda, são elas a relutância em expressar emoções e preocupações com a saúde,

constrangimento, ansiedade e medo, e comunicação deficiente com os profissionais de saúde. Além disso, os autores discutem que os modelos de socialização masculinos têm um papel importante em moldar essas atitudes, pois, muitas vezes, o que é reforçado pela masculinidade são características de resistência e força e, às vezes, até crenças de imunidade a doenças. Isso acaba segurando os homens de buscar ajuda profissional, pois, novamente, ao se mostrarem frágeis e menos autossuficientes, isso pode diminuir seu lugar na masculinidade.

Em relação aos dados da entrevista do Casal 3, senti que a conversa caminhou de forma contudente para as diferenças entre as visões de família, se transformando quase em um debate de opiniões. Dessa forma, senti que o casal não aprofundou tanto nos aspectos propostos pela pesquisa. Isso pode ser explicado tanto pelos sentimentos elicitados pelo tema “família”, quanto pela dificuldade que o casal possa ter para aprofundar em assuntos da relação. Além disso, uma outra percepção que tive, como entrevistador, foi que o casal acabou caindo em uma lógica acusativa, com as falas voltadas para o tachar o outro. Não houve, de acordo com a minha percepção uma tentativa de escutar o que o outro estava dizendo, mas houve, sim, uma necessidade de cada uma de responder às acusações recebidas. Tomando como ponto de partida a entrevista, é possível hipotetizar que, se essa lógica se mantém também no dia-a-dia do casal, a conversa não seja resolutiva porque ambos estão envoltos em um ciclo de críticas e acusações, não deixando margem para acolher o que cada um diz. Assim, a conversa se transforma em um debate de monólogos, como coloca Olson et al. (2012), deixando de ser, de fato, uma conversa.

Essa questão ainda pode ser tratada a partir das crenças que cada um tem do outro. Ambos parecem ter crenças tão cristalizadas em relação aos comportamentos do outro que não há espaço sequer para imaginar que o outro reagiria de uma forma diferente da qual cada um espera. Então, para Silvano, se sua esposa quer sempre estar certa, não há porque ele

colocar suas opiniões. Assim, por imaginar que ele não será ouvido, ele se fecha e concorda para que a conversa acabe. Da mesma forma, para Raíssa, com o esposo não se colocando de forma transparente, as decisões e os combinados ficam sob sua responsabilidade, pois acaba tendo que tomar a decisão pelos dois, mesmo querendo que ele participe. No entanto, isso faz com que Silvano, como citado anteriormente, não se sinta parte desse processo, o que o faz se afastar e, novamente, deixar de exprimir sua opinião. Assim, o casal fica preso em um ciclo alimentado por crenças um do outro que acabam sendo inquestionáveis.

Integrando as entrevistas

A maior semelhança entre as três entrevistas diz respeito à posição das mulheres como empenhadas em conversar e em resolver os problemas do casal. Por outro lado, os três homens apresentaram dificuldades para conversar, para se abrir e para serem objetivos naquilo que querem na relação. Essa diferença é marcada por um receio das mulheres de serem insistentes ou chatas em buscar essas conversas, pois sentem que os homens não estão dispostos a recebê-las.

Assim, uma vez que as conversas não acontecem, as mulheres sentem que não estão sendo escutadas, com suas opiniões ignoradas e não levadas em conta, e os homens sentem que têm que relevar para que as brigas não escalem, mas sem conseguir se posicionar.

Outra semelhança diz respeito às visões de masculinidade e feminilidade. O três homens trouxeram visões parecidas acerca das representações sociais de gênero que permeiam a relação. A visão do homem como durão, fechado, que não entra em contato com seus sentimentos e responsável pela manutenção da casa. Da mesma forma, a visão das mulheres de mais carinhosas, afetuosas, passivas e subjetivas. As mulheres, no entanto, discordam das visões dos homens, também em pontos muito semelhantes, e questionam essas representações cristalizadas, como na fala de Raíssa, *“eu percebo que ele sempre tem esse discurso de: ah, você é mulher, você sabe disso. Eu falo: ah, mas gente, como assim eu sou*

mulher? Mas você come, você tá vendo que a comida tem que chegar.”

Um ponto interessante é que a função de provedor não foi trazido pelos entrevistados como característica masculina. Pelo contrário, surgiram aspectos de busca pelo compartilhamento da vida financeira e da carga de trabalho fora de casa, o que acaba se tornando um problema a partir do momento que outras funções não são questionadas, como a das atividades domésticas. Para Raíssa, por exemplo, que relata trabalhar mais que o marido, a expectativa dele de que ela faça todas as tarefas de casa se torna injusta e irreal, trazendo uma carga de trabalho muito forte para ela e um desbalanço na dinâmica da relação.

Em relação à comunicação, todos trouxeram que esperam transparência e um canal aberto para que ela aconteça. No entanto, nas três relações há temas e assuntos em que a comunicação não acontece da forma como cada um espera. As diferenças na forma de ver os problemas e de buscar soluções atravessa a comunicação de forma contundente.

As maiores contribuições das entrevistas dizem respeito a como as diferenças de gênero se transforma em ruídos não apenas na comunicação, mas também nas expectativas que cada um cria da relação. Não basta ambos estarem dispostos a conversar se cada um fala uma língua diferente. Da mesma forma, não basta a comunicação acontecer se as mudanças não acontecem no dia-a-dia. Assim, os casais acabam ficando presos em ciclos que se retroalimentam, buscando os passos necessários para, cada vez mais, evoluírem. Essa evolução passa não apenas pelo olhar para si mesmo, buscando se conhecer e se perceber dentro da relação, mas também de uma escuta intencional que busque acolher o que o outro está sentindo e falando.

As ferramentas necessárias para isso, como discutido ao longo do presente trabalho, muitas vezes faltam a nós homens, o que reforça a importância de que busquemos espaços de terapia individual para entendermos como o mundo ao redor nos afeta, e como o afetamos. No contexto do casal, deixar nossa saúde mental de lado, pode significar adoecer o outro. A

partir do momento que não sabemos o que sentimos, ou mesmo não conseguimos colocar para fora o que pensamos, estamos colocando toda a responsabilidade da resolução dos problemas na outra pessoa. Sobre isso, não é suficiente ceder. Relevar não resolve a raiz dos conflitos, apenas o resolve no momento pontual da discussão, o sintoma, mas alimenta a causa, como coloca Raíssa: “Daí ele acha que, por ele ser mais tranquilo, que gosta de evitar briga, que pede desculpas, que isso já resolve o problema, né. Mas, não tenta evitar o problema, né.” Essa fala representa um pedido de Raíssa, que não espera apenas alguém que releve, mas alguém que se coloque como parte ativa da resolução dos problemas da relação.

Por fim, outra contribuição diz respeito às ferramentas que os casais utilizam para se comunicar melhor, como por exemplo a honestidade, a transparência, a interrupção da conversa quando os ânimos se exaltam e a retomada posterior, o uso de combinados e a busca por um meio-termo daquilo que conversam.

Considerações finais

Uma limitação da pesquisa diz respeito à não avaliação das dificuldades em identificar e nomear sentimentos nos entrevistados, não sendo possível afirmar se eles possuem de fato essas características. Com isso, sugere-se que estudos futuros utilizem de abordagens multi-método e utilizem de escalas como a TAS-20 (Escala de Alexitimia de Toronto) para amparar as análises.

Além disso, visto que as entrevistas trataram de temas sensíveis, que perpassam questões muito introjetadas em nossa sociedade, as respostas podem ser influenciadas por um aspecto de desejabilidade social. Esse aspecto também pode ser ampliado pelo fato das entrevistas terem sido realizadas por um homem, pois, como é importante para nós preservarmos nosso lugar na masculinidade, é mais difícil ainda nos mostrarmos frágeis na frente de outros homens.

Sobre isso, em meu lugar de homem pesquisador, percebi que em alguns momentos

os homens traziam falas do tipo “você sabe como é isso, né?”, ou “nós homens somos assim, né?” como se buscassem uma legitimação minha acerca do que estava sendo falado ou colocado. O mesmo não aconteceu em relação às mulheres, que não buscaram esse tipo de aliança.

Outra limitação diz respeito à não inclusão de casais não-heteronormativos e de casais não-monogâmicos. Como colocado anteriormente, essa escolha se deu, pois, a inclusão destes temas não seria viável para uma pesquisa de mestrado com duração de dois anos. Dessa forma, sugere-se que estudos futuros olhem para outros arranjos conjugais que não os heteronormativos.

As maiores contribuições do estudo dizem respeito à importância do questionamento da masculinidade, seja em aspectos políticos, sociais ou clínicos. É importante que as políticas públicas de cuidado da saúde do homem sejam ampliadas para compreender as barreiras que as masculinidades colocam para esses homens buscarem esses cuidados, questionando-as e auxiliando esses homens nesse questionamento. É vazio dizer que os homens precisam se cuidar, sem que seja discutido o cuidado em si, uma vez que, como colocado na discussão da terceira entrevista, em alguns momentos nós homens temos até mesmo uma ideia de invencibilidade à doenças. Um exemplo de construção de política pública diz respeito ao artigo de Lenz-de-Oliveira et al. (2010), presente na revisão integrativa, onde os autores propuseram construir uma cartilha sobre violência conjugal e discutir isso com a população da comunidade.

Essa questão se estende também à clínica psicológica. É importante que os profissionais de Psicologia estejam atentos aos modelos de masculinidade que perpassam as vivências dos pacientes, buscando compreender como esses modelos influenciam na vida desse homem e das pessoas ao seu redor. Além disso, é importante questionar ativamente esses modelos, colocando que eles não são fixos, mas passíveis de serem questionados.

Na terapia em casal esse movimento se torna ainda mais importante. Uma vez que algumas dinâmicas sociais estão introjetadas em ambos os cônjuges, que muitas vezes não percebem os impactos que elas têm no parceiro ou parceira, é importante auxiliar o casal nessa comunicação que não acontece. Dada a dificuldade dos homens em se abrir, em falar de sentimentos, não é suficiente perguntarmos “Como você está se sentindo?”, mas devemos ir além, buscando técnicas e formas de auxiliar esse homem a se perceber e a se conhecer, para que então possa, de fato, responder a essa pergunta. Além disso, é importante acolhermos a parceira que vive sem respostas, que foi o caso das três mulheres entrevistadas.

Aqui surge uma nova sugestão de estudo futuro, que olhe para o processo terapêutico, tanto individual quanto de casal, e busque descrever o que tem sido usado por nós terapeutas para lidar com essas demandas, tanto em relação a técnicas quanto a abordagens. Uma vez que a clínica funciona a partir de reflexões catárticas, como esse espaço funciona, quando os pacientes não sabem o que sentem? Essas são perguntas que apontam para a responsabilidade social que a Psicologia científica tem em sua busca para se adequar a seus clientes, e não cair na armadilha de dizer que esses clientes que não são adequados à terapia. A responsabilidade é nossa de atender as demandas que chegam até nós. Com isso, mais pesquisas são necessárias para aprofundar na questão do tratamento clínico.

Referências

- Amarijo, C. L., Figueira, A. B., Ramos, A. M., & Minasi, A. S. A. (2020). Relações de poder nas situações de violência doméstica contra a mulher: tendência dos estudos. *Revista Cuidarte, 11(2)*, 1-14.
- Avila, L. A., Filho, G. M. de A., Guimarães, E. F. U., Gonçalves, L. C. S., Paschoalin, P. N., & Aleixo, F. B. (2014). Caracterização dos padrões de dor, sono e alexitimia em pacientes com fibromialgia atendidos em um centro terciário brasileiro. *Revista Brasileira de Reumatologia, 54(5)*, 409–413.
<https://doi.org/10.1016/j.rbr.2014.03.017>
- Batista, C., Pereira, C., & Orcid, M. (2020). Comunicação conjugal negativa e aberta: modelo interdependente de efeito ator / parceiro no ajustamento conjugal. *Ciências Psicológicas, 14(2)*, 1–16. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2283>
- Benevides, R. F. C., & Boris, G. D. J. B. (2021). A Experiência Vivida de Mulheres na Conjugalidade Contemporânea: Uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial. *Psicologia: Ciência e Profissão, 41(3)*, 1–12.
<https://doi.org/10.18065/rag.2020v26n1.2>
- Blanchard, V. L., Hawkins, A. J., Baldwin, S. A., & Fawcett, E. B. (2009). Investigating the effects of marriage and relationship education on couples' communication skills: A meta-analytic study. *Journal of Family Psychology, 23(2)*, 203-214.
<https://doi.org/10.1037/a0015211>
- Bonnaire, C., & Baptista, D. (2019). Internet gaming disorder in male and female young adults: The role of alexithymia, depression, anxiety and gaming type. *Psychiatry Research, 272*, 521–530. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.158>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3(2)*, 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

- Buschmeyer, A., & Lengersdorf, D. (2016). The differentiation of masculinity as a challenge for the concept of hegemonic masculinity. *Norma*, 11(3), 190–207.
<https://doi.org/10.1080/18902138.2016.1217672>
- Campbell, J. C., Webster, D., Koziol-McLain, J., Block, C., Campbell, D., Curry, M. A., Gary, F., Glass, N., McFarlane, J., Sachs, C., Sharps, P., Ulrich, Y., Wilt, S. A., Manganello, J., Xu, X., Schollenberger, J., Frye, V., & Laughon, K. (2003). Risk factors for femicide in abusive relationships: results from a multisite case control study. *American journal of public health*, 93(7), 1089–1097.
<https://doi.org/10.2105/ajph.93.7.1089>
- Carneiro, B. V., & Yoshida, E. M. P. (2009). Alexitimia: uma revisão do conceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(1), 103–108. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722009000100012>
- Ceniza, M., & Allan, R. (2021). Conceptual and Application Considerations of Emotionally Focused Therapy With White Heterosexual Working-Class Rural Males. *Family Journal*, 29(2), 200–207. <https://doi.org/10.1177/1066480720966525>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic masculinity rethinking the concept. *Gender and Society*, 19(6), 829–859.
<https://doi.org/10.1177/0891243205278639>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2020). Aspects of the marital relationship that characterize secure and insecure attachment in men and women. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190045>
- Dainese, G. (2017). Os casos e o gênero: Acontecimentos da moralidade camponesa. *Revista Estudos Feministas*, 25(2), 733–755. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p733>
- Delatorre, M. Z., Scheeren, P., & Wagner, A. (2017). Conflito conjugal: Evidências de validade de uma escala de resolução de conflitos em casais do sul do Brasil. *Avances*

En Psicologia Latinoamericana, 35(1), 79–94.

<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742>

Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. (2014). Gênero, conjugalidades e violência: Uma proposta de intervenção sistêmica-feminista. Em C. Stevens, S. R. Oliveira, & V. Zanello (Eds.), *Estudos feministas e de gênero: Articulações e perspectivas* (pp. 161-175). Florianópolis.

Eid, P., & Boucher, S. (2012). Alexithymia and dyadic adjustment in intimate relationships: Analyses using the actor partner interdependence model. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 31(10), 1095–1111.
<https://doi.org/10.1521/jscp.2012.31.10.1095>

Elkholy, H., Elhabiby, M., & Ibrahim, I. (2020). Rates of Alexithymia and Its Association With Smartphone Addiction Among a Sample of University Students in Egypt. *Frontiers in Psychiatry*, 11(April), 9–14. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00304>

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>

Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. Em T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: permanências e rupturas* (1a ed., pp. 83–107). Casa do Psicólogo.

Freire, L. (2010). Alexitimia: dificuldade de expressão ou ausência de sentimento? Uma análise teórica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 15–24.
<https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000100003>

Frye-Cox, N. E., & Hesse, C. R. (2013). Alexithymia and marital quality: The mediating roles of loneliness and intimate communication. *Journal of Family Psychology*, 27(2), 203–211. <https://doi.org/10.1037/a0031961>

Gao, T., Li, J., Zhang, H., Gao, J., Kong, Y., Hu, Y., & Mei, S. (2018). The influence of

alexithymia on mobile phone addiction: The role of depression, anxiety and stress.

Journal of Affective Disorders, 225, 761–766.

<https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.08.020>

Garfield, R. (2010). Male emotional intimacy: How therapeutic men's groups can enhance couples therapy. *Family Process*, 49(1), 109–122. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01311.x>

Goldenberg, M. (2014). Casamentos invertidos: acusações e preconceitos em arranjos conjugais desviantes. *Sociologia e Antropologia*, 4(2), 495–518.

<https://doi.org/10.1590/2238-38752014V428>

Guvensel, K., Dixon, A., Chang, C., & Dew, B. (2018). The Relationship Among Gender Role Conflict, Normative Male Alexithymia, Men's Friendship Discords With Other Men, and Psychological Well-Being. *Journal of Men's Studies*, 26(1), 56–76.

<https://doi.org/10.1177/1060826517719543>

Grandesso, M. (2001, novembro). Terapias pós-modernas: Um panorama [Trabalho apresentado em congresso]. Em World Family Therapy Congress, Porto Alegre, RS, Brasil.

Hare-Mustin, R. T. (1978). A Feminist Approach to Family Therapy. *Family Process*, 17(2), 181–194. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1978.00181.x>

Hemming, L., Pratt, D., Shaw, J., & Haddock, G. (2020). Prison staff's views and understanding of the role of emotions in prisoner suicide and violence. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 31(6), 868–888.

<https://doi.org/10.1080/14789949.2020.1807584>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. (2020). *Atlas da Violência 2020*.

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/51/atlas-da-violencia-2020>

Iveniuk, J., Waite, L. J., Laumann, E., McClintock, M. K., & Tiedt, A. D. (2014). Marital conflict in older couples: Positivity, personality, and health. *Journal of Marriage and*

Family, 76(1), 130-144. <https://doi.org/10.1111/jomf.12085>

Jewkes, R., Morrell, R., Hearn, J., Lundqvist, E., Blackbeard, D., Lindegger, G., Quayle, M., Sikweyiya, Y., & Gottzén, L. (2015). Hegemonic masculinity: combining theory and practice in gender interventions. *Culture, Health and Sexuality*, 17(S2), 112–127. <https://doi.org/10.1080/13691058.2015.1085094>

Khosravani, V., Sharifi Bastan, F., Avatefi, B., & Mofidi, F. (2017). Alexithymia influences craving through facets of emotion regulation in alcoholic patients. *Journal of Substance Use*, 23(1), 29–35. <https://doi.org/10.1080/14659891.2017.1333163>

King, J. L., & Mallinckrodt, B. (2000). Family Environment and Alexithymia in Clients and Non-Clients. *Psychotherapy Research*, 10(1), 78–86.

Lambie, J. A. (2008). On the irrationality of emotion and the rationality of awareness. *Consciousness and Cognition*, 17(3), 946–971. <https://doi.org/10.1016/j.concog.2007.03.005>

Larsen, J. K., Van Strien, T., Eisinga, R., & Engels, R. C. M. E. (2006). Gender differences in the association between alexithymia and emotional eating in obese individuals. *Journal of Psychosomatic Research*, 60(3), 237–243. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2005.07.006>

Laville, C., & Dionne, J. (1999). Das Informações à Conclusão. Em *A construção do saber* (1a ed., pp. 197–231). Penso.

Lederer, W. J., & Jackson, D. D. (1968). *The mirages of marriage*. Norton.

Lenz-de-Oliveira, K., Santos, M. M. dos, Moura, S. A. de, Garcia, W. I., & Gomes, R. (2010). Elaborando uma cartilha sobre as ambiguidades da violência conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 428–439. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932010000200016>

Leshem, R., Lieshout, P. H. H. M. Van, David, S. Ben, & David, B. M. Ben. (2019). Does

- emotion matter? The role of alexithymia in violent recidivism: A systematic literature review. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 29(2), 94–110.
<https://doi.org/10.1002/cbm.2110>
- Levant, R. F. (1992). Toward the Reconstruction of Masculinity. *Journal of Family Psychology*, 5(3–4), 379–402. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.5.3-4.379>
- Levant, R. (1998). Deperately seeking language: Understanding, assessing, and treating normative male alexithymia. Em W. Pollack & R. Levant (Eds.), *A New Psychotherapy for Traditional Men* (pp. 35–56). Wiley.
- Levant, R. F., Hall, R. J., Williams, C. M., & Hasan, N. T. (2009). Gender differences in alexithymia. *Psychology of Men and Masculinity*, 10, 190–203.
- Levant, R. F. (2011). Research in the Psychology of Men and Masculinity Using the Gender Role Strain Paradigm as a Framework. *American Psychologist*, 66(8), 765–776.
<https://doi.org/10.1037/a0015652>
- Levant, R. F., Joel Wong, Y., Karakis, E. N., & Welsh, M. M. (2015). Mediated moderation of the relationship between the endorsement of restrictive emotionality and alexithymia. *Psychology of Men and Masculinity*, 16(4), 459–467.
<https://doi.org/10.1037/a0039739>
- Liaqat, H., Malik, T. A., & Bilal, A. (2020). Impact of masculinity and normative male alexithymia on interpersonal difficulties in young adult males. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 8(2), 1–19. <https://doi.org/10.6092/2282-1619/mjcp-2488>
- Lomas, T., Edginton, T., Cartwright, T., & Ridge, D. (2014). Men developing emotional intelligence through meditation? Integrating narrative, cognitive and electroencephalography (EEG) evidence. *Psychology of Men and Masculinity*, 15(2), 213–224. <https://doi.org/10.1037/a0032191>
- Lopes, R. F., & Gouveia-Pereira, M. (2017). Efeitos individuais e familiares em crimes: Abuso sexual, violência conjugal e homicídio. *Análise Psicológica*, 35(3), 323–338.

<https://doi.org/10.14417/ap.1181>

- Lyvers, M., Stafford, K. A., Edwards, M. S., & Thorberg, F. A. (2016). Alexithymia and caffeine: the role of caffeine expectancies and craving. *Journal of Substance Use*, 22(3), 265–273. <https://doi.org/10.1080/14659891.2016.1184333>
- Mahapatra, A., & Sharma, P. (2018). Association of Internet addiction and alexithymia – A scoping review. *Addictive Behaviors*, 81, 175–182. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.02.004>
- Mantani, T., Saeki, T., Inoue, S., Okamura, H., Daino, M., Kataoka, T., & Yamawaki, S. (2007). Factors related to anxiety and depression in women with breast cancer and their husbands: Role of alexithymia and family functioning. *Supportive Care in Cancer*, 15(7), 859–868. <https://doi.org/10.1007/s00520-006-0209-4>
- Markman, H. J., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Ragan, E. P., & Whitton, S. W. (2010). The premarital communication roots of marital distress and divorce: The first five years of marriage. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 289-298. <https://doi.org/10.1037/a0019481>
- Martins, M. R. I., Cunha, A. M. R. da, Forni, J. E. N., Júnior, R. dos S., Dias, L. C., & Filho, G. M. de A. (2017). Self-perception of quality of life and identification of alexithymia in failed back surgery syndrome patients. *Revista Dor*, 18(1), 23–26. <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20170006>
- Mattila, A. K. (2009). *Alexithymia in Finnish General Population. Tampere School of Public Health*.
- McCallum, M., Piper, W. E., Ogrodniczuk, J. S., & Joyce, A. S. (2003). Relationships among psychological mindedness, alexithymia and outcome in four forms of short-term psychotherapy. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 76(2), 133–144. <https://doi.org/10.1348/147608303765951177>

- Messina, A., Beadle, J. N., & Paradiso, S. (2014). Towards a classification of alexithymia: Primary, secondary and organic. *Journal of Psychopathology*, 20(1), 38–49.
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1981). *Family Therapy Techniques*. Harvard University Press.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). Terapia Familiar: Conceitos e Métodos. Em *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7th ed.). Artmed.
- Nobis, R., & Sandén, I. (2008). Young men's health: A balance between self-reliance and vulnerability in the light of hegemonic masculinity. *Contemporary Nurse*, 29(2), 205–217. <https://doi.org/10.5172/conu.673.29.2.205>
- Noronha, C. V. (2013). Modalidades de violência, conjugalidade e vitimização feminina. *Revista Eletrônica de Humanidades Do Curso de Ciências Sociais Da UNIFAP*, 6, 47–60.
- Ogrodniczuk, J. S. (2007). Alexithymia: Considerations for the Psychotherapist. *Psychotherapy Bulletin*, 42(1), 4–7.
- Oliveira, M. R. L. G. de. (2001). *Alexitimia na algia pélvica crônica*. Universidade Estadual de Campinas.
- Olson, M. E., Laitila, A., Rober, P., & Seikkula, J. (2012). The Shift from Monologue to Dialogue in a Couple Therapy Session: Dialogical Investigation of Change from the Therapists' Point of View. *Family Process*, 51(3), 420–435. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01406.x>
- Pedersen, A. F., Sørensen, J. K., Bruun, N. H., Christensen, B., & Vedsted, P. (2016). Risky alcohol use in Danish physicians: Associated with alexithymia and burnout?. *Drug and Alcohol Dependence*, 160, 119–126. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2015.12.038>
- Pelúcio, L. (2015). Narrativas infieis: Notas metodológicas e afetivas sobre experiências das

- masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *Cadernos Pagu*, 2015(44), 31–60. <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440031>
- Perelberg, J. R. (2011). Equality, asymmetry, and diversity: on conceptualizations of gender. Em J. R. Perelberg & A. C. Miller (Eds.), *Gender and Power in Families* (pp. 34–62). Karnac.
- Pérusse, F., Boucher, S., & Fernet, M. (2012). Observation of couple interactions: Alexithymia and communication behaviors. *Personality and Individual Differences*, 53(8), 1017–1022. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.07.022>
- Porcelli, P., Leoci, C., Guerra, V., Taylor, G. J., & Bagby, R. M. (1996). A longitudinal study of alexithymia and psychological distress in inflammatory bowel disease. *Journal of Psychosomatic Research*, 41(6), 569–573. [https://doi.org/10.1016/S0022-3999\(96\)00221-8](https://doi.org/10.1016/S0022-3999(96)00221-8)
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clinica*, 23(1), 103–118. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000100007>
- Rice, S. M., Kealy, D., Oliffe, J. L., Treeby, M. S., & Ogradniczuk, J. S. (2020). Shame and guilt mediate the effects of alexithymia on distress and suicide-related behaviours among men. *Psychology, Health and Medicine*, 25(1), 17–24. <https://doi.org/10.1080/13548506.2019.1601747>
- Rocha, V., Guerra, M. P., & Maciel, M. J. (2010). Dependência tabágica, assertividade e alexitimia em doentes cardíacos. *Paidéia*, 20(46), 155–164. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2010000200003>
- Ross-Smith, A., & Kornberger, M. (2004). Gendered rationality? A genealogical exploration of the philosophical and sociological conceptions of rationality, masculinity and organization. *Gender, Work and Organization*, 11(3), 280–305. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2004.00232.x>

- Sanford, K. (2006). Communication during marital conflict: When couples alter their appraisal, they change their behavior. *Journal of Family Psychology, 20*(2), 256–265. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.256>
- Santos-Iglesias, P., & Byers, E. S. (2020). Development and initial validation of the verbal and nonverbal sexual communication questionnaire in Canada and Spain. *Sexual and Relationship Therapy, 35*(1), 60–76. <https://doi.org/10.1080/14681994.2018.1442569>
- Schimmenti, A., Passanisi, A., Caretti, V., La Marca, L., Granieri, A., Iacolino, C., Gervasi, A. M., Maganuco, N. R., & Billieux, J. (2017). Traumatic experiences, alexithymia, and Internet addiction symptoms among late adolescents: A moderated mediation analysis. *Addictive Behaviors, 64*, 314–320. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2015.11.002>
- Sifneos, P. E. (1973). The prevalence of “alexithymic” characteristic mechanisms in psychosomatic patients. *Psychotherapy and Psychosomatics, 21*, 133–136.
- Silva, A. N. da, Vasco, A. B., & Watson, J. C. (2013). Quando o cliente pensa que não sente e sente o que não pensa: Alexitimia e psicoterapia. *Análise Psicológica, 31*(2), 197–211.
- Silva, T. P. P. (2018). *Relação entre alexitimia e ingestão externa e emocional*. Universidade do Porto.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple Case Study Analysis*. The Guildford Press.
- Stergiou-Kita, M., Mansfield, E., Bezo, R., Colantonio, A., Garritano, E., Lafrance, M., Lewko, J., Mantis, S., Moody, J., Power, N., Theberge, N., Westwood, E., & Travers, K. (2015). Danger zone: Men, masculinity and occupational health and safety in high risk occupations. *Safety Science, 80*, 213–220. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2015.07.029>
- Sullivan, L., Camic, P. M., & Brown, J. S. L. (2015). Masculinity, alexithymia, and fear of

- intimacy as predictors of UK men's attitudes towards seeking professional psychological help. *British Journal of Health Psychology*, 20(1), 194–211.
<https://doi.org/10.1111/bjhp.12089>
- Tartaglino, M. F., Dillon, C., Hermida, P. D., Feldberg, C., Somale, V., & Stefani, D. (2017). Prevalence of Geriatric Depression and Alexithymia and their association with sociodemographic characteristics in a sample of elderly persons living in Buenos Aires, Argentina. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(4), 516–524.
<https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160126>
- Taylor, G. J., Bagby, R. M., & Parker, J. D. A. (1997). *Disorders of affect regulation: Alexithymia in medical and psychiatric illness*. Cambridge University Press.
- Teixeira, R. J. (2017). Alexithymia and Drug Addiction: Is There a Missing Link?. *MOJ Addiction Medicine & Therapy*, 3(3). <https://doi.org/10.15406/mojamt.2017.03.00036>
- Torrado, M., & Ouakinin, S. (2015). Maturação Orbitofrontal, Marcadores Somáticos e Vulnerabilidade Precoce: para uma Hipótese Compreensiva de “Miopia Emocional” na Toxicodependência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 97–104.
<https://doi.org/10.1590/0102-37722015011713097104>
- Torres, S., Guerra, M. P., Lencastre, L., Vieira, F., Roma-Torres, A., & Brandão, I. (2011). Prevalence of alexithymia in anorexia nervosa and its association with clinical and sociodemographic variables. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 60(3), 182–189.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852011000300006>
- Umamaheswar, J., & Tadros, E. (2021). “Not Anybody can be a Dad”: The Intergenerational Transmission of Masculinity Among Incarcerated Men. *Crime and Delinquency*, 0(0), 1–25. <https://doi.org/10.1177/00111287211047531>
- Walker, L. M., & Robinson, J. W. (2010). The unique needs of couples experiencing

androgen deprivation therapy for prostate cancer. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 36(2), 154–165. <https://doi.org/10.1080/00926230903554552>

Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. Em M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Org.), *O casal em crise* (p. 38–46). Summus.

Williams, C., & Wood, R. L. (2013). The impact of alexithymia on relationship quality and satisfaction following traumatic brain injury. *Journal of Head Trauma Rehabilitation*, 28(5). <https://doi.org/10.1097/HTR.0b013e318267b0ab>

Yousaf, O., Grunfeld, E. A., & Hunter, M. S. (2015). A systematic review of the factors associated with delays in medical and psychological help-seeking among men. *Health Psychology Review*, 9(2), 264–276. <https://doi.org/10.1080/17437199.2013.840954>

Anexo A

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ideais de masculinidade em relacionamentos: a expressão das emoções e a comunicação

Pesquisador: FELIPE MATTIELLO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29826020.8.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.987.145

Apresentação do Projeto:

A alexitimia é a incapacidade de identificar e nomear sentimentos e emoções, característica que pode ser relacionada aos modelos de socialização masculinos e às masculinidades hegemônicas. Assim, esta pesquisa propõe compreender o construto da alexitimia à luz de suas relações com os ideais de masculinidade, buscando compreender como ela se faz presente no contexto da comunicação conjugal. Através de um estudo transversal descritivo de casos múltiplos, serão realizadas entrevistas com questionário semiestruturado, que serão transcritas e analisadas à luz da Análise Temática. Os participantes serão casais heterossexuais que estão morando juntos a menos de dois anos. O número de participantes será preenchido de acordo com o critério de saturação.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo principal da pesquisa é compreender as interações entre a expressão e a compreensão de sentimentos na relação conjugal e os modelos de socialização masculinos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador acredita que a pesquisa oferece risco mínimo aos participantes, uma vez que não se trata de uma população com vulnerabilidade aparente e por se tratar de uma pesquisa que busca discutir questões que já fazem parte do dia-a-dia dos entrevistados.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.987.145

Como benefício, o pesquisador cita a possibilidade de a pesquisa proporcionar um momento de fomentação de reflexões que ajude o casal a melhorar sua relação e sua comunicação, além de funcionar como um espaço de conversa e de compartilhamento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador forneceu todos os termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. O projeto foi aprovado pelo CEP/CHS.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1480522.pdf	09/03/2020 19:37:44		Aceito
Outros	Lattes_Felipe.pdf	09/03/2020 19:36:47	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Outros	Lattes_Isabela.pdf	09/03/2020 19:36:32	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Instrumento_de_coleta.pdf	09/03/2020 19:35:14	FELIPE MATTIELLO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/03/2020 19:34:53	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	06/03/2020 18:02:49	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento.pdf	06/03/2020 18:00:42	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_etica.pdf	06/03/2020 17:59:54	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	06/03/2020 17:44:55	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_institucional.pdf	06/03/2020 17:44:14	FELIPE MATTIELLO	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.987.145

Cronograma	Cronograma.pdf	06/03/2020 17:43:48	FELIPE MATTIELLO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	06/03/2020 17:42:42	FELIPE MATTIELLO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 23 de Abril de 2020

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

Anexo B

Folder de divulgação da pesquisa no instagram



Instituto de Psicologia - UnB

**VOCÊ MORA COM
SEU(UA)
PARCEIRO(A) HÁ
MAIS DE DOIS
ANOS?**

Gostaríamos de saber mais sobre a sua experiência e entender como a comunicação do casal interfere na relação.

Responda a algumas perguntas e entraremos em contato com você!

A pesquisa acontecerá em um encontro virtual previamente agendado.

Felipe Mattiello - CRP 01/22388
(Psicólogo e pesquisador)



Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Ideais de masculinidade em relacionamentos: a expressão das emoções e a comunicação”, de responsabilidade de Felipe Mattiello, estudante de mestrado da Universidade de Brasília, orientado pela Profa. Dra. Isabela Machado da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. O objetivo desta pesquisa é investigar a comunicação entre homens e mulheres no relacionamento conjugal. Assim, gostaria de convidá-lo para cooperar com essa pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas e arquivos de gravação de áudio, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de gravador de voz. Acredita-se que esta pesquisa implique um risco mínimo para as participantes, uma vez que trata de temas presentes no dia-a-dia. É possível, no entanto, que cada pessoa entre em contato com demandas que acabem gerando algum tipo de desconforto ou angústia. Assim, caso o participante ou o pesquisador julguem necessário, será realizado o encaminhamento para psicoterapia individual ou de casal, no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília (CAEP-UnB). Além disso, o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento, caso sinta algum desconforto.

Alguns benefícios da pesquisa, por ter como proposta discutir a vida em casal, pode ser a fomentação de reflexões que ajudem ambos a melhorarem sua relação e sua comunicação, além de funcionar como um espaço de conversa e de compartilhamento,

possibilitando uma maior abertura para cada um falar de assuntos que às vezes não se sente confortável para falar em outros contextos.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento, sem que haja qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, pode me contatar através do telefone (61) 99873-9755 ou pelo e-mail mattiello.felipe@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes através de uma reunião de devolução a ser marcada com cada casal, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do pesquisador

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo D**Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa**

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado “Ideais de masculinidade em relacionamentos: a expressão das emoções e a comunicação”, sob responsabilidade de Felipe Mattiello, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo E

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- Perguntas sociodemográficas (idade, religião, profissão, escolaridade, grupo étnico e identificação de gênero)
- Contextualizar o casal (história, o que viram um no outro, a quanto tempo estão juntos, porque decidiram morar juntos)
- “Vocês brigaram e querem fazer as pazes, o que vocês fazem?”
- O que cada um considera como característica do marido/masculino e da esposa/feminino?
- O que é esperado de um(a) homem/mulher em um relacionamento?
- Como homens e mulheres se comunicam?
- Como cada um percebe o que a outra pessoa está sentindo?
- Como o outro se expressa para você?
- Como você se expressa para o outro?
- Você considera a outra pessoa comunicativa?
- Vocês conversam sobre seu relacionamento?
- Quais temas vocês têm mais dificuldade em discutir?
- Quais temas vocês têm mais facilidade em discutir?
- Vocês gostariam de conversar mais sobre seu relacionamento? Ou menos?
- Tem algum assunto sobre a relação de vocês que vocês gostariam que fosse mais discutido?
- Vocês percebem alguma dificuldade na outra pessoa para expressar o que sentem?
- Vocês percebem alguma dificuldade em si mesmo para expressar o que sentem?
- Vocês já sentiram algo, mas não conseguiram falar para a outra pessoa, mesmo tendo vontade
- Vocês já sentiram que a outra pessoa estava passando por algo / tinha algo para

compartilhar, mas não o fez?

- Como vocês expressam na relação quando estão tristes?
- Como vocês expressam na relação quando estão com raiva?
- Como vocês expressam na relação quando estão felizes?
- Como o outro se expressa quando está triste?
- Como o outro se expressa quando está com raiva?
- Como o outro se expressa quando está feliz?
- Vocês elogiam um ao outro?
- Vocês acreditam que homens têm maior dificuldade em expressar suas emoções /

comunicá-las? Por quê?

- Você acredita que isso influencia a sua relação?
- Vocês percebem diferenças entre como cada um lida com a comunicação entre o casal?
- Na sua relação durante esse tempo morando juntos, houve algum momento marcante

envolvendo alguma dificuldade de comunicação?

• Quais expectativas positivas vocês tinham em relação a morar juntos que foram atendidas e quais não foram?

• Quais expectativas negativas vocês tinham em relação a morar juntos que foram atendidas e quais não foram?

- Como você define uma boa comunicação dentro do relacionamento?